

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

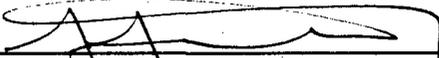
**A FERROVIA SÃO PAULO-RIO GRANDE E OS ÍNDIOS XOKLENG  
- RELAÇÕES INTERÉTNICAS E MODERNIDADE NO BRASIL MERIDIONAL-**

**Dissertação apresentada como exigência para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor Dr. Sílvio Coelho dos Santos.**

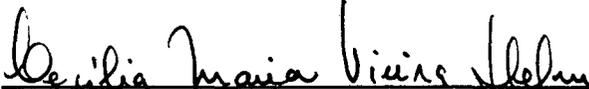
**WALMIR DA SILVA PEREIRA**

**MAIO DE 1995.**

**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovado pelo Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:**

  
**Dr. Silvío Coelho dos Santos**

  
**Dr. Robert Crépeau**

  
**Dra. Cecília Maria Vieira Helm**

## AGRADECIMENTOS

Ao grupo Xokleng do rio dos Pardos que me recebeu num misto de desconfiança e ansiedade por informações, especialmente sobre a terra indígena. Em particular a D. Maria Rosa Pereira - que não lembrou seu nome indígena -, a D. Gümü, a Kūna' ũ - que se imagina no papel de capitão dos índios - e a Dorico Pereira meus interlocutores mais frequentes.

Ao meu orientador Sílvio Coelho dos Santos, pela confiança e estímulo durante a orientação e, sobretudo, pela liberdade intelectual e apoio ao trabalho desenvolvido durante o processo de orientação da dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa recebida durante o período de créditos e elaboração do projeto de pesquisa que culminou com a dissertação. Ao corpo docente, em especial aqueles que foram meus professores nas disciplinas oferecidas pelo PPGAS e aos funcionários do CCH/UFSC pelo apoio e presteza em auxiliar-me durante o período de realização do curso.

Na Bibliografia, em seu final, apresento uma relação de Instituições - Arquivos Públicos, Bibliotecas, Museus e Universidades onde desenvolvi parte importante de minha investigação. Às pessoas que trabalham nessas Instituições gostaria de registrar meu agradecimento, pela ajuda e orientação inestimável no tratamento com a documentação e o material bibliográfico.

Deixo por fim registrado meu agradecimento especial ao apoio afetivo e de infra-estrutura recebido de amigos, colegas e familiares, através de pistas, indicações de textos, críticas e comentários ao trabalho e no sentido da atenção e solidariedade dispensada a mim no período de elaboração da dissertação. Entre as pessoas que me ajudaram nesta viagem, faço questão de lembrar: Rodrigo Venzon, João Batista Martins, Sonia Rosa, Edene Brizot, Magna Alves de Oliveira, Tarcísio da Fonte, Jorge Fernandes, Ivan Luiz Maria, Helena Silva, Carime Rossi Elias, Maria Dorotéia Post Darella, Ilza Jardim, Carlos Carraro, Nilson Thomé, Adriana Pagano, Lúcio Tadeu Mota, Fernanda Tochetto, Bruno Garcia, Luiza Kliemann, Vilson Cabral Junior, Luiz e Patrícia Dicarlo, Cristina Pelaez, Alexandre Miluck, Maria Helena Santana, Miriam Chagas, Sérgio Baptista, Maria Ferla.

## RESUMO

Esta dissertação focaliza a relação entre o grupo étnico Xokleng e agentes da "civilização moderna", consubstanciada a partir da construção-efetivação da EFSPRG (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande) na região Sul do Brasil, em fins do século XIX e limiar do século XX.

Esta etnografia do contato tem como base elementos de etno-história, entrevistas com interlocutores nativos e fontes de pesquisa documental. Trata-se de um *estudo de caso*, onde a utilização da história oral é alicerçada em pesquisa de campo junto aos atores sociais envolvidos na situação de contato (índios Xokleng, antigos operários da EFSPRG e estudiosos da região).

O presente trabalho visa contribuir para a interpretação de uma das faces pouco conhecidas e difundidas da civilização ocidental no sul do país e de seu impacto sobre os Xokleng, tradicionais ocupantes da região. O fio condutor que permeia tal empreitada envolve a história de construção-efetivação da EFSPRG, símbolo do projeto moderno implantado nas primeiras décadas da República, e a conseqüente ocupação do território histórico indígena.

## ABSTRACT

This dissertation reports on the contact between the ethnical group Xokleng and the agents of the "modern civilization", an interaction that dates from the late 1890s and the dawn of the twentieth century, when the EFSPRG (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande\*) was built and consolidated in the state of Santa Catarina.

Such contact ethnography is based on elements of ethno-history, interviews with native witnesses and documental sources. It is a *case study*, in which the use of oral history is set on the framework of field work involving the people who played a part in the contact scenario - Xokleng indians, former EFSPRG and local scholars.

This work aims to bring a contribution to the interpretation of one of the little known and publicized features of western civilization in the Brazilian South, and its impact on the area's traditional inhabitants, the Xokleng. Such task revolves around the history of the building and consolidation of the EFSPRG, a symbol of the modern project set forth in the first decades of the Republican times, and the subsequent occupation of indian historical territory.

---

\* São Paulo-Rio Grande railroad.

**"A concepção de progresso do gênero humano ao longo da história é algo inseparável da concepção de que esta transcorra num tempo homogêneo e vazio. A crítica à concepção desse processo precisa constituir o fundamento da crítica à própria concepção de progresso."**

**Walter Benjamin - *Teses Sobre a Filosofia da História*.**

## SUMÁRIO

RESUMO .....	03
ABSTRACT.....	04
ABREVIATURAS E LISTA DE MAPAS.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
<b>1- RELAÇÕES INTERÉTNICAS E MODERNIDADE .....</b>	<b>17</b>
1.1 - Contato interétnico: uma tradição crítica de estudos .....	17
1.2 - Antropologia e Modernidade .....	24
1.3 - Relação entre Antropologia e História .....	31
<b>2- ATORES SOCIAIS EM CONTATO .....</b>	<b>38</b>
2.1 - Etnologia do Contato no Brasil Meridional .....	38
2.2 - Presença Xokleng na região sul: resistência e conflito étnico.....	44
2.3 - A ferrovia São Paulo-Rio Grande e os ataques indígenas .....	63
2.4 - Presença do ferro e outros conflitos .....	69
<b>3 - MODERNIDADE NO BRASIL MERIDIONAL -</b>	
<b>O CAMINHO DE FERRO EM SANTA CATARINA .....</b>	<b>78</b>
3.1 - A Ferrovia no Mundo Moderno .....	78
3.2 - Ferrovias no Brasil: alguns traços constitutivos .....	82
3.3 - Empreendimento Moderno em solo Catarinense .....	94
3.3.1 - História de construção da EFSPRG .....	94
3.3.2 - Magnitude do empreendimento moderno .....	101
3.4 - Ferrovias e os índios: uma relação conflituosa .....	111
<b>4 - DRAMATICIDADE DA HISTÓRIA DO CONTATO .....</b>	<b>120</b>
4.1 - O grupo Xokleng do rio dos Pardos.....	120
4.2.1 - O trágico desfecho dos primeiros contatos .....	124
4.2.1 - SPILTIN e o confinamento indígena no Quati.....	128
4.3 - Aspectos sócio-culturais e históricos da vida indígena .....	132
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>139</b>
<b>6 - ANEXOS.....</b>	<b>146</b>
<b>7 - FOTOS .....</b>	<b>172</b>
<b>8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>184</b>

## LISTA DE ABREVIações

APPR: Arquivo Público do Paraná

EFSPRG: Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

GPD: Grande Projeto de Desenvolvimento

SPILTN: Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais

LUMBER: Souther Brazil Lumber Colonization and Company

NOB: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Localização atual dos Xokleng -16a

Mapa 2. Território Histórico Xokleng - 48a

Mapa 3. Estrada de Ferro SPRG (trecho total) - 96a

Mapa 4. Estrada de Ferro SP-RG (trecho em SC) - 101a

Mapa 5. Território Xokleng do Rio dos Pardos (Área identificada) -119a

## INTRODUÇÃO

Originariamente meu intuito era realizar um estudo etno-histórico sobre o grupo Xokleng do rio dos Pardos, localizado no município de Calmon, em Santa Catarina. A proposição do trabalho consistia em trazer à tona o conflito étnico entre índios e brancos no sul do país, representado, de modo emblemático, pelos ataques Xokleng contra o empreendimento de construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG).

Ao trabalhar com o material de arquivo, impressionou-me a centralidade que a imagem da ferrovia adquiria na literatura do período. Além disso, a riqueza e a diversidade do material coligido, durante a pesquisa de campo, evidenciaram a transformação radical e definitiva que a construção do caminho de ferro operou no *modus vivendi* da população indígena, ao mesmo tempo que impulsionou a modernização da região, alterando sensivelmente a dinâmica de vida no sertão meridional do país, em território que envolvia disputa litigiosa entre as Províncias de Santa Catarina e Paraná.

Diante de tal cenário, meu enfoque sofreu modificações, passando da ênfase preliminar calcada em estudo etno-histórico, para a apreensão do fenômeno em termos da análise de situação e da perspectiva histórico-cultural do significado da EFSPRG (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande) como marco da modernidade, instituída no Brasil meridional. Modernidade essa que apresentava-se como processo histórico-cultural globalizante, com as noções-chave de “civilização” e “progresso”, que assumem papel significativo no cenário do período.

As noções ideologicamente dominantes de "civilização" e "progresso", já a partir do final do Império e durante a República, eram entendidas "não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais" (SCHWARCZ, 1993:57)

\* \* \*

No final do século XIX e começo deste século, a área territorial focalizada neste trabalho (norte, noroeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná) era sinônimo de "rudeza" e de "terras devolutas". Essa área foi motivo de intensa disputa de limites entre as províncias - posteriormente estados - do Paraná e Santa Catarina, que acabou originando o conflito do Contestado. Os ocupantes dessa região eram índios (Kaingang e Xokleng), fazendeiros ou, ainda, caboclos, que ocupavam a terra como posseiros.

Em 1910, em parte dessa paisagem contínua e monótona, território<sup>1</sup> onde até então os Xokleng tinham sido os senhores absolutos, imagem de um universo percebido como áspero e primitivo, na então província de Santa Catarina, deu-se início à incorporação desse cenário, transformando-o em objeto de diferentes "projetos de desenvolvimento". Com tal objetivo, os governos republicano e provincial decidiram pegar o "trem da história" e do "progresso". Trágica e simultaneamente, trem da morte e da modernidade... Vamos partir com ele.

---

<sup>1</sup> - Na literatura etnológica atual podemos destacar duas formas distintas de tratamento do termo território: 1) espaço do grupo utilizado à sua reprodução física e cultural, "no sentido em que é usado de território habitado por um determinado grupo social"; e enquanto 2) espaço sócio-político e histórico ativamente assumido como do grupo, no sentido de que este território ou territorialidade de um grupo "é também objeto de disputa ou uma das formas que esta disputa assume - seja entre índios e não índios, seja entre os próprios índios, em caso de facções." (LEITE, 1993:X). Para uma discussão ampla e estreitamente vinculada à questão da reelaboração cultural e à proposta de análise e monitoramento da situação das terras indígenas num contexto específico, ver OLIVEIRA FILHO & LEITE (1993:V-XV).

A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), construída entre 1894 e 1910, revolucionou o transporte de pessoas, bens e a circulação de idéias na época de seu aparecimento, constituindo-se em um "Grande Projeto de Desenvolvimento" (GPD),<sup>2</sup> instituído no sertão catarinense, a partir de condições sócio-históricas e políticas estratégicas, a desvelar a magistral intervenção humana frente a natureza.

Empreendimento moderno de envergadura fáustica, os caminhos de ferro produziram conseqüências de caráter múltiplo que hoje, um século depois do seu aparecimento, ainda se fazem sentir. Dois aspectos histórico-culturais merecem destaque: 1) a relação que se estabeleceu entre a presença ancestral dos Xokleng no norte, noroeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná e a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande; 2) a natureza do processo de modernização - modernidade - que se desencadeia na região com o início de construção da EFSPRG.

---

<sup>2</sup> - O referente específico desta perspectiva de análise, que concebe a ferrovia São Paulo-Rio Grande enquanto um Grande Projeto de Desenvolvimento (GPD), situa-se no marco dos empreendimentos públicos que Sílvio Coelho dos Santos tem caracterizado como projetos macro-econômicos em que a presença estatal conduz e orienta os investimentos com vistas a afirmação do próprio Estado enquanto diretriz desenvolvimentista, direcionada pela ideologia do progresso a qualquer custo. (SANTOS:1989)

Os caminhos de ferro, na aurora do século XX, tomavam conta do sertão meridional. A baliza desse novo tempo - "de progresso" e de "desenvolvimento"<sup>3</sup> - é dada exatamente pelo início, em 1894, da construção-efetivação da ferrovia São Paulo-Rio Grande. O evento, de significado relevante para apreensão de uma mentalidade, deflagra um processo de circulação de bens e informações, além de concretizar a sonhada e projetada ligação entre o sul e o centro do país. Em especial, a EFSPRG constituiu-se em símbolo da modernidade que se expandia mundialmente, configurando, já a partir do terceiro quartel do século XIX, a constituição do moderno sistema mundial.

Instrumento técnico símbolo da era moderna, a ferrovia São Paulo-Rio Grande foi um mecanismo revolucionário - exemplo de uma "era do maquinismo" - que transformaria definitiva e radicalmente a região. Eis um fragmento representativo do clima reinante e das modificações em curso na região:

---

<sup>3</sup> - Progresso e desenvolvimento são noções intimamente relacionadas ao longo da História. RIBEIRO (1989:15-6;1991:176-7) evidencia quatro pontos básicos dessa relação: "Primeiro, a idéia de progresso, ou uma correlata, pode ser encontrada pelo menos desde a Grécia Antiga. Filósofos e historiadores atribuem a esta idéia um importante lugar na história do pensamento Ocidental. Também tem sido identificada como parte da visão judaico-cristã do mundo. Segundo, a idéia de progresso é uma concepção metafórica que ressalta continuidade e direcionalidade, baseada na observação de que as pessoas e outros seres vivos experimentam esse crescimento. Neste sentido, a idéia de progresso sempre fez surgir sua imediata e concorrente opositora, a idéia de decadência. Terceiro, a idéia de progresso torna-se central e dominante como parte do novo contrato social e universo ideológico que acompanham a chegada ao poder da burguesia no século XVIII, com o extraordinário desenvolvimento das forças produtivas - especialmente da tecnologia - que ela implica. Quarto, como parte dos processos de secularização e racionalização que se desenvolveram no século XIX, o desenvolvimento - idéia-gêmea do progresso - e a possibilidade de intervir racionalmente nos processos sociais tornaram-se uma ideologia explícita das elites dirigentes, incluindo intelectuais, fornecendo o contexto para o surgimento de utopias socialistas (Fourier e Saint-Simon, por exemplo) e um projeto tal como o de Comte de fundar uma física social. O evolucionismo também está estreitamente ligado a tais processos."

"A monotonia das margens do rio do Peixe, transformou-se como por encanto. Onde até pouco tempo somente se via moradores dispersos, casinhas primitivas, engenhos de cana e de farinha, tipo antediluviano, não esquecendo o legendário monjolo, hoje subindo ou descendo a margem esquerda do rio até sua barra no Uruguai, o panorama está mudado; casas, casinhas, ranchos em toda parte, e *as locomotivas, sibilando em ambas as direções, atestam o que pode a actividade humana, o capital, a picareta, a pólvora e o dinamite.*" (Editorial Jornal VANGUARDA, Campos Novos, 15/04/ 1910; grifo meu).

A região em questão experimentou, entre o apagar das luzes do século XIX e a aurora do século XX, momentos de euforia e otimismo que, paulatinamente, foram cedendo lugar ao panorama sombrio e conflituoso da Guerra do Contestado. Os trilhos de ferro encontravam-se no epicentro deste conflito de proporções épicas, nos moldes do clássico episódio de Canudos, no sertão nordestino brasileiro.

A construção da EFSPRG vinha a ser um acontecimento de impacto. No recôndito de uma província eminentemente ruralizada, o caminho de ferro despontava como elemento revolucionário. Da tropa de muares para o trem a vapor, da tração em rodas para a tração mecânica, desfrutava-se das conquistas técnicas de ponta da revolução industrial, apesar das sensíveis discrepâncias sócio-culturais em relação ao contexto de origem das transformações em marcha.

A ferrovia e o progresso da região sul, e, de certo modo, do próprio Brasil republicano passaram a ser inevitavelmente associados, calando fundo nos espíritos da época.<sup>4</sup> Constituíam um espetáculo mobilizador, demarcando a

---

<sup>4</sup> - Esta impressão da força da ferrovia, vista como símbolo da modernidade que se expande mundialmente, de modo a atuar eficazmente no imaginário coletivo, ganhou contornos definitivos a partir da obra paradigmática de Francisco Foot Hardman **Trem Fantasma - A Modernidade na Selva**. (Companhia das Letras, São Paulo, 1988) Texto que emociona prazerosamente e (im)pressiona a evocações múltiplas, onde estão presentes elementos de filosofia política clássica, prosa literária, história cultural e das mentalidades, imagem-texto fotográfico, construção textual fortemente inspirada em um plano cinematográfico - através da técnica de montagem - e marcadamente de cunho antropológico; empreendimento crítico e interpretativo a la Clifford Geertz em sua **Interpretação das Culturas**. Evoca-se uma descrição densa, capaz de suscitar uma gama plural de leituras e interpretações.

percepção de um novo tempo na visão dos homens e mulheres que entravam em contato com a magnitude do empreendimento moderno.

\* \* \*

### A pesquisa de campo e a pesquisa documental

Em novembro de 1993, realizei um mapeamento preliminar na região definida para o trabalho de campo. Naquela ocasião, mantive contatos com autoridades locais, levantando informações a respeito da situação dos Xokleng e da possibilidade de pesquisa junto ao grupo. Em janeiro de 1994, mantive meu primeiro contato com o grupo Xokleng do rio dos Pardos, momento em que produzi um censo parcial a respeito da população indígena. Nessa ocasião, a partir de solicitação do grupo, procurei obter informações sobre a situação das terras indígenas, consultando as instituições responsáveis pelo processo de demarcação e homologação da área.

No que concerne à pesquisa documental, privilegiei a consulta aos arquivos públicos da região sul, através da análise de documentos oficiais (requerimentos, relatórios provinciais e ofícios), além de consulta a jornais do período e a arquivos privados de pessoas envolvidas com a construção da EFSPRG e com a presença indígena na região.

A partir de então, realizei mais três viagens à região, concentrando a observação junto aos interlocutores Xokleng: Maria Rosa Pereira, Maria Madalena Pereira, Adão Pereira, Dorico Pereira e seus familiares. Na realidade, foi com essas pessoas que estive mais diretamente envolvido durante a pesquisa de campo. Uma das principais dificuldades encontradas foi a ausência de fluência na língua nativa, tornando-se necessária a coleta dos dados em língua portuguesa, o que, reconheço de antemão, dificultou o entendimento da visãoêmica sobre o

processo social de interação na região. De outro lado, deve-se ressaltar que atualmente esse grupo conta com somente três pessoas que falam a língua Xokleng, fato que por si só já confere grau de dificuldade considerável para qualquer tentativa de levar a pesquisa na língua nativa. Durante a pesquisa de campo, foram realizadas 29 (vinte e nove) entrevistas, de janeiro a agosto de 1994, distribuídas entre os índios, os antigos trabalhadores da EFSPRG e os estudiosos que produziram trabalhos referentes ao grupo indígena e à ferrovia. Com relação aos Xokleng, meu propósito original foi contatar interlocutores valorizando o critério geracional.<sup>5</sup>

A presente dissertação enquadra-se no campo de pesquisa das relações de contato entre índios e brancos, âmbito da clássica problemática das relações interétnicas (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA:1962,1964,1981; CARNEIRO DA CUNHA: 1986; SANTOS:1970,1973; GLUCKMAN:1968; OLIVEIRA FILHO:1988; BARTH: 1969; LARAIA & MATTA:1967;) e na perspectiva analítica engendrada pelas abordagens contemporâneas referentes à modernidade (Cf. BERMAN:1987; BALANDIER:1970,1989; HABERMAS:1988; SAHLINS:1988,1990; GEERTZ:1978, 1983; CANCLINI:1989; entre outros).

No capítulo I, tematizo, preliminarmente, a relação entre antropologia e modernidade, resumindo, a seguir, a convergência entre antropologia e história a partir dos trabalhos de SAHLINS, GEERTZ e DARTON (1986).

---

<sup>5</sup> - Assim privilegiei a interlocução com uma pessoa jovem, com a pessoa mais idosa e com uma pessoa madura que se apresentava como liderança, visando dialogar a respeito da situação que se criou entre índios e brancos a partir da construção da EFSPRG em território tradicional e do significado do empreendimento moderno para a cultura grupal. Essa proposta viabilizava-se para observação junto aos Xokleng. Em relação aos informantes regionais, minha opção foi confrontar os documentos históricos com seus depoimentos acerca da relação criada entre índios e brancos, a fim de perceber as representações escritas e verbalizadas produzidas pelos atores regionais a respeito do contato interétnico.

No capítulo II, dedicado à compreensão das relações entre os atores sociais em conflito, descrevo, a partir de elementos de etno-história e de história oral, a reação dos Xokleng, iluminando mais uma face da relação entre índios e brancos no sul do País. Com essa finalidade apresento, de forma introdutória, a visão e vivência dos Xokleng e dos atores regionais referentes à situação de contato interétnico, a partir da experiência de construção-efetivação da EFSPRG em Santa Catarina. Na seção inicial deste capítulo, esboço a perspectiva de um estudo de situação como postura teórica adequada para o entendimento da situação de contato vivenciada pelos Xokleng e integrantes da sociedade nacional.

Já no capítulo III, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, procuro destacar o significado da ferrovia no sertão catarinense. A EFSPRG, entendida como um Grande Projeto de Desenvolvimento - GPD -, é vista como símbolo da presença moderna em território de ocupação tradicional indígena. Nesse sentido, procuro demonstrar a força do empreendimento moderno instituído em Santa Catarina, a estreita vinculação com a formação do Estado-Nação e a emergência da modernidade no Brasil meridional.

No capítulo IV, produzo, a partir dos dados de campo, uma síntese etnográfica do grupo do rio dos Pardos, enfatizando a dramaticidade da situação de contato e a presença em cena do grupo confinado em 1918. Trata-se de uma descrição do contexto histórico que acabou possibilitando aos Xokleng do rio dos Pardos chegarem ao presente na situação de grupo étnico resistente, apesar das difíceis condições de vida enfrentadas.

As considerações finais caminham no sentido de realçar o significado do surgimento da modernidade na região sul do Brasil. Concomitantemente, registro a presença contemporânea do grupo Xokleng do rio dos Pardos enquanto ator social resistente. Tais considerações apontam para a viabilidade de continuidade

da pesquisa e (re)afirmam a condição do grupo em sua luta pela construção-manutenção de traços diacríticos que conformam uma identidade étnica diferenciada.

Finalmente, apresento em anexo documentos que julgo relevantes a respeito da trajetória étnica e histórica experienciada pelos Xokleng do rio dos Pardos. Insiro, também, um conjunto de fotos reunindo material referente a: I) Grupo étnico Xokleng; II) Ferrovia São Paulo-Rio Grande; III) Devastação dos recursos ambientais provocada pela Souther Brazil Lumber and Colonization Company<sup>6</sup> (Lumber) na região sul.

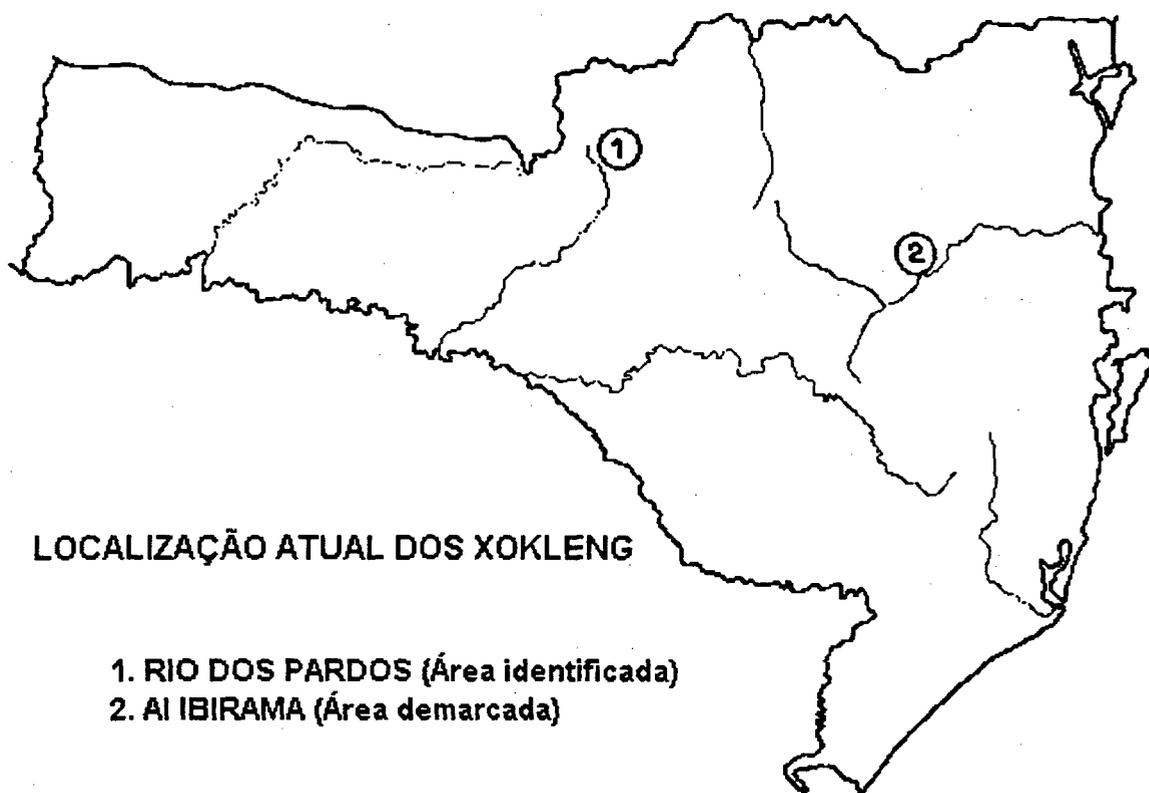
Este trabalho é o primeiro, sistemático, a focalizar o grupo do rio dos Pardos, contactado e confinado por João Gomes Pereira, no então município de Porto União. A meu juízo, a aproximação inicial aos Xokleng descortina um campo de pesquisa que possibilitará estudos comparativos entre esses índios e o grupo reservado na AI Ibirama, em Santa Catarina.<sup>7</sup> Por outro lado, ressalto que trata-se de um estudo de caso que apresenta, em linhas gerais, o impacto de um GPD em território indígena, ao mesmo tempo que sinaliza traços de resistência étnica e a tentativa de construção-manutenção de sinais diacríticos ao longo da história Xokleng.

\*\*\*

---

<sup>6</sup> - A Souther Brazil Lumber Colonization and Company (Lumber), empresa de colonização e maior serraria da América do Sul no período, era uma das subsidiárias da Brazil Railway - holding do grupo Farquhar -. Esse grupo conhecido, também, pela denominação de Sindicato Farquhar, entre outras atividades econômicas, dominava mais da metade dos negócios ferroviários no País entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX.

<sup>7</sup> - Existe um outro grupo Xokleng, contactado inicialmente por Eduardo Hoerhan em 1914, localizado na AI de Ibirama, municípios de José Boiteux e Vitor Meireles, Alto Vale do Itajaí, centro do Estado de Santa Catarina. Sobre o mesmo ver HENRY (1941); SANTOS (1973,1994); URBAN (1978); MULLER (1985); NAMEN (1994).



## CAPÍTULO 1

### RELAÇÕES INTERÉTNICAS E MODERNIDADE

#### 1.1. Contato interétnico: uma tradição crítica de estudos

"Os autores evolucionistas e funcionalistas, ao definirem o marco da disciplina, inauguram e prescrevem uma forma própria de olhar e pensar sobre as sociedades humanas. Os conceitos elaborados por eles e seus discípulos imediatos decorrem dessa percepção elementar, raramente sendo explicitados os seus pressupostos. Os obstáculos ao estudo do contato derivam de percepções desse tipo, localizadas na base dos principais quadros teóricos de referência existentes na antropologia, de onde precisam ser desentranhadas e submetidas a uma postura crítica." (OLIVEIRA FILHO, 1988:25)

Na contemporaneidade, momento em que as sociedades e os povos indígenas não mais representam sinônimos de exotismo e de distanciamento, mas, ao contrário, encontram-se inseridos na cotidianeidade e no imaginário político moderno, o conhecimento a respeito de como se desenvolveram as relações interétnicas entre índios e brancos torna-se, cada vez mais, matéria para a Antropologia Social.

Em termos históricos, o projeto de Roberto Cardoso de Oliveira "Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil", do qual **O Índio e o Mundo dos Brancos** (1962) foi o trabalho pioneiro, tornou-se um marco na Antropologia brasileira voltada à problemática do contato interétnico. O referido projeto proporcionou o aparecimento de obras significativas anos depois, que ampliaram,

de modo expressivo, os dados empíricos relativos ao contato interétnico.<sup>8</sup> MATTA & LARAIA, trouxeram precisas informações sobre a situação dos índios Asurini, Gaviões e Suruí, localizados numa área de exploração da castanha e de seus coletores nativos. MELATTI enfatizou as condições de contato interétnico entre o grupo Krahô e os regionais, componentes de uma frente de expansão da sociedade nacional de caráter pastoril. SANTOS investigou a história de contato dos Kaingang e dos Xokleng de Santa Catarina, cujas relações com os regionais, descendentes de imigrantes europeus, marcaram profundamente o caráter das relações interétnicas na região sul do Brasil.

Nesses estudos sobre a problemática do contato interétnico, privilegiava-se, na observação da conduta dos grupos e dos atores sociais e na análise de suas representações, o sistema de relações interétnicas. Conforme CARDOSO DE OLIVEIRA (1981:01) "menos do que tratar os grupos e as categorias sociais emergentes da situação de contato como um sistema de elementos determinado pela conjunção intercultural, o que se propunha era estudar o sistema de relações, a sujeição e a dominância dos grupos envolvidos, sua interdependência e as intuições indígenas e nacionais (sobretudo estas últimas) em operação."

Para o autor, o problema central, no plano da construção teórica, diz respeito à crítica da noção de sistema, tal como era empregada nas Ciências Sociais do período. "Não se buscava empregar nem a noção de sistema, tal como aparece nos estudos de aculturação (SIEGEL et alii;1954, DOHENWEND & SMITH; entre outros), nem a orientação 'sistêmica', de caráter formalista e

---

<sup>8</sup> - Em especial **Índios e Castanheiros; Índios e Criadores; A Integração do Índio na Sociedade Regional e Índios e Brancos no Sul do Brasil**, editados respectivamente por Difusão Européia do Livro, 1967, de Roque de Barros Laraia e Roberto Augusto da Mata; Instituto de Ciências Sociais, Monografia n.3, 1967, de Júlio Cesar Mellati; Anais do Museu de Antropologia, 1969, ano II, n.2, UFSC, Florianópolis; Edeme, 1973, Florianópolis, de Sílvio Coelho dos Santos.

comprometida com um certo sociologismo de inspiração parsoniana" (Op. cit., p. 01)

CARDOSO DE OLIVEIRA buscava, inicialmente, a construção de uma "sociologia estrutural e dinâmica", expressão pela qual procurava acentuar o enfoque teórico desenvolvido por Georges Balandier, cuja obra contribuiu decisivamente na elaboração da noção de fricção interétnica<sup>9</sup> - categoria fundamental para a constituição de uma abordagem crítica e renovada dos estudos antropológicos referentes ao contato interétnico nos anos 60 e 70, na América Latina, em particular no Brasil.

Segundo CARDOSO DE OLIVEIRA (1981:07), Balandier viabilizava "a construção de uma boa sociologia da alteridade cultural, onde as contradições estruturais e os conflitos sociais fossem explicados como elementos naturais de totalidades sociais, vistas em termos de sua estrutura social e de seu processo de mudança ou de sua dinâmica; tratava-se assim de *privilegiar o contexto colonial da situação de contato interétnico, onde colonizadores e colonizados viviam num mesmo espaço social, estratificado e determinado por contradições étnicas e de classe.*" (grifo meu).

Nesse sentido, pode-se dizer que o autor acabou produzindo uma estratégia de investigação que concentrava a pesquisa sobre o contato interétnico na descrição e análise das relações de conflito em lugar de focalizar as relações de equilíbrio, privilegiadas pelas teorias de aculturação.

---

<sup>9</sup> - Por fricção interétnica o autor entende "o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus *aspectos competitivos* e, no mais das vezes, *conflituosos*, assumindo esse contato muitas vezes proporções "totais", i.é., envolvendo toda a conduta tribal e não tribal que passa a ser moldada pela *situação de fricção interétnica*. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1981:118; grifos do autor)

De acordo com OLIVEIRA FILHO (1988),<sup>10</sup> os obstáculos básicos ao estudo do contato interétnico, situados em diferentes níveis de generalidades, podem ser sintetizados em dois pressupostos: a naturalização da sociedade e a perspectiva de entendimento e resolução do fenômeno do contato através de uma solução dualista.

No dizer desse autor, a naturalização da sociedade levada a cabo por antropólogos como TYLOR, utiliza as ciências biológicas como paradigma para o conhecimento dos fenômenos da cultura, propondo como tarefa básica do pesquisador proceder a uma comparação sistemática entre tais fenômenos, distinguindo-os uns dos outros e agrupando-os em classes, gêneros e espécies.

De modo idêntico, as análises de FRAZER e MORGAN norteavam-se pela concepção evolucionista difundida na época. Note-se que o panorama no Brasil apresentava os estudos antropológicos vinculados à ciência biológica, em sua interpretação poligenista. Já as análises etnológicas (de uma antropologia cultural ou etnologia social) mantêm-se ligadas a uma orientação humanista e de tradição monogenista. Assim, "a antropologia como disciplina se detinha, portanto, nesse momento, na análise biológica do comportamento humano, enquanto a etnologia se mantinha fiel a uma perspectiva mais filosófica e vinculada à uma tradição humanista de Rousseau." (SCWARCZ, 1993:53-57)

Nessa visão evolucionista, a cultura se desenvolveu em todas as partes do mundo através de estágios sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas. Esses estágios, entendidos como únicos e

---

10 - O autor realiza o principal trabalho crítico que tenho conhecimento sobre a teoria do contato interétnico, evidencia as principais dificuldades a um adequado entendimento do contato, critica as posições evolucionistas e estruturalistas (leia-se o dualismo estrutural) demonstrando como tais concepções baseiam-se numa visão naturalizada de sociedade, o que impede, no limite, uma adequada compreensão do fenômeno do contato interétnico.

necessários - na medida em que todos os seres humanos deveriam passar por eles -, seguíam uma direção que ia do mais simples ao mais complexo.

"Trata-se de acompanhar o paradigma que concebe o conhecimento como um ato primordialmente classificatório, onde um elemento da natureza (planta, animal, raças humanas) deve ser inserido em uma classe, que o agrupa junto com outros elementos, e que se contrapõe a outras classes consideradas distintas." (OLIVEIRA FILHO, 1988:26)

De acordo com OLIVEIRA FILHO (1988), é quase uma constante que as observações que precedem uma descrição ou análise de uma situação de contato interétnico caracterizem o fenômeno como bastante complexo. Enfrentar essa dificuldade implica para o estudioso adequar tal fato ao seu modelo analítico, reduzindo e decompondo essa complexidade em unidades sociais convencionais. Duas alternativas se apresentam para isso: a primeira, apelando para uma concepção evolucionista da história; a segunda, procedendo a uma decomposição do fenômeno com finalidade heurística.

Ainda de acordo com OLIVEIRA FILHO, em uma perspectiva de análise evolucionista, o contato interétnico é entendido enquanto fenômeno composto. Nesse caso, surge, normalmente, um dualismo que caracteriza grande parte das pesquisas sobre o contato.

"As sociedades que estão concretamente em interação (europeus e africanos, brancos e índios) não são vistas meramente como contemporâneas, mas dispostas pelo analista ao longo de uma escala evolutiva, onde estão representados os diferentes graus de progresso da humanidade. Em função dessa operação teórica que atribui graus distintos de progresso a cada uma das sociedades em interação, a cultura do contato passa a ser descrita em termos de contraste entre instituições e costumes mais "modernos" (isto é, que derivam da sociedade mais avançada e instituições e

costumes "tradicionais" (isto é, que derivam das sociedades tribais)" (OLIVEIRA FILHO, 1988:29)

Assim, conforme a adequada consideração do autor, a descrição do fenômeno do contato passa a ser realizada por meio do legado que o evolucionismo deixou para a sociologia funcionalista, ou seja, um conjunto de variáveis que possibilita o estabelecimento das tipologias dos sistemas sociais.<sup>11</sup>

De outra parte, conforme YENGOYAN (1979; in LOPES DA SILVA 1991:193) em sua "teoria das compreensões" (*a theory of constraints*), adotando posição teórica contrária a perspectiva dualista, "há em cada cultura, certas esferas que são centrais, em torno das quais se articulam as demais. São esferas pervasivas, dominantes, que se sobrepõem às demais e dão à cultura a sua especificidade e identidade".

No caso dos Jê, os mesmos "se apresentavam enquanto sociedades que desafiavam os antropólogos por serem tão diferentes e ao mesmo tempo aparentadas histórica e lingüisticamente. Por outro lado, essas sociedades possuíam uma proliferação de metades e a pergunta que se colocava era qual a função do dualismo entre estas sociedades, tema que preocupava os estudiosos desde os trabalhos clássicos de Lévi-Strauss". (VIDAL, 1977:10)

Nesse estudo, a autora supracitada evidencia a "flexibilidade com que estas sociedades transferem o peso estrutural, ora a uma, ora a outra instituição. E dentro de uma mesma instituição os arranjos podem ser diferentes,

---

<sup>11</sup> - Exemplo desse tipo de procedimento "é o caso de variáveis como homogeneidade x heterogeneidade, indiferenciação x diferenciação de funções, ausência x presença de instituições especializadas, atribuições de status por prescrição x atribuição de status por escolha, contato direto e cotidiano entre todas os membros da comunidade x compartimentação da vida social, relações pessoais x impessoalidade dos relacionamentos, importância dos vínculos de sangue e parentesco x ênfase nos vínculos econômicos, formas extensas de famílias x famílias atomizadas, predominância do sagrado x secularização progressiva da vida social etc." (OLIVEIRA FILHO, 1988:29)

dependendo de contingências estruturais anteriores, do processo histórico e da oscilação demográfica." (Op. cit., p.10)

No presente trabalho, diferentemente da perspectiva analítica tornada clássica na etnologia sul-americana, que elege a estrutura social como plano privilegiado através do qual a vida social e cultural dos Jê pode ser compreendida, o foco é a história do contato interétnico, apresentando o contexto situacional que permitiu aos Xokleng chegarem aos dias atuais na condição de grupo étnico resistente.

Assim, sem tematizar a questão da lógica da organização social e do parentesco grupai, o objetivo é a descrição e a análise da história do contato dos Xokleng. Nesse sentido, o trabalho é tributário de uma linha concebida como etnologia do contato, levando em consideração as estruturas de articulação entre os níveis global (do moderno sistema mundial e da sociedade nacional) e local (espaço da vivência grupai). Isto difere da perspectiva de uma etnologia clássica, balizada pelos tradicionais estudos cosmológicos e de reconstituição das formas culturais dos grupos e sociedades indígenas.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> - Evidentemente que as fronteiras entre etnologia clássica e etnologia do contato tornam-se cada vez menores, estando bastante fluídas. TURNER (1987), entre outros, já sinalizou para tal tendência. De outro lado, em consonância com a posição manifestada por CASTRO (1993), acredita-se que o debate em torno da presença e incorporação da história nos estudos antropológicos - problemática significativa hoje - concentrará, possivelmente com a questão ecológica, as principais atenções desses dois campos da etnologia indígena.

## 1.2. Antropologia e modernidade

Esboço nessa seção, considerações de uma perspectiva que acredita na possibilidade de relacionar a ciência antropológica e a modernidade. Nesse sentido, realizo um mapeamento das características básicas e de autores que produziram trabalhos e análises importantes, tanto do ponto de vista universalista quanto particularista - em uma visão êmica - a respeito da modernidade.

Modernidade é, antes que um conceito, uma noção de extrema ambiguidade que tem amplitude universal, irradiando-se, na atualidade, por todas as esferas da realidade mundial, opondo-se ao mundo da tradição. MONTERO (1992:52-70), apresenta os *dilemas da modernidade*, evidenciando a estreita afinidade existente entre a problemática da modernidade e a reflexão antropológica. A autora aponta para dificuldade de definição, no tempo, da passagem para a modernidade. A noção de modernidade<sup>13</sup> "pode recuar até o século V, para distinguir o presente cristão de um passado romano e pagão, pode definir também a época que emerge dos grandes feitos das descobertas no século XV e XVI, e ainda designar a era burguesa nascida da revolução francesa ou, mais recentemente os avanços tecnológicos testemunhados pelo século XIX."

---

<sup>13</sup> - Nesse estudo, esboça-se (de forma arbitrária, na medida em que as elege como as abordagens que melhor dão conta da modernidade - vista enquanto projeto inacabado e experiência histórico-cultural crítica -) as posições de HABERMAS (1988) e BERMAN (1987) a nível geral e uma vertente êmica em que privilegio BALANDIER (1970;1989), CANCLINI (1989), SAHLINS (1988;1990); GEERTZ (1978;1983;1988) entre outros.

Em posição teórica diferenciada importante ver o trabalho de GIDDENS (1990), que interpreta a modernidade enquanto estilo, costume de vida ou organização social que emergiram no velho mundo, a partir do século XVII e que, posteriormente, tornaram-se mundiais em sua influência e difusão. Já em uma visão contrária a que adoto neste trabalho, apregoa-se o "fim da modernidade". MAFESSOLI (1993), LYOTARD (1988) e ARDITI (1991), entre outros, postulam a existência de um mundo pós-moderno, sendo representantes significativos de posições teóricas contrárias a vigência da modernidade contemporânea.

Em um sentido genérico, modernidade é todo um conjunto de valores, normas e instituições que abarcam o mundo pós-Idade Média, isto é, a partir do período renascentista. Nessa perspectiva, a modernidade desponta virtualmente ligada à confluência entre o *Iluminismo* francês do século XVII e a *Aufklaerung* alemã, instaurando o princípio da razão. Em contrapartida, existem aqueles que elegem o Romantismo<sup>14</sup> como momento privilegiado de surgimento do homem moderno. Em realidade, a modernidade é um processo histórico-cultural que recobre, pelo menos, os últimos quatro séculos da vida ocidental. (cf. OLIVEIRA:1990)

Nesse sentido, determinados pontos-chaves, consagrados na literatura a respeito da modernidade, demarcam a instauração de um mundo moderno, a saber: a *separação entre espaço público e privado*; a *complexificação das estruturas*; a *autonomização das esferas* da realidade humana; e o *desencantamento do mundo* (isto é, o processo de secularização apontado por WEBER). Registre-se que Max Weber confere fundamental importância, na modernidade, para a presença de um desencantamento do mundo (*Etzauberung*). O autor entende o processo de modernização da sociedade capitalista como um processo de racionalização social.

O significado do mundo desencantado, na perspectiva weberiana, remete à preponderância de valores racionalmente orientados "sobre conjuntos axiológicos em que um papel decisivo é reservado à afetividade." De acordo com WEBER, a afirmação do desencantamento do mundo na modernidade "supõe que a

---

<sup>14</sup> - Na Alemanha, a vertente romântica é representada principalmente por GOETHE e HERDER, entre outros. BAUDELLAIRE, na tradição francesa, pode ser visto como principal representante da perspectiva romântica vinculada à modernidade. Sobre BAUDELLAIRE e sua visão a respeito do mundo moderno, ver a lúcida interpretação realizada por BENJAMIN (1991: 92-122)

racionalidade científica recusa sentido a um cosmo significativa e eticamente orientado". (LIMA; 1989:08)

Com o advento da modernidade, a instituição de uma racionalidade científica passa a ser um dos fundamentos básicos que confere legitimidade aos modelos explicativos que os homens produzem para pensar e atuar no mundo. Em certa medida, pode-se afirmar que a modernidade era, inicialmente, um princípio de periodização histórica. Paulatinamente trouxe consigo um conjunto de características identitárias, definidoras, que se expressavam positivamente como o surgimento do Iluminismo, a afirmação da razão cartesiana, a presença em cena do indivíduo e da subjetividade, e uma busca essencial da racionalidade humana. Nesses termos, a modernidade passa a possuir conteúdo. Concomitantemente ao caráter de seu conteúdo, a modernidade encontra-se pronta para ser tematizada a partir de pontos de vista filosóficos e científicos diferenciados, e pelas próprias consciências humanas.

Na concepção filosófica de Jürgen Habermas (1988), dois processos centrais assinalam a passagem das sociedades ditas primitivas para a modernidade. O primeiro consiste na disjunção (*Entkopelung*) do mundo vivido e do sistema. Ambas esferas constituíam, na sua origem, uma unidade que foi gradativamente se desmembrando e envolvendo mecanismos autônomos de integração específicos para cada um dos aspectos societários. O segundo processo, essencial no sentido de circunscrever a modernidade, consiste no que o

autor denominou de *colonização do mundo vivido* por mecanismos de integração sistêmica.

Ao interpretar a contribuição weberiana, HABERMAS destaca dimensões básicas: a racionalidade ou racionalização das concepções do mundo, desenvolvida na sociologia das religiões, que conduz a novas estruturas de consciência coletiva e à institucionalização da ação racional em certas esferas de valor da sociedade moderna como a ciência, a arte e o direito, que levam, em termos de uma determinação geral, à estruturação da economia capitalista e ao moderno estado burocrático que caracterizam as sociedades de classe da época moderna.<sup>15</sup>

Em contrapartida, HABERMAS produz uma análise crítica ao enfatizar que Max Weber, na construção de seu diagnóstico da modernidade, privilegia as manifestações históricas do racionalismo ocidental moderno, sem perceber as potencialidades inerentes às concepções de mundo das grandes religiões mundiais presentes no começo da modernidade. Em sua origem, essas concepções prometiam uma concretização histórica da razão bem mais diferenciada. Uma parte de tal racionalidade efetivamente se concretizou nas esferas de valor. Todavia, outra parte sobrevive tanto nas concepções de mundo quanto nos próprios subsistemas institucionalizados sob a forma de uma reserva de racionalidade comunicativa.

---

<sup>15</sup> - Nesse sentido, é necessário evidenciar que a Antropologia é uma das ciências humanas importantes ao autor de **Teoria de la Acción Comunicativa** em seu intento de caracterização do processo de modernização das sociedades capitalistas não somente enquanto desenvolvimento da irracionalidade e a perda irrecuperável da razão (*Vernunft*) mas, também, como um processo que permitiu a sobrevivência e mesmo o avanço da razão comunicativa. Do mesmo modo, HABERMAS realiza a tentativa de vinculação entre uma teoria da identidade e a problemática da racionalidade comunicativa, investigando as condições de possibilidade das sociedades complexas virem a formar uma identidade racional de si mesmas. Ver a esse respeito, **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. Destaques à Introdução e ao Cap. II, pps. 43-103.

No dizer do autor, "a liberação de um potencial racional contido na ação comunicativa é um processo histórico mundial, iniciado com a 'verbalização do sagrado', na modernidade, ele conduz a uma racionalização dos mundos da vida, à diferenciação de suas estruturas, expressa principalmente na crescente reflexibilidade das tradições culturais, em processos de individuação, na generalização de valores, na imposição de normas mais abstratas e mais gerais etc." (HABERMAS, 1987:99)

Por sua vez, o antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini (1989), acredita ser possível sintetizar as várias interpretações contemporâneas a respeito da modernidade, a partir de quatro movimentos básicos: um projeto emancipador, um projeto expansivo, um projeto renovador e um projeto democratizador.

*"Por proyecto emancipador entendemos la secularización de los campos culturales, la producción auto-expressiva y autorregulada de las prácticas simbólicas, su desenvolvimiento en mercados autónomos. Forman parte de este movimiento emancipador la racionalización de la vida social y el individualismo creciente, sobre todo en las grandes ciudades. Denominamos proyecto expansivo a la tendencia de la modernidad que busca extender el conocimiento y la posesión de la naturaleza, la producción, la circulación y el consumo de los bienes [...] El proyecto renovador abarca dos aspectos, con frecuencia complementarios: por una parte, la persecución de un mejoramiento e innovación incesantes propios de una relación con la naturaleza y la sociedad liberada de toda prescripción sagrada sobre cómo debe ser el mundo; por otra, la necesidad de reformular una y otra vez los signos de distinción que el consumo masificado desgasta. Llamamos proyecto democratizador al movimiento de la modernidad que confía en la educación, la difusión del arte y los saberes especializados, para lograr una evolución racional y moral."* (CANCLINI, 1989:165; grifos meus)

O autor intenta distinguir, a partir do referencial teórico esboçado por Perry Anderson (1986), modernidade, concebida como uma etapa histórica; modernização, como processo social que constrói a modernidade; e modernismo, entendido como os projetos culturais relacionados com diversos momentos de desenvolvimento do capitalismo.

A distinção explicitada por CANCLINI remete à obra de BERMAN (1987), entendida como um esforço lógico de síntese, onde a modernidade de ontem (século XIX) e a presente (século XX), são retratadas em toda sua plenitude, isto é, como infinitude dialética de natureza processual e contraditória.

Para BERMAN a modernidade apresenta potencialidade criativa.<sup>16</sup> A aventura da modernidade se espraia, através de uma análise lúcida, de modo a construir uma visão crítica que se constitui em investigação importante do espírito da sociedade e da cultura dos séculos XIX e XX, em nível mundial.

Já Georges Balandier (1989), afirma que a modernidade se apresenta portadora, ao mesmo tempo que geradora, de uma pluralidade de formas que a atualizam cotidianamente e a realizam ao longo de (em) todos os espaço-temporalidades do moderno sistema mundial (World System).

Na visão de BALANDIER, a modernidade se caracteriza não somente pela irrupção do acontecimento e do efêmero mas, em boa medida, pela consideração do futuro e das tendências provocadoras de grandes mudanças. No entender do autor (1989:15-20), as simulações e os cenários do futuro introduzem uma tensão dramática no exercício da política contemporânea. A época moderna é concebida

---

<sup>16</sup> - Conforme este autor, o traço característico essencial que confere unidade aos diversos períodos da modernidade pode ser assim definido:

“Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designaremos esse conjunto de experiências como modernidade.” (BERMAN, 1987:15)

como um período de transição acelerada, de mudanças abruptas e totalmente imprevisíveis.

A empreitada teórica esboçada por BALANDIER pode ser considerada, em boa medida, um refinamento e aprofundamento das idéias contidas em **Antropo-Lógicas** (BALANDIER:1970). A natureza de tal empreendimento repousa em uma concepção segundo a qual, a ciência antropológica "na medida em que se admita em termos do global, diferenciada dos procedimentos de ordem puramente analítica, poderá contribuir a uma melhor definição e um conhecimento em profundidade da modernidade."<sup>17</sup>

Em realidade, a concepção teórica do antropólogo francês evidencia a existência de três espaços privilegiados à vigência da modernidade contemporânea, os quais se recompõem a partir dos fragmentos que a manifestam: "aquél donde el hombre contemporáneo se une de otro modo a la naturaleza y a su propia naturaleza, aquél donde se sitúan sus ensayos de repersonalización del vínculo social, y aquél donde se despliegan sus empresas de restitución del sentido." (BALANDIER, 1989:20)

\*\*\*

A modernidade é fundamentalmente um modo de ser, uma sensibilidade. Em termos antropológicos, em consonância com a posição explicitada em ORTIZ (1991:263), ela pode ser descrita e interpretada como "*uma cultura, uma visão de mundo com suas categorias cognitivas particulares.*" (grifo meu) Assim, a antropologia moderna conta com diversas tradições de estudo do fenômeno das relações interétnicas entre sociedades de culturas diferentes, fundadas - essas tradições - em visões de mundo particulares e pontos de vista específicos.

---

<sup>17</sup> - Ver a respeito o Cap. 4, "Antropologia e Crítica da Modernidade", (1970:242-61).

A perspectiva adotada na presente dissertação parte do pressuposto de que, na modernidade, as relações interétnicas podem ser pensadas como uma situação, isto é, "como um conjunto de relações entre atores sociais vinculados a diferentes grupos étnicos". Nesse sentido, a unidade da situação de contato "não é um pressuposto teórico que explique todos os fatos, mas algo pesquisado e definido pelo *estudioso do contato*, que deve buscar tal unidade no processo concreto de interação social e nas percepções que dele têm os diferentes grupos (étnicos e outros) envolvidos". (OLIVEIRA FILHO; 1988:58, grifos meus)

Em consonância com a posição teórica explicitada, a perspectiva analítica aqui desenvolvida privilegia os padrões de interdependência entre os atores sociais envolvidos, que interagem na situação de contato. Nesses termos, "o que assim se designa é o resultado de uma análise situacional, pressupondo portanto o manuseio de situações sociais [...] e da noção de campo.<sup>18</sup> Trata-se de uma construção do pesquisador, uma abstração com finalidades analíticas, compostas dos padrões de interdependência entre atores sociais, e das fontes e canais institucionais do conflito." (OLIVEIRA FILHO, 1988:57)

\*\*\*

### I.3. Relação entre Antropologia e História

Em enfoque teórico diferenciado, Marshall Sahlins (1990:07) evidencia que "a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas culturais das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na

---

<sup>18</sup> - Embora de acordo com a perspectiva de uma análise situacional não uso aqui a noção de campo, o que pressuporia a constituição lógica e o referente social de um sistema interétnico não existente, penso eu, na relação entre índios e não índios no período estudado.

*prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos...*" (grifos meus). Necessário evidenciar que tal enfoque pode ser entendido como complementar à idéia já firmada de que a análise de situação é a postura adequada à interpretação das relações interétnicas na modernidade.

Inicialmente vinculado a um projeto neo-evolucionista, época em que publicou *Tribesmen (Sociedades Tribais, 1974)* SAHLINS adquiriu expressão mundial, em meados dos anos 60, após a publicação do ensaio "As primeiras Sociedades de Abundância", que contribuiu para mudar a perspectiva existente sobre as sociedades primitivas. Por volta de 1967, aderiu ao estruturalismo lévi-straussiano. Alguns anos mais tarde, publicaria uma verdadeira apologia da razão cultural no livro *Culture and Practical Reason (Cultura e Razão Prática, 1979)*. Em seus últimos escritos, vem trabalhando importante reflexão a respeito da interface entre antropologia e história e sobre a relação que se estabelece entre integração global e diferenciação local.

Em posição teórica contrária à de SAHLINS, Eric Wolf - considerado um mundialista ou 'sistemata mundial' - entende que "conjuntos de costumes e seqüências de comportamento não se propagam em isolamento, mas dentro de sistemas interétnicos, e que estes sistemas vêm a existir e a tomar forma em suas trajetórias através de forças políticas e econômicas de amplo alcance. Dessa forma, os antropólogos moveram-se gradualmente de um foco em acontecimentos locais para abarcar círculos crescentes de fatores e determinantes, mas sempre conscientes da importância de conhecimentos e reciprocidades com relação aos trabalhos da acumulação econômica e do exercício do poder por parte do Estado." (WOLF, 1991:07; grifo meu)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> - A respeito de tal posicionamento, sustentado por uma descrição empírica e uma análise teórica fortemente balizada por uma perspectiva marxista em antropologia, ver WOLF (1982).

Em realidade, no mínimo, duas críticas podem ser feitas à perspectiva de WOLF. A primeira, é a observação do próprio SAHLINS a respeito da teoria do sistema mundial, mostrando que a tentativa de Eric Wolf em criticá-la aparece como a expressão superestrutural do imperialismo que este despreza, na medida em que acaba transformando os povos (tratados inadequadamente pelo autor de "people without history") submetidos à dominação ocidental moderna, em objetos passivos e não autores de sua história, destituindo-os, assim, da possibilidade da construção de um projeto político e desenvolvimento alternativo e da mínima autonomia cultural. A segunda, é o fato de que essa perspectiva concebe cada característica singular do local como um mero reflexo do sistema global e de seus determinantes. Claramente tal posição teórica desconsidera o fato, fundamental, de que mesmo o sistema mundial sendo constituído de uma unidade (totalidade), os resultados de sua experiência/influência histórica, sobre um Estado-Nação, uma região ou um local, têm sido múltiplos, contraditórios e desiguais, evidenciando que a história mundial pode ser explicada tanto pela mediação cultural como pela dominação econômica.

A importância do diálogo entre os campos de conhecimento histórico e antropológico é entendida por SAHLINS como um elemento fundamental à superação da clássica antinomia diacronia-sincronia, em alguns casos, constitutiva da antropologia contemporânea.

Nesse sentido, SAHLINS defende a necessidade de se promover uma inter-relação entre a análise cultural - marcadamente de cunho antropológico - e a história, com vistas a recuperar para a primeira, "o acontecimento, a ação, a transformação e o mundo", e para a segunda, a perspectiva de uma "análise estrutural." Em síntese, pode-se afirmar que o autor pretende a constituição de

uma antropologia estrutural histórica<sup>20</sup> através da comunhão entre evento (história) e estrutura. (BIERSAK, 1992).

Na perspectiva do autor, aquilo que os antropólogos chamam de "estrutura" - as relações simbólicas de ordem material - é um objeto histórico. "A história é construída da mesma maneira geral tanto no interior de uma sociedade, quanto entre sociedades" (1990:09). Nesses termos, a antropologia histórica, preconizada por SAHLINS, pode ser vista proveitosamente como uma transformação da interpretação a partir de uma nova consciência cultural, de modo a captar o centro e a periferia dentro de uma única estrutura.

Em contrapartida, a crescente compreensão literária do significado - a interpretação do significado cultural como um texto a ser lido-, por parte de Clifford Geertz, reformulou sensivelmente as tendências contemporâneas da auto-reflexão antropológica.<sup>21</sup> O autor percebe a cultura como denotativa de "um padrão de

---

<sup>20</sup> - Em certa medida, parece-me que foi preciso que a história se etnologizasse para que, em contrapartida, a antropologia contemporânea passasse a incorporar e a nutrir-se da perspectiva histórica. Essa *etnologização da história* pode ser percebida nitidamente em trabalhos como os de DARTON (1986,1988) e DAVIS (1987). Em contrapartida, uma antropologia histórica (C.f SAHLINS:1990) pode ser vista como a tentativa de uma transformação da interpretação, incorporando a história, de modo a captar o centro e a periferia dentro de uma única estrutura.

<sup>21</sup> - No âmbito mais específico da produção historiográfica sobre a cultura, tais debates têm conduzido à afirmação de uma perspectiva no sentido de se deixar de designar "como cultural um domínio particular de produção e práticas, supostamente distinto dos outros níveis." Assim, Roger Chartier faz questão de enfatizar que todas as relações econômicas e sociais "são ao mesmo tempo 'culturais', pois que elas traduzem em atos as maneiras plurais através das quais os homens dão significação ao mundo que é seu." (CHARTIER, 1987:17, Apud ENGEL, 1993:33)

Note-se que, contemporaneamente, o movimento na História parece convergir à teoria da literatura. A mudança de uma "história social" (em boa medida de inspiração antropológica) para uma preocupação com os textos históricos e suas propriedades literárias corresponde, na antropologia social, a uma mudança de enfoque da cultura, enquanto texto e "musa da interpretação", para os textos antropológicos - leia-se, produção de etnografias - e suas estratégias retóricas (C.f BIERSAK:1992). Sobre as novas abordagens antropológicas ver entre outros: FISCHER (1983), MARCUS (1990), GEERTZ (1988), CRAPANZANO (1991). Do ponto de vista da História Cultural ver, entre outros, DARTON (1986;1988), DAVIS (1987), GUINZBURG (1987), THOMPSON (1992), LE GOFF&NORA (1976) e a coletânea de ensaios organizada por HUNT (1992).

concepções herdadas, expressas em forma simbólica, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida." (GEERTZ; 1978:103)

De maneira significativa, esse movimento foi reconhecido por uma das importantes tendências da História contemporânea. Assim, da perspectiva dos historiadores, "a aproximação entre Antropologia e História Cultural é fruto e ao mesmo tempo produz e atualiza o debate de algumas questões essenciais referentes aos modos de abordagens de alguns de seus objetos, ou seja, aos suportes teóricos e metodológicos que deveriam nortear suas análises" (ENGEL; 1992:31).

A história cultural na concepção de Robert Danton (1986) é "a história de natureza etnográfica. [...] A modalidade antropológica de história parte da premissa de que a expressão individual ocorre no âmbito de um idioma geral". Nesse sentido, a história é entendida pelo autor, enquanto uma ciência interpretativa. Seu objetivo, assim, é ler "em busca do significado - o significado inscrito pelos contemporâneos". (in HUNT, 1992: 16)

De acordo com DANTON, os historiadores da cultura tendem a situar seus objetos de estudo no âmbito do universo constituído por idéias, valores, rituais e códigos de comportamento de época, entre outros, construídos pelos diferentes grupos e classes sociais, como instrumentos que viabilizam a compreensão de determinada realidade sócio-cultural. Desse modo, são levados a buscar uma aproximação mais íntima e essencial com a antropologia do que com as demais ciências humanas. (ENGEL:1993)

Nesse sentido, ainda conforme o autor americano, o historiador da cultura é um cientista que "desvenda visões de mundo particulares, comunica ethos diversos, no sentido de que não espera encontrar comentários sociais diretos ou

alegorias metafísicas, mas antes discursos que levem à descoberta de estilos culturais distintos". (DARTON, 1986:26)

Em um outro universo de descrição e análise, mas em perfeita sintonia com a posição de Robert Darton, Clifford Geertz realiza o questionamento da oposição entre os planos do "simbólico" e do "real". Essa oposição, em sua visão teórica, marca distintivamente a quase totalidade da antropologia moderna. O autor ressalta que:

"Em quase toda a antropologia contemporânea, a circunscrição da análise interpretativa ao aspecto supostamente mais 'simbólico' da cultura não passa de um preconceito nascido da idéia, esta também um legado do século XIX, de que 'simbólico' se opõe a 'real' do mesmo modo que fantasioso a racional, figurativo a literal, obscuro a claro, estético a prático, místico a mundano, decorativo a substancial. [...] *O real é tão imaginado quanto o imaginário*". GEERTZ; 1980:135-136 cit. in HUNT; 1992:105, grifo meu -)

Assim, a posição geertziana, defendendo o questionamento da dualidade real/imaginário para caracterizar os objetos da disciplina, conduz a uma necessidade de se repensar a própria objetividade das descrições e análises antropológicas: "Os textos antropológicos são, eles próprios, interpretações, e, ainda por cima, de segunda e terceira ordens. (Por definição, só um "nativo" as faz de primeira ordem: é a cultura dele). Constituem alguma coisa criada - o sentido original de *fictio* -, o que não significa que sejam falsas, distantes dos fatos ou simplesmente experimentos mentais 'como se' "(GEERTZ ; 1978:25-26).

A afirmação da parcialidade das "verdades" culturais e históricas produzidas pela antropologia e história cultural, respectivamente, leva GEERTZ a insistir, de um lado, no caráter "essencialmente contestável dos textos antropológicos e, de outro, no caráter polifônico da realidade cultural."

Na verdade, a distinção da posição teórica do autor ancora-se na definição do conceito de cultura. Entendida "como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade " (1978:24).

Por fim, mister assinalar que, na presente dissertação, a perspectiva teórica adotada é esboçar um *estudo de situação* (C.f OLIVEIRA FILHO:1988), uma posição de tipo situacional. Essa posição leva em conta, na descrição e análise de situações de contato interétnico, as dinâmicas de constituição dos processos sociais e histórico-culturais.

Acredita-se pertinente relacionar a posição da análise situacional, que leva em consideração a constituição de identidades internacionais e transnacionais, com a perspectiva da análise cultural - por exemplo de Sahlins - que evidencia a existência de uma relação estreita entre integração global e diferenciação local.

Nesse sentido, aponta-se a presença na modernidade de uma relação de articulação e interdependência recíproca entre os níveis global (ou de globalidade, isto é, a constituição de uma unidade - o moderno sistema mundial -) e local (espaço de vivência grupal e território sócio-simbólico onde acontecem os eventos).

## CAPÍTULO 2

### ATORES SOCIAIS EM CONTATO

"As sociedades e culturas indígenas começaram a aparecer como fatores significativos em situações de interação interétnica. Na medida em que um número cada vez maior dessas situações começou a assumir um grau de estabilidade, tornou-se cada vez mais aparente que os estudos antropológicos de fricção interétnica teriam que dar melhor conta das formas culturais e sociais nas quais os povos indígenas estavam articulando suas ações e atitudes em relação à sociedade nacional. Do mesmo modo, o engajamento óbvio dos sistemas culturais e sociais dos povos indígenas nas formas e circunstâncias de sua luta histórica para alcançar um *modus vivendi* viável com a sociedade nacional fez com que ficasse cada vez mais difícil, para os pesquisadores que davam prioridade aos aspectos culturais, ignorar o centralismo da situação da fricção interétnica para seu trabalho." (TURNER,1987:03)

#### 2.1. Etnologia do Contato no Brasil meridional

O presente capítulo, diferentemente de uma visão historiográfica tradicional, pretende reconstituir a história do contato interétnico entre os índios Xokleng e agentes da sociedade nacional. A reconstituição em questão é baseada em relatos orais (provenientes do trabalho de campo), na pesquisa documental de arquivo e na consulta à tradição de estudos sobre índios e brancos no sul do Brasil. Para o último ponto, ver (HENRY:1941; SCHADEN:1972; WACHOWSKI:1969,1980; SANTOS:1970;1973;1988;1994; URBAN:1978;

NACKE:1985; MÜLLER:1987; RIBEIRO:1986,1993; MOTA:1994; NAMEM:1994; entre outros).

A utilização de referências da tradição supracitada e a historiografia disponível para descrever a natureza do contato interétnico entre índios e brancos em nenhuma medida substituem o entendimento de como, em determinada situação histórica, os eventos são interpretados pelos atores sociais que neles participam. Assim, é importante explicitar como os Xokleng vivenciaram e conceberam a situação de contato, a presença da ferrovia em território de ocupação imemorial indígena.

Nesses termos, diferentemente das análises dualistas e evolucionistas, o contato interétnico é visto como organizador da relação que se instituiu entre índios e não índios no sul do Brasil. De outro lado, é evidenciada a noção de situação histórica, como "primordialmente um instrumento para o estudo da mudança social."

Conforme OLIVEIRA FILHO (1988:59), a noção de situação histórica em uma análise do fenômeno do contato interétnico é definida "pela capacidade que assume temporariamente uma agência de contato de produzir, através da imposição de interesses, valores e padrões organizativos, um certo esquema de distribuição de poder e autoridade entre os diferentes atores sociais aí existentes baseado em um conjunto de interdependências e no estabelecimento de determinados canais para a resolução de conflitos."

Tal noção não tem, no contexto deste trabalho, alcance similar visto que, embora exista a presença de um "conjunto de interdependências", não acontece o "estabelecimento de determinados canais para a resolução de conflitos" (mesmo eu reconhecendo que "a análise de situação é uma abstração do pesquisador com finalidades analíticas"). Em termos lógicos, não aparece, na construção da ferrovia, a capacidade temporária de produzir, "através da imposição de

interesses, valores e padrões organizativos, um certo esquema de distribuição de poder e autoridade" entre os atores sociais envolvidos na situação de contato. A possibilidade objetiva do aparecimento de um "esquema de distribuição de poder e autoridade" irá ocorrer, tanto a nível lógico quanto a nível da realidade social, somente a partir da atuação do SPILTN na região, quando acontece o confinamento dos Xokleng.

Assim busca-se, neste trabalho, (re)interpretar os acontecimentos (eventos históricos para falar em consonância com a perspectiva de SAHLINS:1990) à luz da teoria antropológica, apresentando o grupo Xokleng como ator social proeminente; e privilegiando, na interpretação, o significado do conflito étnico na região sul. Nesse sentido, desloca-se, o eixo de interpretação dos dados, utilizando-se o referencial conceitual da Antropologia Social, em particular o referente ao estudo das relações interétnicas (Cf. formulado em autores como BARTH:1969; CARNEIRO DA CUNHA:1986; OLIVEIRA FILHO:1988; entre outros).

Cabe ainda enfatizar que a cultura do contato, produzida pelo contato interétnico, é entendida como esfera ordenadora da relação entre índios e não índios na região sul do Brasil. Nesses termos, torna-se necessário considerar o processo sócio-histórico constituidor de um padrão de interdependência que une os pólos da relação étnica, os índios Xokleng e os agentes da sociedade nacional

Escrever sobre a trajetória histórica e a resistência de um grupo étnico (neste caso, os Xokleng), em confronto com a sociedade nacional ou com atores sociais específicos (por exemplo, os operários-construtores da ferrovia São Paulo-Rio Grande ou os colonos alemães e poloneses instalados na região entre o final do século XIX e o limiar do século XX), via de regra, tem significado para o antropólogo deixar de dedicar a devida atenção às formas sociais ou culturais

indígenas. Em contrapartida, um enfoque sobre as formas sociais e culturais, normalmente, parece possível somente deixando-se de considerar as realidades político-econômicas do contato interétnico. É preciso diminuir paulatinamente esse hiato, com a finalidade de privilegiar uma etnologia do contato. E, nesse sentido, conforme acentua TURNER, deve-se tentar incorporar, nos estudos de uma etnologia do contato, os trabalhos referentes às formas culturais e sociais. No meu ponto de vista, deve-se também tentar incorporar a visão étnica dos grupos e sociedades indígenas, isto é, o ponto de vista nativo sobre a realidade social, produzida a partir da cultura instituída pelo contato interétnico, com vistas a reformular ambas as perspectivas de descrição e análise.

Conforme CARNEIRO DA CUNHA (1986:99), Max Weber demonstrou que "as comunidades étnicas podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, em suma que eram formas de organização política. Descobriu-se que a etnicidade podia ser uma linguagem".

Fredrick Barth retoma a concepção weberiana segundo a qual "as comunidades étnicas são grupos virtuais, atualizados por intervenção de fatores de natureza política".

"Para Barth um grupo étnico não se define por seu estofo cultural (que se modifica no tempo e varia de acordo com ajustamentos ecológicos), mas através de critérios pelos quais ele mesmo estabelece as suas fronteiras (critérios de pertencimento e exclusão) e pela tentativa de normatização entre os membros do grupo e as pessoas de fora. Nessa concepção a homogeneidade cultural é uma resultante de um processo de criação coletiva (Hobsbawn, 1983) e a constituição de um sujeito coletivo (Bordieu, 1984), o fator determinante no estabelecimento de um grupo étnico" (OLIVEIRA FILHO, 1993 :vii)

Nesse sentido, a perspectiva analítica proposta por BARTH (1969) produz um conceito de grupo étnico que abrange pontos interessantes e profícuos para o exame da situação histórica de contato enfrentada pela etnia Xokleng, entendida como sociedade minoritária, em confronto com a sociedade nacional.

Importante ressaltar que o termo etnia aparece no caso brasileiro, em um contexto específico de análise, balizado por uma dimensão contrastiva, inscrita na luta política das sociedades e povos indígenas pela posse da terra - quer dizer, do território -, que envolve grupos com diferentes concepções de mundo e sociedade.

Os termos etnia, grupo étnico e etnicidade, podem ser vistos como polissêmicos, opondo-se, assim, a uma perspectiva 'substancialista' segundo a qual grupo étnico é entendido como sinônimo de uma macro unidade cultural possuidora de traços, caracteres, objetivos (entenda-se biológicos) e determinadas formas específicas de organização sócio-cultural.

Conforme BARTH, o grupo étnico configura-se como um "tipo organizacional" - organizational type -, em que a cultura aparece como resultado da organização do grupo e não como sua característica principal. Nesses termos, o grupo étnico existe e é definido, fundamentalmente, pela atribuição da identidade étnica por si próprio.

Na perspectiva analítica proposta por BARTH, o contato interétnico é um fato constitutivo que acaba presidindo a própria organização interna e o estabelecimento da identidade de um grupo étnico. Assim, na constituição de um grupo étnico, fundamental é a manutenção de uma mesma forma organizacional, a qual prescreve um padrão unificado de interação social entre os membros e os não membros do grupo.

Nesse sentido, conforme OLIVEIRA FILHO (1994:120), Barth afirma que "um grupo étnico só pode ser definido segundo critérios de pertencimento e

exclusão por ele mesmo elaborados" ou seja, que um grupo étnico deve existir enquanto um conjunto de categorias nativas, utilizadas pelos próprios atores sociais.

Na perspectiva teórica de GLUCKMAN, o contato não aparece como um "fato desintegrador da realidade social", sempre confrontado com a existência plena e separada das culturas componentes. De modo contrário, sustenta que o contato interétnico é um fator básico para a existência de determinadas comunidades, um elemento ordenador componente da organização social.

*A unidade e coesão interna de um grupo étnico, para Max Gluckman, não é de modo algum um fato irredutível ou um dado absoluto, mas sim a consequência de relações de interdependência que se atualizam em um dado contexto histórico e cultural específico (OLIVEIRA FILHO, 1988:56; Grifo meu)*

Por fim, destaca-se que uma abordagem direcionada pela idéia de situação não busca reconstruir por si mesma os eventos históricos do passado, mas tão somente "apreender as diferentes modalidades de interdependências que associaram entre si um conjunto de atores em diferentes momentos do tempo". São Incorporadas aqui as ponderações de GLUCKMAN (1968:50) e de OLIVEIRA FILHO (1988) sobre a história, ao conduzirem, o primeiro, uma análise referente a quase dois séculos da nação Zulu; e o segundo, um estudo focalizando o campo de ação indigenista no Alto Solimões que percorre oito décadas da vida dos Ticuna. Deve-se observar que os objetivos dos autores não são a recuperação de algum ponto zero da mudança, mas a reconstrução dos "equilíbrios do passado."

A abordagem por situações utiliza-se de referências históricas para descrever o processo, mas não pode prescindir do entendimento de como os eventos são interpretados pelos atores que deles participam. Nesse sentido, este capítulo II é dedicado a trabalhar tanto a visão dos atores regionais sobre o contato quanto o ponto de vista nativo - dos Xokleng do rio dos Pardos - sobre a

situação de contato, mais especificamente tentando explicitar como foi vivida e concebida, pelo grupo étnico, determinada situação ou evento.

Grosso modo pode-se afirmar que toda a análise situacional acaba por delimitar, mesmo que de forma implícita, um campo. Todo campo supõe uma multiplicidade de contextos que poderiam ser decompostos em situações sociais. No caso específico deste estudo, arrolam-se as seguintes situações sociais modelares (hipotéticas para serem trabalhadas pela análise antropológica): 1) A Questão de Limites Interestaduais, envolvendo Santa Catarina e Paraná, e o estremecimento das relações Brasil-Argentina (chamada "Questão de Palmas" ou "Misiones"); 2) O surgimento, por volta de 1850, de colonização sistemática na área de ocupação imemorial Xokleng; 3) A construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, entre os anos de 1894 e 1910, em pleno território indígena; 4) A Implantação da Southern Brazil Lumber Colonization Company (Lumber) e o início do processo de exploração dos recursos naturais da região em 1909; 5) A Guerra do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916; 6) O confronto entre os Xokleng e operários-construtores da EFSPRG; 7) O aldeamento/confinamento indígena pelo SPILTN em Porto União, no ano de 1918.

Necessário enfatizar que o conjunto dessas situações sociais produziu a configuração de um contexto situacional globalizante, em que o pano de fundo constituía-se no surgimento da modernidade no sul do Brasil.

\*\*\*

## 2.2. Presença Xokleng na região sul: resistência e conflito étnico

"Mas por volta de 1850 as decisões que se haviam tomado na Europa, na capital do Império e nas capitais da Províncias do sul tiraram aos Xokleng qualquer possibilidade de fuga: seu território estava cercado e pronto para ser conquistado. ao mesmo tempo, essas decisões deram origem a uma distribuição de papéis entre

personagens que não tinham possibilidades de livre e conscientemente aceitá-los. Assim, nessa altura, estava armado o cenário e os principais atores, o índio, o colono e o bugreiro, começavam a representar o que lhes fora reservado. O teatro trágico estava definitivamente iniciado". (SANTOS, 1973)

A presente reconstituição apóia-se na tradição de estudos cuja produção apresenta-se básica para o entendimento da situação de contato dos Xokleng. Focaliza-se a dramaticidade da situação de contato, além de aspectos da cultura grupai relevantes, tendo por base a elaboração de SANTOS (1973). Tal reconstituição baseia-se, também, nos trabalhos de HENRY (1941), MÜLLER (1987); RIBEIRO (1986;1993); NAMEM (1994), entre outros.

Um dos relatos de caráter inaugural<sup>22</sup> - repleto de impressões etnográficas - a respeito dos indígenas da região sul do Brasil, vem da expedição promovida por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que, em 1541, foi nomeado governador da região do rio da Prata. Nesse ano, Cabeza de Vaca, em viagem ao Brasil, desembarcou na ilha de Santa Catarina, onde permaneceu alguns meses, partindo daí, a pé, em direção a Assunção do Paraguai, lá chegando em 1542.

Cabeza de Vaca, possivelmente baseado nos relatos dos Carijó, percorreu grandes extensões de florestas e densas matas pelo interior, rumo ao Paraguai. Chegando ao rio Iguaçu, no Planalto, encontrou diversas aldeias Guarani:

"Chegaram a três povoados de índios, situados muito próximos um do outro, cujos senhores principais se chamavam Añiriri, Cipoya e Tocanguanzu [...] Estes índios pertencem à tribo dos

---

<sup>22</sup> - Destaco que, a nível teórico, o que me interessa é apontar para os "equilíbrios do passado" e não para um ponto zero da história Xokleng onde se passe a descrever a situação de contato entre índios e não-índios. Por equilíbrios do passado entenda-se (Cf. GLUCKMAN, 1968: 25-28 in OLIVEIRA FILHO 1988:56) a apreensão da "sucessão de diferentes equilíbrios sociais", ou ainda, "por equilíbrio eu entendo as relações de uma interdependência entre partes diferentes da estrutura social de uma comunidade em um período particular".

Guaranis; são lavradores que semeiam o milho e a mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha, possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terra e falam uma só língua e todos formam alianças. Comem carne humana, quer dos índios seus inimigos, quer dos cristãos ou de seus próprios companheiros de tribo. Vingativos e extremamente guerreiros, fazem guerras contínuas ou as procuram". (CABEZA DE VACA, 1987:131; Ver também, BOITEUX, 1950:60-61)

Na época da conquista, os Guarani dominavam boa parte do território da região sul, conforme atestam registros históricos e arqueológicos. Na parte litorânea, esses indígenas foram denominados Carijó. RIESEMBERG (1973:26) informa a existência, ainda no século XVI, de diferentes grupos indígenas com suas respectivas aldeias espalhadas ao longo do território meridional brasileiro:

"As dos campos de Curitiba foram englobadas na tribo dos *'tinguis'*. As que se alinharam ao norte do Iguaçu, sobre o divisor de águas deste rio, e as que ocuparam as suas margens, de um lado e outro, foram identificados com os *'çaiguás'* (entre o Pequeri e o Iguaçu), com os *'guaianazes'* (localizados nas margens do rio Chopim, teriam vindo de Piratininga após a derrota que lhes infligiram os paulistas em 1562, sendo duvidosa a sua filiação ao ramo tupi-guarani), com os *'guapuras'* e os *'mimos'* (norte do médio e baixo Iguaçu), com os *'chiquis'* (entre o Iguaçu e o pequeri), com os *'biturunas'* (campos de Palmas), com os *'pinarés'* (sul dos rios Negro e Iguaçu e cabeceiras do Uruguai) com os *'chovas'* (nos pinhais da margem do Iguaçu), com os *'cheripás'* (margem esquerda do rio Paraná, entre a foz do Pequeri e a do Iguaçu), com os *'papagaios'* (campos de Palmas) com os *'guapuás'* (margem do Iguaçu)". (grifos meus)

Cerca de um século e meio após o "descobrimento", surgia uma nova realidade nos domínios indígenas do espaço regional assim sintetizada: "Á época

da conquista do litoral sul deste país, o atual território de Santa Catarina era dominado pelos Carijó, entre o litoral e o planalto, nas florestas que cobriam os vales e serranias, viviam os Xokleng, no planalto na zona oeste, os Kaingang eram os Senhores dos Campos. Os carijó, considerando a classificação dos índios brasileiros, estão incluídos no grupo Tupi-Guarani. Os Xokleng e os Kaingang pertencem ao grupo Jê."(SANTOS, 1973:159)

Conforme BECKER (1989:14-15), trabalhando a partir dos dados de SERRANO (1936), os Xokleng seriam os atuais descendentes dos *Pinarés*. Do ponto de vista arqueológico, as pesquisas recentes apontam indícios de que a cultura do grupo remonte a 5.000 anos atrás e que seja herdeiro da tradição Umbu (pré cerâmica). De acordo com LAVINA (1994), os ciclos da vida grupal dos Xokleng ocorriam entre o Planalto, em períodos de inverno, tendo como princípio alimentar básico a coleta do pinhão, e o litoral, com incursões às praias ou áreas contíguas, no verão, período em que alimentavam-se, basicamente, de caça, mel e frutos. Possuíam uma cultura material padronizada, dividida entre utilitária, lúdica e cerimonial. Os trançados, utilizados há cerca de 3.000 anos, dividem-se em três tipos, com tamanhos relativamente equivalentes. A cerâmica, simples e sem enfeites, caracterizava artefatos de grupo nômade.

A história do contato interétnico do grupo étnico Xokleng reveste-se de acentuada dramaticidade. Tradicionalmente, o grupo mantinha suas atividades de caça e coleta por um território de dimensões consideráveis. Caçadores e coletores, nômades, organizados em grupos que oscilavam entre 50 e 300

peças, os Xokleng dominavam boa parte da área de floresta na região situada entre o litoral e a encosta do planalto catarinense, desde as proximidades de Porto Alegre até Curitiba.(ver mapa 1 )

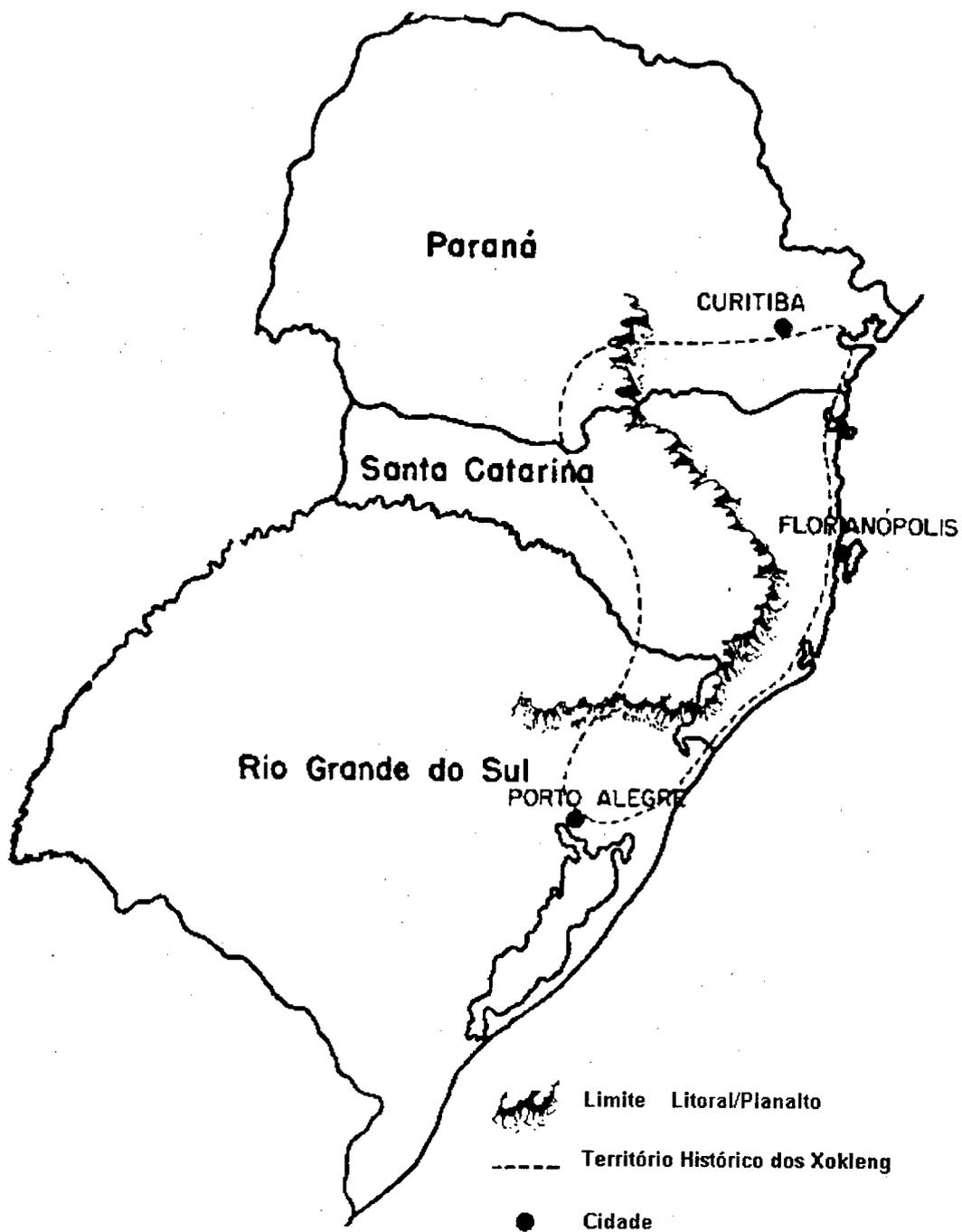
O território tradicional de ocupação Xokleng somente começou a ser sistematicamente desbravado quando se iniciou o processo de colonização da região sul, em 1824, com a chegada da primeira leva de colonos alemães para o vale do rio dos Sinos. Identicamente aos Kaingang, os Xokleng mantinham acampamentos em vários locais da região, dominavam parte considerável dos pinhais a leste do rio do Peixe, em Campos Novos, Curitiba e Lages, onde realizavam a coleta do pinhão.

Conhecidos pelas denominações de **Aweikoma, Kaingang, Botocudo,**<sup>23</sup> **Bugre, Shokleng, Xokrê, Xokrén,** foram situados na classificação elaborada por GALVÃO (1960), como integrantes da área cultural Tietê-Uruguaí. Em contato com a civilização ocidental, conheceram o aço e o ferro, passando a utilizar faca e machado, que substituíram as antigas lascas de taquara e as lâminas de pedra tradicionais.

---

<sup>23</sup> - Registro que o nome Botocudo é assumido, atualmente, conforme NAMEM (1994), como autodenominação pelo grupo Xokleng confinado na AI Ibirama. Já Henry, pesquisando nos anos trinta e quarenta confere o nome de Kaingang ao grupo. Por sua vez, HANKE (1945:54) afirma que "los Botocudos llamaronse 'coingon' o 'co-in-gangn', que quiere decir 'hombre'." Nesses termos, é possível afirmar que é a partir do processo sócio-histórico e político de construção de identidade coletiva interna e através da atribuição externa dos estudiosos que surgem as denominações valorizadas na língua portuguesa, já que o grupo, ao que tudo indica, não possuía um termo nativo de autodenominação da mesma forma que não tinha necessidade de autoclassificação (Confome SANTOS, 1973:31)

# TERRITÓRIO HISTÓRICO DOS XOKLENG



Fonte: SANTOS (1973)

Até o século XVIII, os Xokleng ocupavam uma ampla faixa territorial que abarcava os três estados da região sul. Com a abertura da "estrada de tropas", em 1728, pioneira ligação terrestre entre as Províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, aconteceram as primeiras investidas sistemáticas de contingentes civilizatórios em território indígena.

Em continuidade a tal processo, de conquista e ocupação do território nativo, a instalação de fazendas de criação, nos campos de Lages, Guarapuava e Curitiba, afetou as tradicionais incursões que o grupo realizava aos pinherais do planalto, provocando as primeiras escaramuças. Alguns anos mais tarde, em 1771, é instalada a vila de Lages, com o objetivo explícito de afugentar os Xokleng dessa importante área de passagem em direção ao Paraná e São Paulo.

A abertura da estrada de tropas contribuiu, assim, decisivamente para a diminuição do território indígena. Em uma perspectiva êmica, essa substancial redução do espaço tradicional, configurada através do constante avanço da sociedade nacional, significou o surgimento de uma conjuntura crítica. Acossados por fazendeiros nos campos e pela imigração que avançava através dos vales litorâneos, os indígenas passaram a sentir as consequências da penetração da "civilização" em seus domínios tradicionais. Em contrapartida, a reação indígena tornou-se um forte embaraço para os contingentes brancos que se instalavam na região Sul do Brasil.

A presença Xokleng nos campos de Lages e Guarapuava levou a corte de D. João VI a expedir a Carta Régia de 05/11/1808, determinando guerra aos índios. A Carta, entre outros tópicos, revelava, de modo explícito, que

"Ao oeste da estrada real, desde a Villa da Faxina até a Villa de Lages, a maior parte das fazendas, que estão na dita estrada, se vão despovoando, umas por terem os índios Bugres morto os seus moradores, e outras com o temor que sejam igualmente victimas e que até a mesma estrada chega a não ser vadeavel, senão para viajores que vão reunidos em grande numero e bem armados [...]; sendo-me também igualmente presente os louvaveis fructos que tem resultado das providências dadas contra os Botocudos, e fazendo-me cada dia mais evidente que não ha meio algum de civilizar povos barbaros, senão ligando-os a uma escola severa [...] desde o momento em que receberdes esta minha Carta Régia, deveis considerar como principiada a guerra contra estes barbaros Indios [...]" (SANTOS, 1973:54 CARNEIRO DA CUNHA; 1992:64).

Em 1809, o governo imperial determinou que podiam ser organizadas bandeiras contra os Xokleng e os que fossem feitos prisioneiros estariam sujeitos a um cativeiro de 15 anos, a partir da data de seu batismo. Por ocasião da proclamação da independência a situação continuou a mesma. Somente em 1831, foram revogadas as Cartas Régias e outras normas que declaravam guerra aos indígenas e que permitiam a sua escravidão.

De acordo com SANTOS (1973), os habitantes das povoações litorâneas tinham conhecimento da presença Xokleng nas florestas que cobriam a faixa de terra existente entre litoral e o planalto. Auguste de Saint-Hilaire (1936:116), na obra em que narra sua viagem a Santa Catarina, ocorrida em 1820, fornece prova irrefutável a respeito. Segundo o autor, "índios selvagens constantemente descem do interior e vêm praticar desatinos [...]. Pouco antes de minha viagem,

elles haviam estrangulado dois rapazes num sítio afastado, e, sendo perseguidos, foi morto um, que tinha o lábio inferior furado".

A partir de 1828, com a chegada sucessiva dos colonos provenientes da Europa, inicia-se a conquista definitiva do território Xokleng. Esse processo de ocupação, empreendido pela ação das companhias de colonização que procuravam espaço visando alocar os imigrantes, aconteceu de forma trágica para os grupos indígenas da região, sendo os Xokleng sistematicamente dizimados pelos ataques dos "bugreiros", a serviço dessas companhias.

A existência de índios nos locais escolhidos para receber imigrantes era reconhecida. Todavia foi minimizada, tanto pelo governo Provincial, empenhado em promover povoamento de vastas áreas de terras, quanto pelas companhias colonizadoras, interessadas no lucro que a imigração proporcionava. Assim, à medida em que os núcleos coloniais iam sendo instalados, aumentavam as notícias sobre choques entre índios e brancos.

Na metade do século XIX, foi fundada a Colônia de Blumenau, que se expandiu através do vale do Itajaí. Um ano depois, em 1851, surgiu o núcleo colonial de Joinville, que se irradiou pelo vale do rio Cachoeira e região norte de Santa Catarina. Com a intensificação desse processo, a área livre existente à disposição do grupo tornou-se insuficiente para fornecer os alimentos necessários a sua subsistência. Nesse contexto, intensificaram-se as incursões indígenas às colônias instaladas na região do vale do Itajaí e Norte do Estado.

Na condição de nômades, os Xokleng percorriam, separados ou em grupos locais, longas distâncias em suas excursões de caça e coleta. As disputas entre diferentes grupos, segundo a bibliografia, eram comuns. Provavelmente, tais disputas foram responsáveis por uma série de arranjos organizatórios. Segundo HENRY (1941), o grupo mantinha "todas as formas possíveis de casamento, ou seja, praticavam a monogamia, a poliginia e a poliandria." Também não tinham

regras claras em relação à fixação de residência e à descendência. Ainda conforme Jules Henry, os Xokleng dividiam-se em famílias extensas e não possuíam sistema de clãs ou metades que lhe impusessem obrigações sociais. Essas famílias eram caracterizadas como:

"... compostas de descendentes de dois ou mais homens que se intercasaram e cujos filhos se intercasaram. Assim cada família é intimamente endocruzada, e quase todos podem traçar sua genealogia [...] a um dos dois ou mais homens ancestrais. Esses homens ancestrais são personalidades reais, e os dados sobre eles são usualmente um tanto completos, mas há sempre um ponto além do qual a memória não pode ir, e é impossível saber qualquer coisa sobre qualquer dos seus pais ou irmãos. Casamentos com outras famílias extensas ocorreram, mas casamentos no interior das famílias excederam de longe casamentos entre as famílias. Essa endogamia foi produzida não por um tabu específico a casamentos exogâmicos mas pela hostilidade entre as famílias, que as fez desconfiar umas das outras e que as manteve separadas. Quando membros de diferentes famílias de fato casavam, isso quase sempre causava uma cisão entre os membros de um ou ambos os grupos que se intercasavam. Em tais casos, um irmão poderia ser alinhado até a morte a um grupo inimigo do seu irmão. Aqueles que mudaram de uma família para outra, seja por casamento ou através de sua captura quando crianças, eram vistos como parentes consaguíneos dos seus novos associados e por isso como inimigos dos seus antigos amigos, não sendo poupados em caso de ataque por membros da família à qual antes pertenciam" (HENRY, 1964:50; cit. in NAMEM; 1994: 21)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> - Jules Henry, embora não tenha chegado a formular um modelo teórico da organização social dos Xokleng, apresenta vários dados que se traduzem em subsídios à construção de tal modelo. Dentre os dados de pesquisa arrolados pelo autor, vale ressaltar que os Xokleng "possuem um sistema de parentesco que não é a cristalização de obrigações inevitáveis mas um plano para agrupar pessoas em grandes classes de idade [...] e que a formulação desse sistema é puramente teórico (1941:36); - Que eles praticavam casamentos e casos amorosos entre todas as classes de parentes, exceto entre os pais e filhos, ocorrendo a monogamia, a poliginia, a poliandria e o casamento conjunto" (1941:29-33). cit. in SANTOS (1973:219).

Em análise crítica do material de campo produzido por HENRY sobre a organização social do grupo, SANTOS evidencia que, apesar da ligação que alguns autores fazem entre Kaingang e Xokleng, em particular no aspecto da organização social, mitologia, rituais de passagem e enterro dos mortos, a cultura Xokleng foi evidentemente modificada em consequência do contato intergrupar e interétnico. Assim, "é difícil encontrar dados factuais que caracterizem estas diferenciações. Para Metraux e Ploetz (1930), Metraux (1994), Serrano (1936), tanto os Xokleng como os Kaingang são originários dos Guaianá ou Caaguá, que habitavam as terras do interior do Brasil à época da conquista." (SANTOS, 1973:32)

Uma das práticas sociais de caráter ritualístico marcantes da cultura grupar Xokleng dizia respeito à maneira como os membros do grupo sepultavam seus mortos:

"A cerimonia consistia em abrir uma clareira na mata, juntar a lenha necessária, escolhendo para isto as madeiras que queimam melhor. Preparavam diversos paus inteiriços de 2.80m., para a base, lascavam toras em achas menores e arrumavam tudo, formando um quadro em que cada camada era posta diagonalmente em relação à de baixo, deixando vazios para a ventilação. Sobre uma base de 80 a 90 cms. de altura, assentavam o morto já amarrado na posição de feto no útero: coxas, ventre e peitos unidos; queixo sobre os joelhos e mãos cruzadas sobre as pernas. Junto ao cadáver eram colocados os panos que ele usara, não as armas ou outros instrumentos e utensílios. Depois, gradeavam o morto com achas cruzadas, cercando-o, até que ficasse coberto. Então, prosseguiam a construção, usando achas cada vez menores, a fim de dar ao sepulcro uma forma de pirâmide alongada (200 metros). Preparada a sepultura, ateavam fogo, ao mesmo tempo, em volta de toda base e deixavam queimar, enquanto os presentes cantavam e tocavam maracás, brandindo suas lanças de guerra, para marcar o ritmo com pancadas no solo." (RIBEIRO, 1993:51)

URBAN (1978) tentou resgatar para os Xokleng a idéia do dualismo na estrutura social, característico dos Jê. De acordo com NAMEM (1994:18), o autor afastou a "anomalia" a partir da reconstituição da história política indígena, baseada na tradição oral, evidenciando que o proto-sistema Xokleng, composto por dois grupos originários de perambulação (que representavam cada um uma patrimetade), conformava-se aos padrões Jê, sendo semelhante ao sistema dos Kaingang.

Ainda com base no texto de NAMEM (1994:18-21), destacam-se as seguintes observações realizadas por Greg Urban junto ao grupo Xokleng, confinado, a partir de 1914, na AI de Ibirama:

"Por volta do final da primeira metade do século XIX, segundo Urban, teve início um processo de fissão da estrutura de metades que acarretou modificações radicais na organização social dos Xokleng. No início do século XIX, o grupo de perambulação Waikomang estava com um contingente de mulheres bastante reduzido, o que fez o chefe Kuvê pedir mulheres ao chefe Kitedn do grupo Kañre, pois esse contava com muitas mulheres, praticando inclusive a poliginia. [...] Kitedn cedeu as mulheres a Kuvê, gerando, contudo, ressentimentos entre os homens de seu grupo de perambulação. Os homens Kañre planejaram então, atacar e exterminar os homens Waikomang, mas esses descobriram a intenção e acabaram matando todos (ou quase todos) os homens Kañre. Sobreviveu, portanto, a esse processo somente um dos dois grupos de perambulação completo, os Waikomang e, por extensão, apenas uma das metades. Então, também segundo Urban, por volta de 1840, os Waikomang migraram de seu território tradicional no centro leste do estado do Paraná (já bastante ameaçado pelas fronteiras em expansão da sociedade nacional, para o Estado de Santa Catarina, depois de incorporarem ao seu grupo as mulheres e as crianças do grupo Kañre, o que implicou, inclusive, em transformação na Proto-terminologia de parentesco Xokleng. Essa passou de termos que expressam uma relação diádica entre as metades para termos que expressam uma relação triádica entre parentes

consangüíneos, parentes por afinidade e não parentes, onde a relação de consagüinidade implica solidariedade política, afinidade implica aliança política, e não parentesco implica antagonismo potencial." (NAMEN, 1994:)<sup>25</sup>

\*\*\*

Passados três séculos do "descobrimento" cabralino, o território da região sul, tradicionalmente ocupação indígena, continuava, conforme evidenciava a Carta Régia de novembro de 1808, tenazmente defendido pelos Xokleng frente as tentativas de povoamento pelos contingentes migratórios:

"Sendo-me presente o quasi total abandono, em que se acham os campos geraes da Coritiba e os de Guarapuava, assim como todos os terrenos que desaguam no Paraná e formam do outro lado as cabeceiras do Uruguay, todos comprehendidos nos limites dessa Capitania e infestados pelos indios denominados Bugres, [Xokleng] que matão cruelmente todos os fazendeiros e proprietários que nos mesmos paizes tem procurado tomar sesmarias e cultivalas, em beneficio do Estado, de maneira tal que em todo o terreno que fica ao oeste da estrada real, desde a Villa da Faxina até a Villa das Lages, a maior parte das fazendas que estão na dita Estrada [São Paulo-Rio Grande do Sul] se vão despovoando, humas por terem os índios Bugres morto os seus moradores e outras com o temor que sejam igualmente victimas, e que até mesmo a estrada chega a não ser vadeavel, senão para viajores que vão em grande número e bem armados, [...]" (CARNEIRO DA CUNHA, 1992: 62)

A expedição da Carta Régia pelo Príncipe Regente, contendo declaração de guerra contra os índios, escancarava a proposição de buscar a catequese forçada do gentio, além de exortar a população militar - "aquelles Milicianos" - a

---

<sup>25</sup> - Cabe referir que Greg Urban é um especialista em lingüística e que seus dados podem ter limitações de ordem etno-histórica e cultural. Outro ponto a destacar, é o fato de que o mesmo trabalhou somente com informantes da AI Ibirama, entre os Rakranó, para reconstituir o processo da história política Xokleng.

que "voluntariamente" buscassem armar-se, a fim de combater e de expulsar os Xokleng do seu território de ocupação imemorial.

"Sendo-me também igualmente presentes os louváveis fructos que tem resultado das providencias dadas contra os Botocudos, e fazendo-se cada dia mais evidente que não há meio algum de civilisar povos barbaros, senão ligando-os a uma escola severa, que por alguns annos os force a deixar e esquecer-se de sua natural rudeza e lhes faça conhecer os bens da sociedade e avaliar o maior e mais solido bem que resulta do exercício das faculdades moraes do espirito, muito superiores ás phisicas e corporaes; [...] desde o momento em que receberdes esta minha Carta Régia, deveis considerar como principiada a guerra contra estes barbaros Indios: que deveis organizar em corpos aquelles Milicianos de Coritiba e do resto da Capitania de S. Paulo que voluntariamente quizerem armar-se contra elles, e com a menor despesa possivel da minha Real Fazenda, perseguir os mesmos Indios infestadores do meu territorio;" (Op. cit., p. 63).

No ano de 1849, no relatório em que entregava a presidência da Província de Santa Catarina, Antonio Pereira Pinto assim se pronunciava: "o gentio tem no presente anno com não comum atrevimento assaltado alguns estabelecimentos ruraes ao norte da província. He minha opinião que enquanto não se tentarem os aldeamentos difficil será recusarem-se os seus habitantes a esses ataques". Do mesmo modo, a presença "hostil e beligerante", na visão oficial, dos Xokleng em território paranaense é assinalada por Zacaria de Goes e Vasconcelos, primeiro Presidente Provincial, atestando o clima de insegurança reinante na ocasião da emancipação política de São Paulo por parte do Paraná:

"No distrito de Ambrósios, 12 léguas pouco mais ou menos desta cidade [Curitiba], os indígenas ameaçam a segurança da gente civilizada, e não existe nenhum aldeamento regular! [...]Tive já ocasião de dizer-vos que os índio selvagens, mais uma vez, têm

ameaçado a segurança dos habitantes dos Ambrósios, distrito de São José dos Pinhais" (Relatório do Presidente de Província do Paraná; Curitiba, 1854:60)

Em 1858, o diretor-geral dos índios comunicava ao presidente da Província que os Xokleng haviam assassinado, na localidade de Herval, uma família constituída de quatro pessoas (Cf. Ofício do Diretor Geral dos Índios, Francisco da Rocha Loures ao presidente da Província do Paraná Francisco Liberato de Matos. Guarapuava 08/10/1858. OFFICIOS, 1858 Vol. 11. APPR - doc. manuscrito). Ainda nesse ano, os Xokleng atacaram os moradores de Saltinho, localidade situada sobre a estrada da Mata. Recuaram do ataque quando ali surgiu uma tropa de muares vinda do sul. A mesma tropa havia sido rondada pelos índios, por ocasião do descanso noturno no lugar denominado Rodeio Grande. Informava o administrador do registro, que "a muito que elles tem sido vistos em diversos lugares sobre a estrada, mas agora que se apresentarão hostis." (OFICIO do administrador do registro do Rio Negro ao Presidente da Província Henrique Beaurepaire Rohan. Rio Negro, 30/10/1855. OFFICIOS, 1858 Vol. 11. APPR - doc. manuscrito.)

Como o Xokleng se mostrasse arredio no contato com a "civilização", era difícil seu aldeamento em centros predeterminados, como ocorria com os Kaingang<sup>26</sup> em diversas regiões da recém-criada Província do Paraná. A fim de resolver o problema da segurança dos transeuntes na estrada da Mata, continuamente ameaçados pelos Xokleng, utilizava-se o inspetor da estrada dos

---

<sup>26</sup> - Para um adequado entendimento do significado dos aldeamentos Kaingang durante o séc. XIX e o primeiro quartel do séc. XX ver MOREIRA NETO (1971). Já MOTA (1994), em **A Guerra dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 -1924)**, produz uma consistente crítica da consagrada idéia de vazio demográfico, demonstrando, a partir de um estudo etno-histórico, que os atuais espaços que compõem a região foram, alguns permanecem como, territórios de grupos indígenas, em especial dos Kaingang.

próprios jornaleiros. O método adotado era o de afugentar o índio que aparecesse nas proximidades da estrada através de incursões de caráter policial. Os grupos de trabalhadores armados, que tinham a missão de afastar o indígena, eram chamados de "escortas sobre os selvagens na linha da estrada". Essas "escortas" eram comandadas por práticos, habituados à sobrevivência na floresta. (Cf. OFICIO ao Inspetor da estrada da Mata, Francisco Xavier de Assis; Rio negro, 03/07/1854 - APPR, doc. manuscrito)

O aumento de circulação da população branca na região suscitava inquietação ao indígena Xokleng. Em março de 1855, o subdelegado de Rio Negro informava que "os indígenas selvagens andão continuamente rondando as comitivas que se dirigem para a Província do Sul, pela estrada da Matta." (OFICIO do subdelegado do Rio Negro João Domingos Garcia ao Presidente da Província do Paraná Zacaria de Goes e Vasconcelos. Rio Negro 21/03/1855. OFFICIOS, 1855 vol. 3. APPR - documento manuscrito).

O conflito étnico, representado pelos constantes ataques dos Xokleng na região, era considerado pela presidência da Província como caso de polícia. É o que se depreende do despacho apostado pelo presidente do Paraná no ofício do administrador do registro do Rio Negro, queixando-se das ameaças contínuas provenientes desses assaltos praticados pelos indígenas:

"Envie-se cópia deste off. ao Chefe de Polícia para o seu conhecimento e para providenciar ou propôr as medidas que lhe parecem convenientes, a fim de pôr os habitantes da freguezia do Rio Negro ao abrigo dos assaltos dos Selvagens. Palácio, em 22 de 9bro de 1855. H. Beaurepaire." (OFFICIOS, 1858, volume 11, APPR - manuscrito)

No final da década de 60 do século XIX, ocorreu um incidente de forte repercussão na capital da Província. Nessa ocasião, partiram do registro de Rio

Negro, em direção ao sul, quatro tropeiros e dois menores, com uma tropa composta de 15 cargueiros. Na localidade denominada de Passo Ruim, foram atacados pelos Xokleng, sendo mortas todas as pessoas que compunham a tropa. Como resultado imediato, o primeiro mandatário do Paraná ordenou ao comando da Guarda Nacional do Príncipe que deslocasse para o registro de Rio Negro dez guardas nacionais, a fim de que, sob o comando do subdelegado de Rio Negro, "procedessem as explorações necessárias pela estrada e suas circunvizinhanças a fim de serem obstados os selvagens em novas correrias, que porventura tenham ainda em mira efetuar." (OFICIO do presidente José Feliciano Horta de Araújo ao Secretário de Polícia. Curitiba 19/01/1868. OFFICIOS, 1868 vol. 8 APPR - doc. manuscrito).

A fim de impedir os "selvagens em novas correrias" na região, a principal alternativa produzida pelas autoridades provinciais do período foi a tentativa da catequese indígena, conjugada com a implantação do aldeamento de São Thomáz de Papanduva, na região tradicionalmente habitada pelos Xokleng. Assim na própria documentação oficial, encontra-se o efetivo significado da implantação do confinamento indígena. Com efeito, os relatórios oficiais comprovam a estratégia presente na constituição de Papanduva,<sup>27</sup> em 1875. A criação do aldeamento não tinha por finalidade proteger os Xokleng do etnocídio em marcha, mas diminuir o número de mortes cometidas pelos índios ao longo da estrada da Mata, "como revela a infinidade de cruces postas à margem da mesma estrada."

---

<sup>27</sup> - A meu ver a real significação da criação do aldeamento de Papanduva, antes de aparecer como uma tentativa de evitar os choques frequentes entre índios e brancos na região, tinha por principal finalidade criar condições de infra-estrutura para ocupação branca do espaço regional. Em uma perspectiva teórica, o mesmo pode ser visto enquanto agência de contato, como instrumento que a Província do Paraná lançou mão a fim de "modernizar" as relações entre índios e brancos no sul do país, visando apresentar um "verniz de civilidade" para a matança generalizada dos indígenas Xokleng.

(Cf. RELATORIO - José de Santo Elias A. da Costa; escriturário encarregado da Tesouraria Provincial, Lapa 10/03/1877. OFFICIOS, 1877; Vol. 5 APPR - doc. manuscrito)

Em Dezembro de 1880, no quarteirão do Butiá, os índios mataram numa internada nove animais; em seguida, mataram cinco porcos numa outra. Uma família da localidade de Saltinho, moradora há 30 anos na região, ficou na miséria devido aos avultados prejuízos impostos pelos Xokleng. A população alarmada aventava a possibilidade de abandonar a região. (Cf. Ofício do sub-delegado do Rio Negro Martin Mader ao presidente da Província - 21/12/ 1880. OFFICIOS, 1881 vol. 1. APPR - doc. manuscrito).

Ainda no ano de 1880, conforme comunicado do Juiz Municipal de Palmas ao Presidente da Província João José Pedrosa "constata-se mais um ataque indígena a moradores dos Campos de Palmas." [OFFICIOS, 10/10/1880, vol., 20, p. 36 APPR]. Nesses termos, chega ao conhecimento da autoridade constituída a concretização de um assalto praticado em roças de Antonio Ferreira de Freitas, morador nos Campos de São João na freguesia de União da Vitória, nos limites entre as então províncias do Paraná e Santa Catarina, do qual resultou a morte dos três filhos do fazendeiro. Face ao ocorrido, o delegado de polícia de União da Vitória solicitou ao juiz municipal um mandado de prisão contra os Xokleng. O juiz autorizou inclusive a utilização de oito a dez Kaingang do aldeamento de Xapécó, a fim de reforçarem a expedição de paisanos contra os Xokleng.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> - Cabe evidenciar que a prática de utilização dos Kaingang para combater os Xokleng tornou-se recorrente à época. Acredito importante a produção de um trabalho abordando o processo de guerras étnicas e o papel das mesmas na constituição e definição dos territórios tradicionais Kaingang e Xokleng. Acredito, também, que uma análise da prática desenvolvida pelos governos provinciais sulistas, utilizando índios Kaingang em conflitos contra os Xokleng, pode desvelar uma estratégia subjacente a esse processo qual seja: o extermínio dos índios a partir do uso de mecanismo próprio da cultura nativa, que tinha (ainda tem?) na guerra um dos traços distintivos e constitutivos marcantes. Na perspectiva étnica, do ponto de vista Kaingang, basal é investigar a respeito do significado da aliança com os "brancos" e a repercussão interna, a nível da organização social e da própria cosmologia indígena, desse processo.

"levo ao conhecimento de V. Sa. que no dia 22 do corrente regressou do sertão d'este districto a escolta composta dos índios do Chapecó, e alguns indivíduos d'este lugar, que forão ao encalço dos índios bravos Botocudos que assassinarão os trez filhos de Antonio Ferreira de Freitas, e depois de desessete dias de correria pelas mattas encontrarão vestígios dos ditos índios, e proceguindo na diligência forão percebidos por estes, que se puserão a seguil-os pela retaguarda, seguindo a picada feita pela escolta, com intenção de os atacar traiçoeiramente, o que não conseguirão por ter, no dia da tentativa ficado descansando na mesma picada dois índios mansos que por felicidade não foram vitimas dos selvagem que ao ver nessa posição os agredirão também em numero de dois como descobridores, dos quaes um era o cacique a cujo tempo aquelles bradarão pelos companheiros e entrarão em luta com estes, e tendo os demais que estavam a pequena distancia acudido ao brado de guerra, e vendo que os inimigos erão só dois entenderão prendel-os, e de facto o fiserão podendo segurar só o cacique e evadindo-se o companheiro, que foi em continente avisar os seus e se puserão em fuga a rumo do toldo onde moravão. A escolta os seguio e quando ahi chegarão encontrarão os ranchos sem nada e por maior que fossem as diligências d'sse dia, não poderão encontrar mais nem um bugre: a tarde fiserão rumo para os lados d'estes campos trasendo o presoneiro cacique e seu armamento e no terceiro dia de viagem aqui chegarão. O cacique presoneiro falleceo na noite do mesmo dia 22 do corrente, dia em que aqui chegou a escolta, não porque estivesse ferido, porem creio que devido a paixão ou talvez alguma pisadura interior, visto que muito lutou no acto da prisão, e só depois de exausto de forças foi que conseguirão amarral-o. Feita diligência nem uma outra mandei faser por entender que os selvagem devião se ter refugiado para muito longe, no entretanto peço a V.S. dar alguma providencia afim de ficar garantida nossas vidas, pois é de crer que os selvagem procurem em breve resgatar o cacique presoneiro, tanto maes que escaparão-se incólume, por conhecimento que não podião levar a effeito seu intento malévolo por meio da traição. A população d'este districto é pequena, e se o Governo não nos der auxilio prompto, teremos de perecer em parte e abandonar o resto, os serviços feitos a tanto tempo, digo tantos annos e com grandes sacrificios." (Ofício do sub-delegado de União da Vitória ao Chefe de Polícia. São João 23/11/1880. OFFICIOS, 1881 vol. 1. APPR -doc. manus.)

As notícias confirmando a presença Xokleng nos sertões fronteiriços entre Santa Catarina e Paraná proliferavam. Em comunicado enviado pela Câmara Municipal de Palmas ao presidente da província do Paraná, em 31 de Dezembro de 1883, aquela casa declarava:

*"A Câmara Municipal d'esta vila tendo reclamações dos habitantes do da Victoria n'este Município em que solicitação providências a fim de garanti-los de qualquer assalto dos índios botocudos que vivem errantes e em contínuas correrias n'aquela região - leva esta ocorrência ao conhecimento de V. Exa. que se dignar tomar na devida consideração.*

*Parece a esta Câmara que será fácil obter-se um destacamento de meia dúzia de indígenas da tribo coroados sob o comando d'um de seus caciques auxiliado por paizanos e habitantes daquela localidade, *preste-se a acossar aqueles bárbaros selvagens que realmente ameaçam perigo n'aquela localidade. A vista do espendio que é digno de atenção V. Exa. providenciar como entender de Justiça.*" (Manuscrito do Arquivo Público do Paraná (APPR) - Ref. AP 0699-V. 20. OFFICIOS 1883; grifos meus )*

A importância e magnitude adquirida pelo conflito étnico no sul do Brasil aparece estampada inclusive nos relatórios anuais dos presidentes provinciais. A recomendação de auxílio à autoridade local aparece como uma comprovação cabal da ação diligente e obstinada dos Xokleng, atestando uma reação aguerrida frente à invasão progressiva da civilização moderna em seu território tradicional:

*"Por informação do subdelegado do Rio Negro [...], chegou ao meu conhecimento o aparecimento de índios nas proximidades daquela freguezia. Convindo evitar os assassinatos e depredações que costumam pôr em prática tais selvagens, recomendei em data de 29 de junho ao comandante superior do Príncipe que*

auxiliasse o referido subdelegado." (Relatório do Presidente de Província do Paraná ; Curitiba, ano de 1871)

Com o acirramento do conflito étnico, confirmado na elevação do número de ataques indígenas e agravado pela inoperância do poder governamental das províncias do Paraná e de Santa Catarina, os habitantes da região, fazendeiros em especial, buscaram a organização de expedições punitivas particulares.<sup>29</sup> Iniciou-se a partir de então, uma série de abusos e matanças indiscriminadas dos índios. Essa situação continuou durante o período republicano e agravou-se dramaticamente com a construção-efetivação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, entre os anos de 1894 e 1910, no interior do território Xokleng.

\* \* \*

### 2.3. A ferrovia São Paulo-Rio Grande e os ataques indígenas

Na passagem do século XIX para o século XX, as relações entre os agentes da "civilização moderna" e os grupos indígenas da região sul acirraram-se sobremaneira em consequência do rápido desenvolvimento das relações sociais e econômicas engendradas pela nova ordem mundial. Esse antagonismo levou tais agentes a perpetrarem contra os índios, habitantes dos territórios que iam sendo ocupados, atos de mais cruenta perversidade.

Em contrapartida, os Xokleng não apenas reagiram defensivamente contra a presença em cena de um contexto situacional - instituído através da articulação

---

<sup>29</sup> - Na realidade a prática de organizar expedições punitivas particulares, inclusive com apoio dos governos provinciais, era extremamente comum e vinha acontecendo desde o início do processo de colonização sistemático na região. O que ocorre nesse momento específico, fins do século XIX e começo do século XX, é um acirramento dos conflitos, que tornaram-se recorrentes no processo de contato entre os Xokleng e os diversos segmentos "civilizados" que invadiam o território tradicional indígena.

entre uma conjuntura sócio-histórica mundial - nível global - e a realidade local -, como mostraram-se ferrenhos opositores da empreitada "civilizatória" que invadia seus domínios.

Na aurora do novo século, um ataque Xokleng à EFSPRG provocando a morte de operários-construtores, em 1908, no município de União da Vitória fronteira divisória dos Estados de Paraná e Santa Catarina denotou a perspectiva de enfrentamento e confronto, evidenciando a natureza conflitiva do contato entre índios e brancos na região:

"No primeiro domingo de novembro caiu sobre a população, a notícia que o trem traria alguns operários-construtores mortos pelos índios. Quase toda a população da cidadezinha acorreu à estação ferroviária, à espera da chegada extra do trem [...]. Por fim ouvimos o apito da locomotiva. Num dos vagões a descoberto, forrado de galhos verdes, estavam estirados os corpos dos trabalhadores mortos. Uma senhora, já de certa idade, alemã, lançou-se, gritando convulsivamente, sobre o corpo do filho. Quatro dos mortos eram poloneses, os quais chegaram a procura de soldo, das colônias afastadas [...]. Neste mesmo dia, foram todos enterrados numa vala comum, como é costume aqui, sem nenhuma cerimônia". (SANTOS; 1973:156; WACHOWSKI; 1969:475, citando um imigrante polonês que trabalhou na construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande e que narra o episódio Marian Hessel, na Pionierskin Szlaku Pamietniki. Emigrantow, wydawnictwa "Polônia". Warszawa, 1965:99)

Importante destacar que, em diversas outras oportunidades, os Xokleng investiram contra os trabalhos de construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande. Dos operários, de origem étnica polonesa, encarregados da abertura e derrubada das matas, ficaram relatos e memórias que, resgatados por estudiosos da região, são comprovações inequívocas a esse respeito:

"Recebíamos regularmente os mantimentos de Ponta Grossa e nos dedicávamos à derrubada do mato. Demorou isto muito tempo, tínhamos sossêgo e nossos dias eram alegres, apesar do trabalho pesado. Porém [...] um dia, quando esperávamos novo transporte de mantimentos, pensávamos na causa da demora. Esperamos inutilmente. O engenheiro estava inquieto, os homens esperavam o transporte como se fôsse um encanto. Diminuímos a ração diária e andávamos desassossegados. Veio-me o pensamento de que isto poderia ser obra dos bugres, os quais poderiam ter tomado nossos mantimentos [...]. organizamos uma guarda noturna e aguardamos os acontecimentos. Certa ocasião, caiu uma tempestade [...]. Eu estava de guarda e por entre os trovões percebi alguns gritos estranhos, como se fôssem assobios. No início não os distingui, porém após alguns momentos fiquei aterrorizado. Reconheci que eram assobios dos bugres. Acordei o engenheiro e os outros. Reconheceram os sinais. Esta noite porém não atacaram [...], Até que uma vez, enquanto o fogo ardia forte, notei que, do lado do mato, aproximavam-se pessoas; eram os bugres. Acordei apressadamente os companheiros; as carabinas e os winchesters já estavam preparados [...]. Aproximaram-se lentamente, querendo apanhar-nos desprevenidos ou até pensando que estivéssemos dormindo. Ao sinal combinado, atiramos como se fôssemos um. Sete bugres caíram, porém voltaram em maior número. Outra vez, atiramos e muitos caíram. Os outros, aos gritos fugiram para o mato. Nesta noite nada mais ocorreu [...]. Fomos examinar os cadáveres dos bugres; dois ainda viviam e gemiam, porém não pudemos ocupar-nos com eles e para que não sofressem, o engenheiro mandou matá-los [...]. Decidimos voltar e abandonar tudo, inclusive os burros. Escolhemos como caminho o mato e confiamos na bússola. Fazíamos o menor ruído possível para evitar imprevistos. Carregamos os winchesters, os Revólveres, munição e os restos das provisões e colocamo-nos a caminho, calculando que os bugres, mesmo que viessem haveriam de estar receosos para um novo ataque, pois haviam tido uma boa lição [...]. Quando caminhávamos, chamou-nos atenção grande numero de corvos circulando no ar. Ao chegarmos mais perto, sentimos no ar a atmosfera carregada, com o cheiro de carne deteriorada. Pensamos em circundar o local e continuar a caminhada, mas algum pressentimento nos dizia que deveríamos averiguar [...]. Reconhecemos que a carniça era dos membros da expedição de abastecimento que aguardávamos [...]. Terrível era a cena [...], era obra dos índios botocudos". (Pamientniki Emigrantów, Ameryka Poludniowa. Instytut Gospodarstwa Społecznego. Warszawa, 1939:94-100; Cit. in WACHOWSKI, 1969:476).

O número expressivo de saques e assaltos, praticados pelos indígenas, aparecia como forma efetiva de resposta à invasão do território por contingentes migratórios brancos.

O etnocídio Xokleng, praticado pelos representantes do "progresso" e do "desenvolvimento" assumia caráter dramático, sendo representado de forma modelar em ataques como aquele desfechado no lugar denominado pelos regionais, a partir de então, de "morro da morte".

"Foram ali mortos cerca de 30. De noite recuamos para que os índios pudessem recolher os corpos dos seus mortos [...] Martins [referência a bugreiro profissional famoso na região por suas atrocidades cometidas contra os índios] caiu sobre este grupo de noite. Estavam dormindo no seu acampamento no monte Taió. Provavelmente estavam embriagados com bebida de sua própria fabricação. Ficaram quase completamente exterminados. O cacique Pé Grande recebeu alguns tiros no peito. Por curiosidade mediram o gigante. Tinha 2 m e 12 cm de altura. (Idem op. cit., p. 481)

Na realidade, o chamado "morro da morte", na concepção nativa, é o pico do Taió, espaço territorial mítico do grupo Xokleng - marca inequívoca da territorialidade como noção constituidora de um traço diacrítico singular, denotadora de uma construção-manutenção de identidade étnica distintiva. (Cf. HANKE, 1945:49-97)

A narrativa anterior, proferida por um ator social (operário-construtor da EFSPRG) representante da sociedade nacional, evidencia o grau de violência e crueldade da "civilização" ocidental empreendida contra os índios. É necessário o

registro de que, em ataques dessa natureza, ocorridos nos acampamentos da floresta meridional, centenas de mulheres e crianças Xokleng perderam a vida em consequência de uma ação deliberada que adquiriu caráter sistemático.

A violenta reação dos "brancos" encontrava nos meios de comunicação local forte apoio, visando à propagação de idéias contrárias ao respeito e à dignidade no tratamento conferido aos indígenas. Prova a esse respeito, é fornecida pelo principal jornal alemão de Blumenau, à época dos conflitos, o *Der Urwaldsbote*: "*Os bugres atrapalham a colonização e as comunicações entre planalto e litoral. É preciso acabar com essas perturbações de modo total e o mais depressa possível. Pontos de vistas sentimentais que consideram injustas e imorais as caçadas movidas aos bugres, são inoportunos*" (Cit. in SANTOS, 1973:112; grifo meu - )

Já Romão Wachowski, autor de ascendência polonesa, apresenta o problema étnico de um ponto de vista diferenciado da esmagadora maioria das posições dominantes e, em certo sentido, com uma visão não maniqueísta e mais equilibrada do confronto entre índios e brancos no sul do País. Segundo ele, "o índio botocudo, senhor de ermas e pujantes florestas, viu-se assaltado pelos vorazes colonos, os quais a toda força arrancavam-lhes a soberania. Ambas as partes batiam-se pelo seu pão, pela existência, pagando por isto um elevado preço". (WACHOWSKI, 1969:483)<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> - A situação na região era tão peculiar a ponto de imigrantes poloneses organizarem a Sociedade Comercial e Geográfica; essa sociedade chegou a traçar planos concretos para a internacionalização da área. Tal sociedade tinha como principal finalidade manter e difundir a cultura polonesa fora da terra de origem; Segundo WACHOWSKI (Comunicação pessoal -1994), a intenção de criar uma "Nova Polônia" tinha tanta força entre os imigrantes, que estes chegaram a

Por sua vez, Jaques Ourique, militar do exército imperial, que percorreu a região em 1882 integrando uma comissão mista de discriminação de terras e limites, e cujo trabalho foi concluído em março de 1884, produziu um interessante relato sobre a presença dos Xokleng na região.

O militar procura demonstrar as vicissitudes enfrentadas pela expedição em território tradicional Xokleng: "Porquanto tínhamos de atravessar considerável extensão de desertos desconhecidos, habitados por índios e feras sem podermos avaliar ao certo os dias de demora, nem presumir qual a natureza dos elementos a vencer, e ainda mais penosa tornou-se, por ter corrido sempre chuvoso o tempo, desde seu começo Até, que saímos do rio Negro." A imagem agreste do sertão surge com força na narrativa, atestando a ocupação do espaço por "índios e feras", numa alusão implícita que coloca ambos ao lado da natureza em oposição à cultura. Em seu relato-experiência, o autor produz, também, consideração quanto à possibilidade de ataque Xokleng: "o índio das paragens que íamos atravessar, bem que indomável e feroz, só ataca com todas as garantias de êxito completo, e eu tinha o meio de não lh'as dar conservando vigilantes sentinellas durante a noite e tomando as demais precauções necessárias." (OURIQUE;1887: 13)

---

organizar um "Batalhão Polaco" durante a "revolução federalista" de 1893. A meu ver, ainda está por ser feita uma pesquisa sobre a organização e o trabalho da Sociedade Comercial e Geográfica e seu significado político e cultural na ótica do grupo étnico polonês, num contexto de internacionalização de uma região de fronteira - parte da área territorial tradicionalmente ocupada pelos Xokleng - e que, entre os anos de 1912 e 1916, foi palco da Guerra do Contestado.

Em uma outra passagem interessante de seu relatório, desponta a postura adotada frente a experiência de um possível contato com os Xokleng: "Sentimo-nos sempre sob a vigilância do índio sagaz e astuto, mas nunca o podemos ver, porque também nunca demos ensejo de se mostrarem." Os Xokleng, na visão do autor, "fogem a todas as tentativas de catechese com horror, e preferem a morte a viver ou manter relações com homens civilizados" [...] Indomáveis e nômades ao último extremo, a isso levados pela continua guerra que lhes têm feito os brancos, habitam, estes selvagens, uma facha de sertão cercada por todos os lados de povos, villas e cidades, conservando, entretanto, no coração dessas matas quasi virgens, seus habitos primitivos." (OURIQUE, 1887:25)

\*\*\*

#### 2.4. Presença do ferro e outros conflitos

"O ferro obtinham os Botocudos, antes da pacificação, nos assaltos que perpetravam contra os civilizados. Material sumamente precioso este, pois que, deante das vantagens sobre a pedra lascada, tornou-se-lhes imprescindível para a factura de seus armamentos. Trabalham elles o ferro não o aquecendo, mas sim malhando-o frio, com rijas pedras arredondadas que buscam nos baixios dos rios. Fácil é avaliar qual a paciência e a perseverança necessárias para dar forma desejada a um qualquer pedaço de ferro, cuja forma e dimensões em nada correspondem ao modelo desejado. Basta dizer que, para apromptar uma lâmina para suas lanças, empregavam mais de três mezes trabalhando diariamente." (PAULA, 1912:124)

Com a recorrência de contatos esporádicos entre índios e não índios, motivados pelos diversos projetos de colonização na região sul - já por volta da

metade do século XIX -, e a partir da construção-efetivação da ferrovia São Paulo-Rio Grande, entre 1894 e 1910, a absorção do ferro na cultura material do grupo tornou-se uma alternativa importante.

Conforme Darci Ribeiro (1986), Eduardo Hoerhan ouviu dos Xokleng uma narração mítico-histórica, referente ao encontro inaugural com representantes da "civilização", que ressalta a importância do instrumental de ferro.

"Numa dessas andanças um bando deparou, com enorme espanto, uma estrada diferente de todas que tinham visto até então: uma simples picada; porém tinha de extraordinário a forma como os arbustos haviam sido cortados. Ao invés do simples torcimento - que era o único modo que eles conheciam de afastar os ramos que vedavam a passagem - ali os ramos estavam decepados de uma maneira nova. Juntaram-se para comentar o fato, fizeram conjecturas e prosseguiram, com cuidado, à procura dos responsáveis por aquela obra [...] ao entardecer foram chegando a um lugar muito marcado de rastros e logo depois divisaram uma casa de pano, vendo de muito longe estranhos bípedes andando em torno dela[...] Avançaram antes do amanhecer, era ainda noite quando rodearam a barraca e mataram todos os seus ocupantes. Em seguida puseram-se a procura dos instrumentos supercortantes, tateando toda a barraca; logo um deles encontrou um machado que, experimentando ali mesmo mostrou suas qualidades; outros encontraram facões e facas [...].

"Experimentaram demoradamente os instrumentos em toda sorte de madeiras, cada vez mais encantados com sua eficiência. Pareciam dotados de uma força extraordinária e nunca se cansavam de usá-los. Todo aquele dia os índios passaram cortando, cortando sem cessar.

Dali voltaram a toda pressa para onde estava o grosso da tribo, levando a grande notícia e as provas de suas façanhas. Em breve todos os bandos desciam ao longo dos rios que demandavam o mar, para conhecer o local do encontro e, talvez, conquistar também algumas daquelas maravilhas. A essa altura já não estavam vivos e ilesos todos os conquistadores de tão extraordinários troféus. Guerreiros mais fortes se sentiram com

mais direito a eles e fizeram valer suas convicções. Durante muito tempo mantiveram-se na costa, explorando toda a extensão que podiam alcançar, à procura de novos encontros. Outros brancos vieram, novas lutas se travaram e mais instrumentos supercortantes foram conquistados." [...] "Agora para a guerra aos estranhos ou aos irmãos de tribo, além do estímulo de alcançar o galardão de herói e de aprisionar as mulheres dos vencidos, surgira um novo: tomar-lhes as ferramentas supercortantes conquistadas ao estranho povo de pele branca coberta de pelos."  
(RIBEIRO: 1986: 318-321)

A tradicional cultura de liberdade, construída ao longo da vida nômade de caçador e coletor, transformou-se em atitude guerreira - traço distintivo marcante da cultura dos povos Jê -, desde que lhes foi mister disputar seu território nas guerras étnicas - frente aos Kaingang, Guarani, entre os grupos étnicos - e contra as sucessivas e contínuas investidas dos contingentes civilizados.

Ironicamente, a utilização do instrumental de ferro na fabricação de artefatos da cultura material foi percebida e vivenciada, no sentido de prática incorporada ao *modus vivendi*, enquanto inovação cultural. Mais tarde, com a construção-efetivação da EFSPRG, o ferro viria a ser o principal elemento responsável pela abertura inexorável de parte do território tradicional Xokleng à civilização.

Em sua guerra sem trégua, os Xokleng resistiram tenazmente à tentativa de dominação empreendida pelos segmentos civilizatórios e pelo próprio Estado. O governo provincial do Paraná, para garantir o trânsito da estrada da Matta, teve de providenciar e manter destacamentos no Rio Negro, em São Tomás de Papanduva,<sup>31</sup> e nem assim os aguerridos e "temíveis" indígenas deixaram de ser uma constante ameaça àqueles que se animavam a transpor os seus domínios.

---

<sup>31</sup> - Em 1876, o então presidente da província do Paraná, Adolfo Lamenha Lins, sancionou a criação de Papanduva, destinado ao confinamento Xokleng. Todavia o mesmo não se desenvolveu e desapareceu, devido às dificuldades em estabelecer contato com os indígenas. Segundo o Diretor Geral dos Índios, em ofício ao presidente da província do Paraná em 18/09/1877, "esses índios

"As chronicas paranaenses registram os sucessivos assaltos dos belicosos bugres a tropeiros que iam ou vinham do Viamão. Os inventários existentes no cartório de orphãos de Curityba testemunham essa luta ininterrupta entre o gentio botocudo e os colonos [...]. Os próprios homens de sciencia, os nossos notáveis americanistas dos mais autorizados formulavam hypoteses desarrazoadas, inconsistentes, para explicar a origem dos indomitos selvagens que constituíam uma continua ameaça contra os povoadores das missões brasileiras." (KEMPF, XX congresso de americanistas, s.d.)

A visão dos atores regionais sobre a problemática do contato interétnico traduz-se em posições de natureza etnocêntrica. Assim mesmo, acabam atestando a presença em cena do grupo étnico Xokleng e sua resistência frente a penetração da "civilização moderna" em seus domínios imemoriais. É o caso do exemplo a seguir:

"O índio atacava tanto a estrada de ferro, no acampamento desse pessoal do mato que ia tirar erva da floresta, os serradores, aqueles que iam tirar os pinheiros, como a estrada de ferro, como os fazendeiros ou um caboclo posseiro. Eles atacavam igual, não distinguiam quem era quem. Era como um branco que se estabeleceu na terra que eles achavam que era deles. [sic...] Eles não atacavam para fazer, digamos assim, ataque de morte

---

[referindo-se aos Xokleng] são a raça mais feroz e até hoje indomada." (OFFICIOS, 1877, vol. 12. APPR - doc. manuscrito). Na visão de WACHOWSKI (1980:81) "a extinção do aldeamento de S. Thomás do Papanduva foi um erro, não só com relação aos índios, mas inclusive do ponto de vista político. Toda a região ao sul do registro de Rio Negro acabou passando, pelo acordo fronteiro de 1916, assinado com Sta. Catarina, para o domínio deste último Estado." De outro lado, acredito que uma pesquisa que enfoque o significado da criação das colonias militares do Chapecó e Chopim, na década de 80 do séc. XIX, poderá comprovar, junto com o caráter geo-estratégico inerente a esse tipo de empreendimento em regiões de fronteira, a tentativa expressa do governo imperial de pôr fim, através da ocupação do território indígena, aos graves conflitos étnicos entre índios e brancos no sul do país.

provocar morticídio, uma devastação violenta..." [...] "Durante a abertura da estrada de ferro, várias vezes eram assaltados pelos índios que queriam roubar principalmente ferramentas e utensílios, ferramentas agrícolas, ferro, facão [...] O índio, no caso, os Xokleng de Porto União, mantinha-se arredio ao contato, não perdia oportunidade para desfechar ataques contra o pessoal empregado na via férrea." (entrevista concedida por Nilson Thomé, estudioso regional, realizada pelo autor em 12 de Janeiro de 1994).

Aparece aqui, na voz de um ator social estudioso regional, a velha idéia ocidental de que os nativos não tinham vontade própria, nem eram capazes de atirar a primeira pedra. Ora, o que a experiência histórica de eventos distantes nos mostra (Cf. SAHLINS:1988;1990) e a comprovação etnográfica empírica evidencia é, nesse caso, a tentativa nativa de encontrar uma compreensão dentro de seu mundo, a partir da sua vivência da situação de contato, lançando mão de seus próprios termos e conhecimentos para tentar enquadrar a experiência do conflito étnico.

Assim, o confronto com os brancos será visto pela cultura nativa como forma de exercitar uma das artes mais antigas da organização social desses Jê meridionais pois, segundo eles "a guerra nasceu com os índios". Nesse sentido em uma perspectiva êmica, expressa nas palavras de D. Gümü - índia Xokleng do rio dos Pardos - "antigamente era o tempo da gente brigar. A gente fazia a guerra entre nós índio e contra os brancos que invadiram nosso lugar. Era tempo de toda a minha gente lutar, assim meu pai contou."

\* \* \*

"Durante as andanças pela mata, no encalço dos índios, muitos homens das turmas de pacificação ouviram, intrigados os índios dizendo, em português claro e inconfundível: "Chuva fininho, chuva fininho"; hoje retificado para: Itxo vatxiního, ou seja, "Estamos protegendo vocês". Eram os Botocudos, certos de que

pacificavam aos brancos, a lhes dizer que não os temessem. Também eles, como tantos outros índios, enquanto eram atraídos, [...] cuidavam que nos estavam domesticando e agiam com toda a cautela para evitar um desastre na tentativa de relações com gente tão traiçoeira como os brancos." (RIBEIRO, 1993:32; Falas, Reflexões, Memórias)

A concepção dos Xokleng sobre os brancos formou-se à base dessas experiências. Poucos anos antes do confinamento oficial do grupo (Ibirama em 1914), a etno-história sobre os Xokleng enriqueceu-se consideravelmente através dos relatos das várias agências de contato que adentravam na região Sul e do amplo debate que se instalou no interior da sociedade brasileira.

Nesse período, havia vários focos de tensão social disseminados pelo país, gerados pelo contato entre índios e brancos. No final de 1907, o Jornal do Comércio retratou esse quadro através de telegrama publicado na coluna "Várias Notícias", onde o engenheiro-chefe de fiscalização da ferrovia São Paulo-Rio Grande informava ao ministro da Indústria e Comércio que os trabalhos de construção haviam sido interrompidas, em decorrência da ameaça de ataque dos índios Xokleng, sendo necessário enviar para o local um contingente de força federal:

"Regressei ontem de São João, próximo à zona infestada pelos índios. Verifiquei ser exato o pessoal ter abandonado os serviços de exploração e localização, protestando não voltar ao trabalho sem efetiva garantia. Até hoje não me consta a vinda de contingente algum de força federal. Acabo de conferenciar com o representante da companhia arrendatária, que me pediu para insistir, pedindo a vinda urgente de força..." (Jornal do Comércio, 4/12/1907, p. 3.)

José M. Gagliardi (1989) interpreta, em certa medida, coerentemente o significado deste relato publicado no principal jornal conservador do período. "O

telegrama exprime com exatidão o clima de insegurança que reinava nas fronteiras da civilização. Além disso, revelava o sentido da transferência do serviço de catequese para a esfera federal - Decreto 1.606. Com essa mudança, a repressão às populações indígenas 'refratárias à civilização', resistentes à tentativa de dominação branca passou a ser função do governo federal, isentando as oligarquias estaduais dos desgastes econômicos e morais que a atividade exigia." (GAGLIARDI, 1989:175)

Embora em consonância com a perspectiva manifestada pelo autor, no que tange ao clima de insegurança reinante nas "fronteiras da civilização", é necessário referir que o SPILTN (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais) surgiu da necessidade, antes, de controlar os governos Provinciais e as oligarquias regionais e locais do que de isentá-los dos desgastes econômicos e morais que a atividade exigia.

De outro lado, parece-me plausível afirmar que, em determinados casos (notadamente aqueles considerados críticos, como é o exemplo do Rio dos Pardos, onde os índios "atravancavam o avanço da civilização" cf. cap. 4), o SPILTN e os representantes do poder regional e local encontravam-se em posições políticas divergentes em relação a questões fundamentais, como, por exemplo, a da estruturação do campo de disputas indigenistas.

A propaganda antiindígena, estampada nas páginas do Jornal do Comércio, ou no Der Urwaldbote de Blumenau, adquiria caráter sistemático. Em um desses escritos, intitulado Catequese dos Selvagens, o editor assim se manifesta: "Os nossos argumentos têm procurado demonstrar que tem sido excessiva a preocupação do governo com este caso de civilização dos silvícolas. *A catequese que se pretende deveria ser feita, antes pela progressiva e naturalmente pelo avanço da civilização, pela penetração da locomotiva...*" (Jornal do Comércio, 26/5/1910, p. 4; grifo meu)

Nitidamente o editorial expressa a valorização do progresso e o avanço da civilização - através da penetração da locomotiva - sobre os territórios indígenas, em detrimento da autonomia e do respeito à ancestralidade existencial e diferenciada dos indígenas no Brasil. Assim o "progresso" representado pelo trem de ferro era visto como "naturalmente" inexorável e suas idéias correlatas - desenvolvimento e civilização - como possibilidade real da catequese indígena através de seu avanço evolutivo.

Em contrapartida, a defesa dos povos indígenas era promovida pelo apostolado positivista, capitaneado por Teixeira Mendes que, diante da ameaça de envio de tropas militares para o território tradicional Xokleng, manifestava-se de forma contundente: "... não é lícito ao governo federal manter tropas para obrigar os selvagens a cederem o seu território. Modifique-se o traçado da estrada de ferro de modo a respeitar o território dos selvagens, se estes se opuserem à instituição de tal melhoramento, como se tratasse de qualquer nação poderosa." (MENDES 1908:13)

A identificação do índio com o nacionalismo embrionário da República, difundida na classe média urbana e nos setores esclarecidos da sociedade da época, era, em larga medida, propagada pela literatura romântica que contribuía para a difusão de uma imagem clássica - a do bom selvagem -, favorecendo, assim, "a produção e reprodução de uma mentalidade simpática à causa indígena."

Evidentemente que a representação do indígena como símbolo da jovem nação republicana e como legítimo representante da nacionalidade brasileira satisfazia a pretensão dos intelectuais do período, preocupados em dar conta da identidade nacional. Isso acontecia através de uma construção discursiva que

pretendia amalgamar as culturas regionais e os elementos constitutivos no plano étnico<sup>32</sup> - o termo largamente difundido, à época, era raça - da nação brasileira.

Dito de outro modo, com o advento da ordem republicana despontava a virtual necessidade de um discurso ideológico unificador visando à consolidação do Estado Nacional. A articulação de tal processo, nesse caso, ancorava-se em uma visão romântica,<sup>33</sup> disseminada nos principais centros urbanos do País, onde o índio aparecia associado e representado enquanto símbolo da identidade nacional.

---

<sup>32</sup> - Raça era o termo consagrado pelo pensamento social e pela ciência do período, predominando a idéia de um determinismo de cunho racial onde “as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis.” Nesse sentido, ressalte-se a inexistência de uma visão política ou científica, durante o final do séc. XIX e limiar do séc. XX, quanto ao uso da noção de etnia conforme moldes atuais. Para uma abordagem talentosa, envolvendo o tema racial articulado à constituição das primeiras instituições científicas no país ver **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930** (SCHWARCZ:1993).

<sup>33</sup> - A imagem romântica que se fazia do índio nos centros urbanos do país, emergiu vigorosa em oposição à imagem selvática que aparecia no interior, em particular no sertão meridional. Na perspectiva filosófica Jean Jaques Rousseau, entre outros, difundiu sobremaneira o mito do bon sauvage. No Brasil, obras como **O caramuru** (1781) de Santa Rita Durão; **A Confederação dos Tamoios** (1856) de Gonçalves Dias; **O Guarani** (1857) e **Iracema** (1856) de José de Alencar, figuram entre a literatura clássica que influenciou o período republicano.

## CAPÍTULO 3

### A PRESENÇA DA MODERNIDADE NO BRASIL MERIDIONAL - O CAMINHO DE FERRO NO SERTÃO DE SANTA CATARINA

"A *exhibitio* da era burguesa multiplicava ainda mais suas formas de aparição. Décadas antes, quando as ferrovias surgiram, houve quem nelas cresse como condutos da paz, espécie de versão primeva da teoria atual acerca do poder de dissuasão dos arsenais nucleares." (HARDMAN, 1988:18)

#### 3.1. A ferrovia no mundo moderno

O trem de ferro e, por extensão, as ferrovias são construções humanas que se constituem em movimentos significativos à celebração da modernidade do século XIX e limiar do século XX. Na realidade, despontavam como símbolos, expoentes privilegiados à compreensão da cultura instituída pelo industrialismo capitalista.

Conforme HARDMAN (1988:15), a expansão do capitalismo mundial à periferia tem aí um dos seus pontos altos. Nas suas palavras, "a construção de ferrovias [...] são exemplos, irrefutáveis, de que o mercado mundial ganhava ao mesmo tempo concretude, o que vale dizer, nesse caso, que a forma fetiche das mercadorias estava definitivamente liberada para encarar toda a humanidade".

É mister reconhecer que a história de constituição do moderno sistema mundial<sup>34</sup> tem na construção de ferrovias, tanto do ponto de vista econômico como simbólico, um dos capítulos decisivos. O mercado mundial desponta aí como um cenário ilustrativo e privilegiado do desenvolvimento da modernidade.

A idéia de mercado mundial visto como palco das transformações da época moderna, remete à perspectiva de um sistema mundial concebido a partir de eixos centrais e periféricos articulados entre si. Dito de outra forma, recorrendo a uma imagem antropológica contemporânea, a noção de sistema mundial remete à contextos locais e globalizantes interdependentes.

No entendimento deste trabalho, uma crítica do imaginário moderno acerca do processo de construção das ferrovias, desencadeada a partir da obra de HARDMAN (1988), descortina a presença do maquinismo não apenas como força produtiva mas como construção de espetáculo. Nesse sentido, tal perspectiva aponta à constituição de uma eficácia simbólica do poder do capital, da vida moderna e de um mundo em rápida e constante transformação.

O surgimento de ferrovias, rasgando os sertões do país, descortina a presença de um imaginário de tipo fáustico no interior da sociedade nacional. Os caminhos de ferro despontavam como símbolo do movimento que buscava inserir as comunidades tradicionais num universo simbólico próprio da sociedade capitalista moderna.

Nesses termos, a idéia, consagrada em finais do século XIX e limiar dos século XX, nada abstrata de "cortar e circular o país de ponta a ponta" adquiria

---

<sup>34</sup> -Para uma crítica eminentemente antropológica da teoria do Sistema Mundial, ver os recentes trabalhos de SAHLINS (1988;1990).

uma significação concreta. Ela acabava apontando à possibilidade efetiva de uma ruptura com os ritmos tradicionais de vida no interior da sociedade nacional.

Marshall Berman acentua que a noção de velocidade, associada a uma rápida e drástica alteração do mundo físico e da vida material, adquire utilidade básica para quem pretende realizar grandes empreendimentos.<sup>35</sup> Nesse sentido, em consonância com a perspectiva do autor, é lícito afirmar que o Fáusto de Goethe, "universalmente reconhecido enquanto a expressão primária do moderno espírito inquiridor, atinge sua realização, mas também sua trágica derrocada, na transformação da moderna vida material". (BERMAN:1987)

A construção de grandes projetos de desenvolvimento - GPDs - no mundo moderno pode ser vista como a expressão do desenvolvimento enquanto tragédia.<sup>36</sup> Assim, o processo de construção-efetivação da EFSPRG, analogamente a empresa fáustica, pode ser interpretado como "*uma história e uma tragédia do desenvolvimento*". Em consonância com BERMAN (1987), acentua-se que esse tipo de empresa fáustica "vai dirigir-se à própria energia da natureza e canalizá-la para a obtenção do combustível para novos projetos e propósitos humanos, coletivos."<sup>37</sup>

Historicamente a ferrovia despontava mundialmente como empresa civilizatória. Com a criação de uma rede de comunicações, consubstanciava-se a

---

<sup>35</sup> - Ver a esse respeito, a adequada interpretação produzida em **Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade**, especialmente o cap. 1 "O Fausto de Goethe: a tragédia do desenvolvimento", pps. 39-84.

<sup>36</sup> - Exemplo a respeito foram a construção da EFSPRG e a implantação da Lumber na região Sul (Cf. a seguir). Esses GPDs são modelos do que Marshall Berman expressa como sendo a marca registrada do desenvolvimento enquanto tragédia.

<sup>37</sup> - Oswald Spengler (1980), evidencia que a ferrovia era portadora de uma "Cultura Faustica" representando o triunfo do pensamento puramente técnico" frente aos grandes problemas humanos. Nesse sentido, acabava produzindo homens que menosprezavam "todas as limitações temporais e espaciais, colocando o ilimitado e o infinito no centro dos seus objetivos possíveis." (cit in LESSA, 1993:103)

possibilidade efetiva do capitalismo da época expandir-se, buscando o controle do território e do tempo, fundamentalmente através da constituição dos Estados-Nação e da conquista de fronteiras territoriais em pontos extremos - periféricos - do moderno sistema mundial

"A combinação entre imaginação romântica, espírito empreendedor e especulação financeira produziu um tipo característico de capitalista, que dominará o cenário de construções das grandes obras públicas internacionais, em especial no terceiro quartel do século XIX. [...] Desenharam um mundo homogêneo e unificado de forma mais ampla e sólida do que os navegantes do Renascimento. (HARDMAN:1988)

"Tais homens pensavam em termos de continentes e oceanos. Para eles, o mundo era uma única coisa, interligado por trilhos de ferro e máquinas a vapor, pois seus horizontes comerciais eram como seus sonhos sobre o mundo. Para tais homens, destino, história e lucro eram uma e a mesma coisa." (HOBBSAWN, 1979:76 )

Como se vê em **A Era do Capital** (1979), Eric Hobsbawn consegue captar de forma precisa a mentalidade presente na construção de GPDs. Tais empreendimentos modernos, marcas registradas de uma era do maquinismo, espalhavam-se pelo mundo alargando a percepção e o espaço territorial à disposição do homem ocidental.

"A indústria das estradas de ferro representou uma empresa de grande porte e sua rápida internacionalização, durante a segunda metade do século XIX, foi um dos fatores básicos para que se articulasse de modo pleno o mercado mundial. [...] Grande movimento de terras e de homens: a implantação das vias permanentes das estradas de ferro é um capítulo privilegiado do

nascimento e morte de cidades, da dizimação de populações nativas, de processos migratórios e de colonização significativos na Ásia, África, Américas e Oceania. Desse ponto de vista, nada de especialmente original possui o advento e expansão das estradas de ferro no Brasil. É como se um mesmo enredo se passasse, ao mesmo tempo, em diferentes cenários." (HARDMAN, 1988:127-28).

Para a representação, em cenário particular, do sertão meridional, é importante conhecer alguns elementos constitutivos dessa imagem que adquiriria força marcante em fins do século XIX e limiar do século XX no Brasil.

### 3.2. Ferrovia no Brasil: alguns traços constitutivos

As ferrovias no Brasil passaram a operar a partir da segunda metade do século XIX. Durante longo período de tempo, produziram contribuição de ordem significativa para integração do território nacional e exerceram papel de ponta no processo de desenvolvimento de um grande número de agrupamentos humanos. Desempenharam importante função econômica, sendo responsáveis pela criação de núcleos populacionais, estabelecendo e facilitando a comunicação e o transporte por via terrestre, entre as diversas regiões do país.

A presença de um marco inaugural data de 1834. O então Regente Diogo Feijó promulgou o decreto que autorizava o governo federal a conceder carta de privilégio visando à construção de uma estrada de ferro que, partindo do Rio de Janeiro, ligasse as Províncias da Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Vinte anos mais tarde, em 1854, através de iniciativa pioneira do Barão de Mauá, acontecia a inauguração da sonhada primeira ferrovia nacional. Uma estrada de ferro com 14,5 km de extensão que ligava a estação Mauá a Inhomirim. Dois anos depois, foi estendida até a raiz da serra de Petrópolis, passando a denominar-se de "Imperial Companhia de Navegação a Vapor e

Estrada de Ferro Petrópolis". No entanto, somente vinte e nove anos depois, em 1883, os trilhos de ferro chegaram até a cidade serrana de Petrópolis, através da abertura de mais 6 km em linha de cremalheira.<sup>38</sup>

A ferrovia rapidamente se impôs como elemento decisivo para o progresso, ou ao menos para uma determinada idéia de progresso e desenvolvimento. A ferrovia era o elemento que representava a entrada do país na modernidade. Comprovação inequívoca nesse sentido é o fato de que várias vias férreas,<sup>39</sup> ligando extensas áreas até então desprovidas de comunicação entre si, proliferaram no país, entre as quais se destacaram: Estrada de Ferro Recife-São Francisco, inaugurada em 08/02/1858; Estrada de Ferro Dom Pedro II, com 48 km de extensão, inaugurada pelo Imperador em 1858; Estrada de Ferro Bahia-São Francisco (1860) e Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, inaugurada em 1868.

---

<sup>38</sup> -A linha em cremalheira é um tipo de linha ferroviária em que existe um trilho recortado em dentes - dentado -, no qual engrenam as rodas que dão movimento às locomotivas.

<sup>39</sup> - A força do capital internacional se impôs, em detrimento das poucas empresas do país. Dos investimentos em ferrovias, logo passou a estender suas atividades a outros setores da economia. O Barão de Mauá - considerado por muitos o primeiro empresário nacional -, teve a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí tomada pelos ingleses da San Paulo Railway Company Limited, a ferrovia Rio-Minas implantada pela The Minas and Rio Railway Company. A concessão que detinha para lançamento de cabos submarinos, passou para a Brazilian Submarine Telegraph Company e sua Cia de Navegação do Amazonas acabou em poder da Amazon Steam Navigation, além de sua Cia de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro ter passado à exploração da The Rio de Janeiro Gás Company Limited.

Por outro lado, na região Centro-Sul, já no final do séc. XIX, existiam perto de duas dezenas de empresas estrangeiras, dominando a totalidade do setor ferroviário. No início do séc. XX, em todo o Brasil, estavam disseminadas, monopolizando perto de 100% da malha ferroviária, através de concessão estatal ou arrendamento. No Rio Grande do Sul, despontavam a Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway, Compagnie Imperial des Chemins de Fer du Rio Grande do Sul, a Great Southern of Brazil Railway Company, Compagnie Générale des Chemins de Fer Sud-Oest Brasilien. Em Santa Catarina, a The Tereza Cristina Railway Company Limited, Estrada de Ferro Santa Catarina, Brazil Railway Company, que assumiu a concessão da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. No Paraná, encontramos a Compagnie Générale des Chemins de Fer Paraná, Compagnie Générale des Chemins de Fer Brasilien. Em São Paulo existiam a The Rio Claro-São Paulo Railway, The São Paulo Railway Company, entre outras. (Lista extraída do Guia Geral das Estradas de ferro e Empresas de Transporte com elas articuladas - CGT, GI -, 1960).

O extraordinário crescimento da malha ferroviária brasileira, no período compreendido entre o início da implantação do sistema (1854) e o término do regime imperial (1889), atesta a ideologia expansionista do Estado brasileiro. O governo imperial, empenhando-se na construção de grandes obras públicas, tinha por meta prioritária propiciar o desenvolvimento nacional e a constituição do Estado-Nação.<sup>40</sup>

Entretanto, vale registrar, a proliferação dos trilhos de ferro acontecia em detrimento de uma racionalidade técnica e administrativa de longo alcance. Em termos objetivos, a política ferroviária nacional nunca obedeceu a um planejamento global e prospectivo. Honrosa e particularíssima excessão constituiu a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) com projeto organizado desde o início pelo engenheiro Ewbank da Câmara.<sup>41</sup> Os chamados "Planos de Viação" de Visconde do Rio Branco (1876), de Honório Bicalho (1881), de André Rebouças (1874) e os de Ramos de Queiroz e Oliveira Bulhões não tiveram sua execução

---

<sup>40</sup> - EVOLUÇÃO DA REDE FERROVIÁRIA (em km construídos) NO BRASIL A PARTIR DE SUA IMPLANTAÇÃO ATÉ O PERÍODO FINAL DO IMPÉRIO.

---

1860 -----	128 km
1870 -----	300 km
1880 -----	1.288 km
1889 -----	9.281 km

---

FONTE - THOMÉ, 1980:23; QUADRO I

A febre de assentar trilhos de aço através do país, já a partir da segunda metade do século XIX, conforme a progressão vertiginosa atestada no quadro acima tinha objetivo bem definido: o atrelamento da economia nacional aos interesses da economia mundial (leia-se inglesa) que passou a subsidiar a construção de ferrovias e um número expressivo de melhoramentos técnicos no setor de vias férreas, patrocinando, assim, o início do processo de modernização brasileiro.

<sup>41</sup> - A cerca da formação do sistema ferroviário no Rio Grande do Sul e do papel desempenhado pelo engenheiro Ewbank da Câmara, que planejou e administrou a construção da rede de caminhos de ferro, ver DIAS (1986). Sob um prisma original do período, o estudo de KLIEMANN (1977:11-18) "A Ferrovia Gaúcha e as Diretrizes de 'Ordem e Progresso' ", destaca as relações criadas entre o Partido Republicano Riograndense - PRR -, de forte orientação positivista, e as ferrovias assentadas em solo gaúcho desde o início da República até 1920, quando ocorre a encampação da rede ferroviária pelo governo estadual.

levada a bom termo. Pandia Calógeras, referindo-se aos planos de Viação e à política ferroviária brasileira no período Imperial, atesta que:

"Para mais clara compreensão do estado a que chegaram, e das dificuldades que tiveram muitas de nossas ferrovias, seria necessário remontar às suas origens e examinar esses fatos à luz da história. Enquanto as ferrovias européias se dirigem para as cidades e foram construídas para entrelaçar importantes focos de civilização, já articulados por estradas seculares, os nossos ferrocarris, ao contrário, estiraram seus trilhos para ligar, através de grandes distâncias, os centros produtores aos centros consumidores ou de exportação. Em vez de unir centros fabris e agrícolas, de vida já intensa, e muito próximos uns dos outros, como na Europa, entre nós o caminho de ferro foi um criador de cidades".<sup>42</sup> (CALOGERAS:1928, cit. in THOMÉ, 1980 :25)

Instrumento exemplar da política ferroviária brasileira, a subvenção por quilômetro,<sup>43</sup> instituída para incrementar o desenvolvimento das ferrovias, apresentou resultados desastrosos para a economia nacional da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Em consequência de tal vantagem, espécie de subsídio conferido pelo governo federal, estenderam-se linhas sinuosas demais e desnecessárias à época, antieconômicas e de

---

<sup>42</sup> - Diferentemente da Europa, na América (em especial nos EUA) a ferrovia servirá para abrir inicialmente vastas regiões inexploradas do território. Empresa essa que ganha maior interesse com a exploração do oeste americano. Enquanto na Europa, as ferrovias facilitam o tráfego, na América, elas criam o mesmo. Na realidade, a diferença básica está na natureza específica da Revolução Industrial no continente americano, onde ela não começa com a industrialização mas com a agricultura e o transporte.

<sup>43</sup> - A subvenção por quilômetro ou subvenção quilométrica, representava uma das formas de concessões de benefícios e subsídios econômicos oferecidos pelo governo federal, a fim de atrair investidores e capitais estrangeiros para a construção de ferrovias no país, durante o final do Império e na República Velha.

dispendiosa manutenção. De acordo com Fernando Azevedo, em texto clássico da literatura sobre ferrovias:

"Os abusos e extravagâncias que resultaram da subvenção quilométrica, [...] foram tão frequentes e escandalosos que saltavam aos olhos de qualquer observador despreocupado ou alheio a questões técnicas de estrada de ferro. Das janelas dos trens, em certas ferrovias, costumava-se distrair os passageiros, por desfastio, com essas aberrações com que se alongavam os traçados para se aumentarem os proventos de auxílio oficiais". (AZEVEDO, 1950:229)

Na realidade, a presença inequívoca de tais expedientes - "abusos e extravagâncias" - resultou da inexistência de uma política ferroviária articulada, além da comprovada ausência de capital nacional e tecnologia férrea no país. Por outro lado, a construção de ferrovias, entre o final do século XIX e início do século XX, apresentava-se como meta primordial do desenvolvimento da modernidade brasileira e de seu corolário imediato, a idéia de progresso.

Assim, o Estado brasileiro, em fins do século XIX, encontrava-se em vias de consolidação do território, constituindo em definitivo suas fronteiras. Ressalte-se que, desde o limiar da era ferroviária no país, o governo federal participou e incentivou ativamente, juntamente com investimentos do capital financeiro internacional, a formação da rede de caminhos de ferro. Daí que, já a partir do terceiro quartel do século XIX, os caminhos de ferro, e por extensão os trens, representavam um elemento fundamental para o escoamento da produção, promoção de colonização e povoamento do interior. Esse projeto visava, também, assegurar a integridade das fronteiras nacionais, a ocupação de novas terras e o controle do vasto território brasileiro.

A empreitada republicana de domínio do território por intermédio da construção de vias férreas materializava o ideal de desenvolvimento e de progresso levado a cabo por empreendedores estrangeiros e pelo próprio Estado-Nação em formação. A constituição de ligações ferroviárias privilegiava a integração de uma unidade territorial e a imagem de consolidação de uma nacionalidade brasileira, que vinha sendo gestada desde os anos 70 do século XIX, através, principalmente, da Escola de Recife.<sup>44</sup>

No que tange à perspectiva de consolidação e de configuração do território brasileiro através da expansão e da conquista de suas fronteiras internas, a ferrovia aparece como uma mensageira da civilização industrial e urbana para o sertão do país.

A percepção da ferrovia como símbolo do progresso não é fruto de uma visão solitária, de ótica contemporânea, alicerçada em um olhar antropológico. Já naqueles idos do século XX, o trem de ferro era saudado em prosa e verso, como "arauto da modernidade". Imagem apreendida, nesse sentido, pela geração literária que precedeu o modernismo, a locomotiva aparece - através da poesia parnasiana - com destaque editorial no limiar do século XX:

## A LOCOMOTIVA

Da penedia o dorso se espedaça  
Acelera-se o rio espavorido  
Abrem o seio escuro bipartido  
A selva e o monte: o trem de ferro passa...

---

<sup>44</sup> - A formulação de tal perspectiva, como expressa o trabalho de Sílvio Romero, atesta a presença em cena das primeiras preocupações dos intelectuais nacionais com a problemática da modernidade em solo tupiniquim. Nesses termos, em concordância com HARDMAN (1988), pode-se dizer que "estão se introduzindo nas culturas brasileiras, pelo menos a partir dos anos 70 do século passado, temas e percepções pertinentes ao universo do modernismo."

Sibila e corre a machina; esvoaça  
Dos passaros o bando foragido,  
Bufa o monstro e do bojo enegrecido  
Golpham rolos de turbida fumaça...

Rijo, forte e veloz, uma idéia  
Condensada em metal, em ferro espesso;  
Não recua, não cae, não titubeia;

Evoa, e rasga a luminoso ingresso  
O ramo arterial, a grossa veia  
Por onde corre o sangue do Progresso.

(CORREA, Raymundo. in Jornal O TRABALHO - Campos Novos, 20/05/1913).

"Sibila e corre a machina", "uma idéia condensada em metal", "em ferro espesso", "por onde corre o sangue do Progresso"; no tratamento parnasiano a locomotiva constituía-se em uma evocação literária contundente, símbolo-mor do programa modernizador e de transformação das relações sociais que o ideário da modernidade emoldurava no Brasil meridional.

A ferrovia era um importante símbolo da era urbano-industrial em nível mundial. No período de 1889 a 1930, apresentava-se no país como mensageira da civilização ocidental e do progresso, estendidos para o interior "atrasado e inóspito" dos sertões. Nesse sentido, a ferrovia constituía elemento fundamental para alteração de mecanismos importantes no cenário da vida republicana.<sup>45</sup>

Conforme a interpretação empreendida por Simone Lessa (1993:213), "a ferrovia será, ao longo dos debates a seu respeito, investida de uma carga simbólica que transcende o seu caráter técnico. Como todo símbolo e todo o simbolismo em qualquer nível que se situe, a ferrovia traz componentes que, ao

---

<sup>45</sup> - Refiro-me principalmente a relação tempo-espaço e a vinculação existente com o incipiente mercado de consumo que gradativamente ia se formando no país, a partir do final do Império e do aparecimento da República.

formarem sua imagem, se inserem na ordem do imaginário. Neste sentido, o imaginário é da ordem da imaginação, do sonho. *Sonho com um país cortado de ferrovias, um país continental. Sonho com uma 'nacionalidade brasileira' homogeneizada pela comunicação.* Uma imagem composta de várias imagens simbólicas do Trem-de-Ferro: 'O Trem do Progresso', 'A Locomotiva da História', 'O Trenzinho Caipira', 'A Máquina'. *A ferrovia, passará a representar a marcha do tempo, do progresso, e mesmo da história.*" (Grifos meus)

A imagem primordial da ferrovia era de personagem muito mais político que econômico, em particular no caso das "ferrovias de penetração". Unificadora do território nacional, a estrada de ferro viabilizava o controle administrativo do Estado. Civilizadora, estabelecia o contato entre territórios "bárbaros" com a "civildade" e "urbanidade". A República reforçou esse aspecto político da ferrovia, na medida em que a possibilidade de governabilidade do regime republicano estava virtualmente ligada à territorialidade, assim como à manutenção da unidade política e à extensão do controle do poder público a uma população recém-saída da sociedade escravocrata e disseminada por um vasto território inacessível. (LESSA, 1993)

A questão do controle territorial era de vital importância política, pois havia, por parte do regime republicano, a necessidade de estender sua influência e seus símbolos por todo o país, visto que "em porções extensas do território nacional grande parte da população era alheia ao sentido de pertencer a uma nação, e não se sentiam vinculados desta forma aos centros de controle administrativo da União". (LESSA, 1993:220)

Importante acentuar, conforme a autora supracitada, que, no movimento em direção à construção de sua territorialidade e de sua nacionalidade, o país acabou confrontado com várias imagens significativas durante a vigência da República, entre as quais se destacavam: a idéia de um país continente e a busca

de uma identidade nacional.<sup>46</sup> Na realidade, essas imagens expressavam as tensões do processo constitutivo de um ideário da modernidade brasileira. Dito de outro modo, com a fina perspicácia demonstrada por HARDMAN (1988:91), "a república acentuou a ânsia do progresso. Era preciso representá-lo".

A partir do trabalho de LESSA (1993:221), descortina-se uma relação íntima entre a construção de ferrovias no sertão e a atuação de setores públicos e privados no avanço da civilização para o oeste do Brasil. Na visão de tais setores, a ferrovia significava a viabilidade da modernização do interior, ligando-o aos centros urbanos do país. No caso da EFSPRG, pode-se sustentar que essa relação foi primordial à consecução do empreendimento que permitiu a construção-efetivação da ferrovia no sertão sulino.

Imagem emblemática, a ferrovia era usada no Brasil como metáfora, símbolo de uma era e da revolução industrial que a engendrou. Suas imagens compunham-se a partir de elementos mecânicos e orgânicos. Nessa perspectiva, a imagem do maquinismo ferroviário como uma malha disposta sobre o território - uma grande máquina cobrindo a terra -, agregava-se a imagem da ferrovia como um sistema circulatório, suprimindo e alimentando, como artérias e veias, o corpo do país.<sup>47</sup> Essas duas imagens complementares estão presentes ao longo de toda a discussão sobre ferrovia no Brasil e no mundo. (LESSA, 1993),

---

<sup>46</sup> - Questão que emerge ciclicamente desde o século XIX nos debates das Ciências Sociais, promovida por intelectuais e ou grupos sociais tentados em dar respostas a perguntas do tipo: quem somos? em que consiste a identidade brasileira? A meu juízo, deve-se apontar, basicamente, que o problema da identidade nacional está intimamente vinculada à própria construção do Estado. Penso que ORTIZ (1985:138), foi quem melhor compreendeu e problematizou tal discussão quando acentuou que a identidade é uma construção de segunda ordem. Nesses termos, a identidade nacional "é uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência. Ela não se situa junto à concretude do presente mas se desvenda enquanto virtualidade, isto é, como projeto que se vincula às formas sociais que a sustentam."

<sup>47</sup> - De modo significativo, o belíssimo ensaio filosófico-literário de HARDMAN (1988) e o importante trabalho de caráter historiográfico de LESSA (1993) me mostraram a pertinência do entendimento da ferrovia como exemplo de metáfora organicista.

Um exemplo ilustrativo da presença dessa visão organicista na sociedade nacional pode ser encontrado em um dos mais respeitados homens de ciência do período. Com efeito, Euclides da Cunha "combinava exemplarmente elementos do positivismo e do liberalismo, disciplina do trabalho e visão transformadora da paisagem, parcimônia de gastos e modernidade urbano-industrial". (HARDMAN, 1988:101)

O autor de **Os Sertões**, ao idealizar o projeto de uma estrada de ferro transaccreana como uma "grande estrada internacional de aliança civilizadora e de paz", além de desenvolver sua visão de engenheiro-militar - com argumentos técnicos geo-políticos e econômicos-, elabora uma visão nitidamente organicista das ferrovias, "apresentando o caminho de ferro como um corpo vivo e integrado num movimento evolutivo uniforme da sociedade em relação à natureza:"

Todas as grandes estradas, no evitarem os empecos que se lhes antolham transpondo as depressões e iludindo os maiores cortes com os mais primitivos recursos que lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, erigem-se nos primeiros tempos como verdadeiros caminhos de guerra contra o deserto, imperfeitos, selvagens. [...] Depois envolvem; e crescem, aperfeiçoando os elementos da sua estrutura complexa, como se fossem enormes organismos vivos transfigurando-se com a própria vida e progresso que despertam." (Euclides da Cunha citado in HARDMAN, 1988: 101)

Como se percebe, a visão organicista era capaz de justificar a empreitada republicana de estender extensas linhas férreas sobre o território nacional. A consecução de tais empreendimentos correspondia à determinação da realização de um ideal nada abstrato de "levar a civilização até as últimas fronteiras", em medidas práticas. "Mas a decisão de construir aquela estrada de ferro numa região insalubre e quase inacessível [referência ao projeto de construção da

Madeira-Mamoré] possui determinações mais específicas que passam pela afirmação nacional, pelo desejo de dominar o desconhecido e selvagem, pelo afã em dado momento incontornável - de percorrer territórios estranhos e de transformá-los, neles imprimindo as marcas conhecidas da engenharia mais avançada."(HARDMAN,1988:137)

Os privilégios concedidos pelo governo federal para exploração a longo prazo em redor das linhas férreas (respaldo irrestrito à presença de capitais privados, garantias de juros às companhias de estrada de ferro, subsídios e estímulos ao investimento internacional, entre outros) criaram verdadeiros monopólios no ramo dos transportes, colonização de terras e agroindústrias.<sup>48</sup>

Na realidade, nesse momento, o país "começa a conviver com uma paisagem povoada de elementos e imagens técnicas. O desejo de construir uma imagem de 'desenvolvimento e progresso' impulsiona reformas urbanas e sanitárias nas grandes cidades e dirige-se para o aparelhamento técnico da sociedade brasileira voltando-se para a relação campo/cidade. Projetos e estratégias serão importantes para a constituição desta imagem do Brasil como um país soberano, tais como: urbanização, infra-estrutura, integração territorial, controle e hegemonia administrativa do Estado". (LESSA;1993:124) Note-se, que em todos esses "projetos e estratégias" supracitados, a influência dos caminhos de ferro é peça fundamental.

---

<sup>48</sup> - No caso da EFSPRG essas determinações e resultados práticos, "tornaram-se exequíveis graças à intervenção do truste americano dirigido por Percival Farquhar na economia brasileira da Primeira República. Seu raio de manobras é imenso, vindo a controlar ferrovias, docas, serviços urbanos essenciais em quase todas as regiões do país. O grupo fundou a [...] subsidiária da Brazil Railway Co., grande conglomerado que iria controlar acionariamente numerosas estradas de ferro no país, inclusive algumas das mais importantes do estado de São Paulo. O avanço tentacular dos capitais de Farquhar no Brasil provocou algumas reações indignadas na imprensa e nos setores nacionalistas; em nível internacional, outros imperialismos mostravam-se impacientes diante da expansão monopolista de Farquhar, que lhes deixava afinal pouco espaço." (HARDMAN, 1988:141)

Na própria literatura brasileira do período, a adesão ao empreendimento moderno tornava-se tácita e explícita. Machado de Assis, em um conto escrito em 1884, sugestivamente intitulado *Evolução*, dá mostra inequívoca da retórica em prol das vias férreas. Machado de Assis, em exemplo modelar, sugere a seus leitores que "o Brasil é uma criança que engatinha, só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro." (ASSIS, 1987:202) Uma opinião semelhante fora manifestada anteriormente no País através do conferencista Afonso Celso Junior, em palestra intitulada "*Exposições Universaes*" de 1876: "Cubram-se de estradas de ferro os nossos sertões."

Na realidade, ao adentrar o universo do espetáculo da máquina, o Brasil "não apenas reclamava assento no 'concerto econômico dos grandes estados' [leia-se: divisão internacional do trabalho]. Fazia parte, ao mesmo tempo, do movimento genérico da modernidade; sua entrada aí não era contingente." (HARDMAN, 1988: 84)

Em uma perspectiva específica, a expansão da economia cafeeicultora no Centro-Sul e a consolidação da borracha como principal produto de exportação do país na região norte imprimia, a partir do último quartel do século XIX, uma marcha acelerada de modernização aos recônditos interioranos do Brasil.

Esse processo de modernização foi acompanhado pela abertura de novas vias de comunicação, destaque às ferrovias e às linhas telegráficas, visando a facilitar a rápida circulação de mercadorias, o que consignava o aparecimento de uma atividade comercial incipiente.

Concomitantemente ao processo de modernização em curso, uma razão estratégica do Estado republicano, invocando a tradicional noção de segurança

nacional, despontava como força no interior da sociedade nacional. A veiculação concreta dessa idéia aparecia associada à necessidade de se interligarem, através da construção de ferrovias de penetração como a São Paulo-Rio Grande, os principais núcleos urbanos emergentes com a região sul, tradicional produtora de produtos agropastoris.

\*\*\*

### 3.3 - Empreendimento moderno em solo catarinense

#### 3.3.1- A história de construção da EFSPRG

"Decreto N. 10.432 - DE 9 DE NOVEMBRO DE 1889. Concede privilégios, garantias de juros e terras devolutas, mediante autorização legislativa, para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro, que partindo das margens do Itararé na província de S. Paulo, vá terminar em Santa Maria da Bocca do Monte, na Província do Rio Grande do Sul com diversos ramaes. [...] Palácio do Rio de Janeiro em 9 de novembro de 1889, 68. da Independência e do Império.

Com a rubrica de sua Magestade o Imperador."

Actos do Poder Executivo. pág. 688; Seção de Legislação Brasileira da Câmara Federal

No limiar do século XX, o raio civilizador do empreendimento moderno, entendido como um GPD, talhava a ferro e fogo uma fisionomia moderna à nacionalidade emergente. O Estado-Nação em formação, idéia materializada na construção do caminho de ferro rasgando o sertão, apresentava seu projeto mais audacioso até então: a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG).

Oficialmente a história de construção da EFSPRG, primeira grande ferrovia transversal brasileira (no sentido sul-norte), destinada a interligar os estados sulinos, na época províncias, com São Paulo, teve seu preâmbulo através do ato administrativo - Decreto N. 10.342 de 9 de novembro de 1889 do Império do Brasil - a exatos seis dias que antecederam a proclamação da República.

O engenheiro João Teixeira Soares que, em 1889, havia obtido concessão do governo federal para construir a estrada de ferro de Itararé (SP) a Santa Maria (RS), interessou-se em estudar a viabilidade da extensa ferrovia. Estrada de ferro interiorana, que atravessaria os sertões das províncias do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, área territorial tradicional e parcialmente ocupada pelo grupo étnico Xokleng.

"Por volta de 1885, um brasileiro voltou suas atenções ao item superficialmente mencionado nos planos de viação do Império: a possível implantação de uma ferrovia que ligasse o Extremo-Sul do Brasil ao eixo Rio-São Paulo, unindo em linha vertical o interior das Províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, todas elas até então apenas servidas por ferrovias longitudinais, cada qual fazendo ligação do interior ao litoral, sem nenhum elo entre si. Esta ferrovia deveria também possibilitar conexões com as linhas uruguaias, argentinas e paraguaias, próximas às fronteiras". (THOMÉ, 1983: 51)

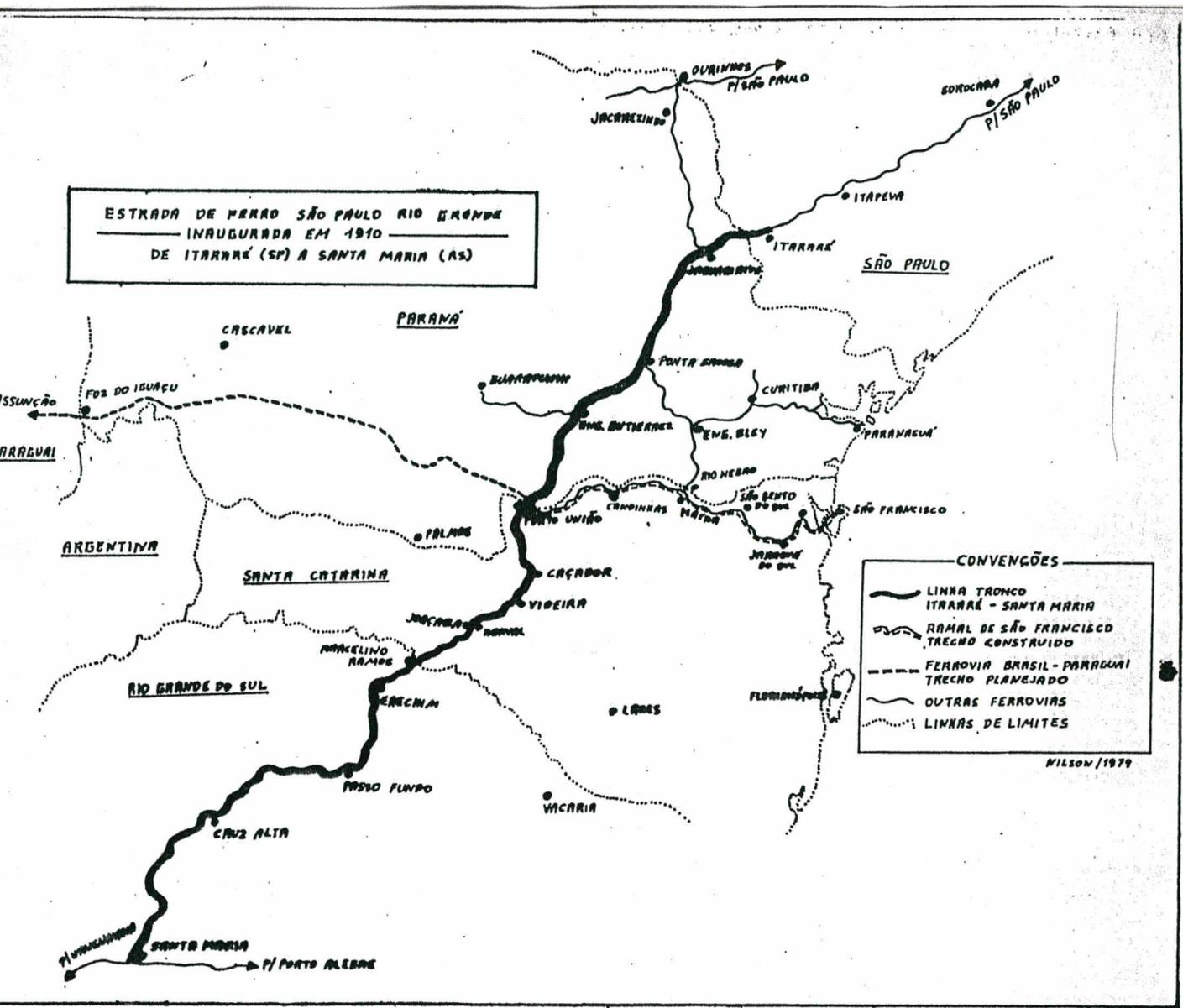
O engenheiro em questão aventou a possibilidade de implantar uma "ferrovia colonizadora", quer dizer, enquanto empreendedor, assentaria os trilhos e promoveria a colonização dos terrenos marginais, garantindo, dessa forma, movimento de transporte para a estrada. Em um outro sentido, atenderia, assim, aos anseios imperiais e republicanos de promover a ocupação de terras sulinas, expandindo o controle governamental nas regiões de fronteiras.

A concessão foi ratificada em 1890 pelo Governo Provisório da República, tendo Teixeira Soares fundado a Compagnie Chemins de Fer Sud Ouest Brésiliens, para a qual passou a concessão da ferrovia. Através do Decreto N. 397, de 20/06/1891, a União autorizou a transferência da construção da maior parte da linha para a Companhia União Industrial dos Estados Unidos do Brazil, ou seja, todo o trecho de Itararé a Cruz Alta (RS). Já o trecho de Santa Maria a Cruz Alta (462,12 Km), ficou concessionado para a Chemins de Fer Sud Ouest Brésiliens.

Em 1894, a Companhia União Industrial dos Estados Unidos do Brazil transferiu a concessão da ferrovia Itararé-Cruz Alta para a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Esta última, pelo decreto n. 1.963, de 13 de fevereiro de 1895, teve aprovados os estudos definitivos e completos de todo o trecho: 347, 580 km do Rio Uruguai a Porto União-União da Vitória e de 594, 300 km de União da Vitória a Itararé, num total de 941, 880 Km de extensão.

A estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, no traçado original, tinha como pontos extremos: ao norte, a Vila de São Pedro do Itararé [atual cidade de Itararé], na Província de São Paulo, próxima, hoje, à divisa com o Estado do Paraná; ao sul, a vila de Santa Maria da Bocca do Monte [atualmente conhecida por Boca do Monte, a cerca de 30 quilômetros da cidade de Santa Maria], na então Província do Rio Grande do Sul. Este último ponto era servido pela ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana, na época, em plena construção, o que completava a sua ligação. [Cf. mapa adiante]

"O traçado preliminar atravessaria territórios quase distintos: no Paraná, praticamente toda a região estava ocupada por fazendas de criação e de cultura, com muitas pessoas detendo títulos de posses e sesmarias, enquanto que do rio Iguaçu rumo Sul, as terras eram devolutas, com pouquíssimas posses até Passo



ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO-RIO GRANDE  
TRECHO TOTAL - SANTA MARIA-ITARARÉ  
FONTE: THOMÉ (1983)

Fundo, pois no Rio Grande do Sul voltava-se a encontrar fazendas. O terreno possibilitava que a ferrovia fosse do tipo colonizadora, havendo terras suficientes para nelas se promover a instalação de núcleos coloniais, nos moldes das normas vigentes". (THOMÉ, 1983: 52 )

Concluídas as obras de arte e o assentamento dos trilhos da ferrovia, na data de 07/12/1910 abriu-se para o tráfego a EFSPRG. A primeira composição ferroviária regular era composta de cargas e passageiros, ao longo dos 1.403 quilômetros da linha originalmente projetada. Ressalte-se que as despesas totais da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande com a construção da ferrovia, endossadas pelo governo federal, ultrapassavam a soma de 30.000:\$000, quantia equivalente a aproximadamente três milhões de libras esterlinas, pelo câmbio da época.

A partir de então, o sertão catarinense passou a aparecer como zona florescente, fonte de riquezas a serem exploradas pela nova ordem institucional, instituída a partir de 1889. Espaço a ser integrado ao mundo metropolitano de um Brasil onde torna-se "justo o júbilo de todo bom patriota vendo entregue ao público essa *artéria colossal do progresso* que nos põe em contacto direto com a capital da República e outros Estados do Norte, *abrindo novos horizontes a tantos sertões inhospitos que brevemente se irão transformando em núcleos florescentes*; a lavoura terá vida própria porque a rapidez da condução da via férrea lhe abre mercados novos em todas as direções." (01 de Maio de 1909. Campos Novos - Jornal A Vanguarda; grifos meus)

Em contrapartida, em que pese a euforia manifestada na imprensa regional, a epopéia em que se constituiu a construção-efetivação da EFSPRG também produziu uma gama de eventos que desvelam a tragicidade da experiência moderna no Brasil meridional.

A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande encontrava-se no epicentro da conjuntura que deflagrou a Campanha [eufemismo militar para Guerra] do Contestado. Em trecho catarinense, a ferrovia serviu de palco à eventos expressivos, que marcaram definitiva e tragicamente a região no estado e no país.<sup>49</sup>

O idealizador da ferrovia era, em 1910, Diretor-Presidente da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Em comentário relativo à escolha do aparente inexplicável traçado da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, assim se manifestou:

"Aquilo é estrada de guarda livros e não de engenheiros", explicando que a estrada deveria ser construída desde que o preço por quilômetro não ultrapassasse a 30 contos de réis, não havendo meio nem modo de convencer a ninguém [referindo-se ao grupo de americanos da Brazil Railway] de que, gastando-se mais em km de construção, poder-se-ia encurtar a distância, dispendendo-se, no fim, a mesma importância. Teixeira Soares afirmava que "a construção fora contratada como se lançasse num livro as colunas de débito e de crédito: cada metro construído dava trinta mil réis e ao chegar-se ao último metro de cada quilômetro fazia-se o lançamento e dava 30 conto de réis." (THOMÉ; 1983:51)

É interessante perceber, nas palavras proferidas pelo diretor-presidente, que expedientes dessa natureza tornaram-se práticas comuns, largamente difundidas em empreendimentos envolvendo a construção de linhas férreas nas várias regiões do país. Fernando Azevedo, estudioso dos problemas brasileiros

---

<sup>49</sup> - Destaque para o primeiro assalto a um trem pagador e ao primeiro acidente ferroviário de grandes proporções na história do país. No limite, a própria Guerra do Contestado, conforme adiante, constitui um exemplo marcante da tragédia que representou a construção da ferrovia em solo catarinense.

relacionados à questão ferroviária, não perdoou tal procedimento escuso e lesivo aos cofres públicos. De acordo com ele:

"Trechos numerosos da antiga [...], São Paulo-Rio Grande constituíam outros tantos frutos desses 'malsinados processos' que só interessavam financeiramente a companhias ou a empreiteiros sem escrúpulos, a cuja ganância, se não fechava os olhos, não opunha o Estado um sistema de freios, por um controle mais eficaz das obras de abertura das ferrovias. O Estado, que aplicava capital ou intervinha com auxílios oficiais na construção das linhas, não se mostrava muito empenhado em exercer o seu direito de inspecionar, retificar e punir. Como se já não fossem imensas as distancias a vencer pelos trilhos, ainda se compraziam, construtores, em estendê-las e alongá-las, num duplo assalto à economia nacional e à bolsa, como ao conforto dos futuros passageiros." (AZEVEDO;1950: 229/30)

Enquanto diretriz geral, a malha ferroviária brasileira tinha como objetivo interligar os centros de produção agrícola com os locais por onde eram escoados os produtos para o exterior ou para o mercado interno. Destoando dessa perspectiva, a construção da EFSPRG não se justificava somente pelo fator econômico. Sua penetração no sertão sulino representava, também, importante fator de ordem simbólica.

Nesse sentido, pode-se dizer que a ferrovia contribuiu para a inserção do país na nova ordem capitalista internacional por intermédio de processos sociais modernizantes, da convivência com artefatos tecnológicos da era industrial. Concomitantemente apresentava-se como fator geo-estratégico fundamental, por assegurar o domínio territorial da ordem republicana sobre um ponto extremo do país.

É mister referir que o desenvolvimento ferroviário aparece, na cena histórica mundial, fortemente vinculado a eventos e empreitadas de caráter

belicista. A própria história ferroviária nacional pode ser ilustrada com episódios relacionados a confrontos armados. A Guerra do Paraguai, por exemplo, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das ferrovias brasileiras que, em 1860, possuíam menos de 150 km construídos, em 1875 chegaram a 1.637 km e, em 1889, no final do período imperial, alcançaram 9.583 km.

Nesse sentido, a construção dos caminhos de ferro no sertão sulino encontrava-se intimamente vinculada à questão geo-estratégica da ferrovia como fator de segurança nacional e integração territorial. Cabe destacar que, no primeiro trimestre de 1910, houve um estremecimento nas relações Brasil-Argentina envolvendo a questão de "Palmas" ou "Misiones". Assim a ferrovia teve uma função estratégica de garantir a posse do território nacional, além de papel relevante no escoamento da produção agropastoril e extrativa da região. Nesses termos, a necessidade de se assegurar um meio de transporte moderno e rápido para os produtos agropastoris do sul do país, visando ao abastecimento de núcleos urbanos emergentes da região cafeeicultora, aliada à preocupação manifesta com a questão da segurança nacional, contribuíram decisivamente para o surgimento da ferrovia São Paulo-Rio Grande, na faixa territorial compreendida entre os estados da região sul até a divisa com São Paulo.

Uma parte da área tradicional dos Xokleng (no noroeste, norte de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, entre os vales dos rios do Peixe e Iguaçu) era palco de disputa com a Argentina, colocando em jogo a soberania da região e a conseqüente posse das terras fronteiriças que se estendiam até o atual extremo-oeste catarinense. O surgimento do conflito em questão cinge-se ao século passado. O governo imperial, a partir de 1880, "acorda" para a Questão do Contestado, na medida em que a Argentina apresenta-se como postulante interessada em estender suas fronteiras por território brasileiro. A disputa

envolvendo "Palmas ou Misiones" teve resolução em 1895, com o arbitramento do presidente americano Grover Cleveland, que deu ganho de causa ao Brasil.

\*\*\*

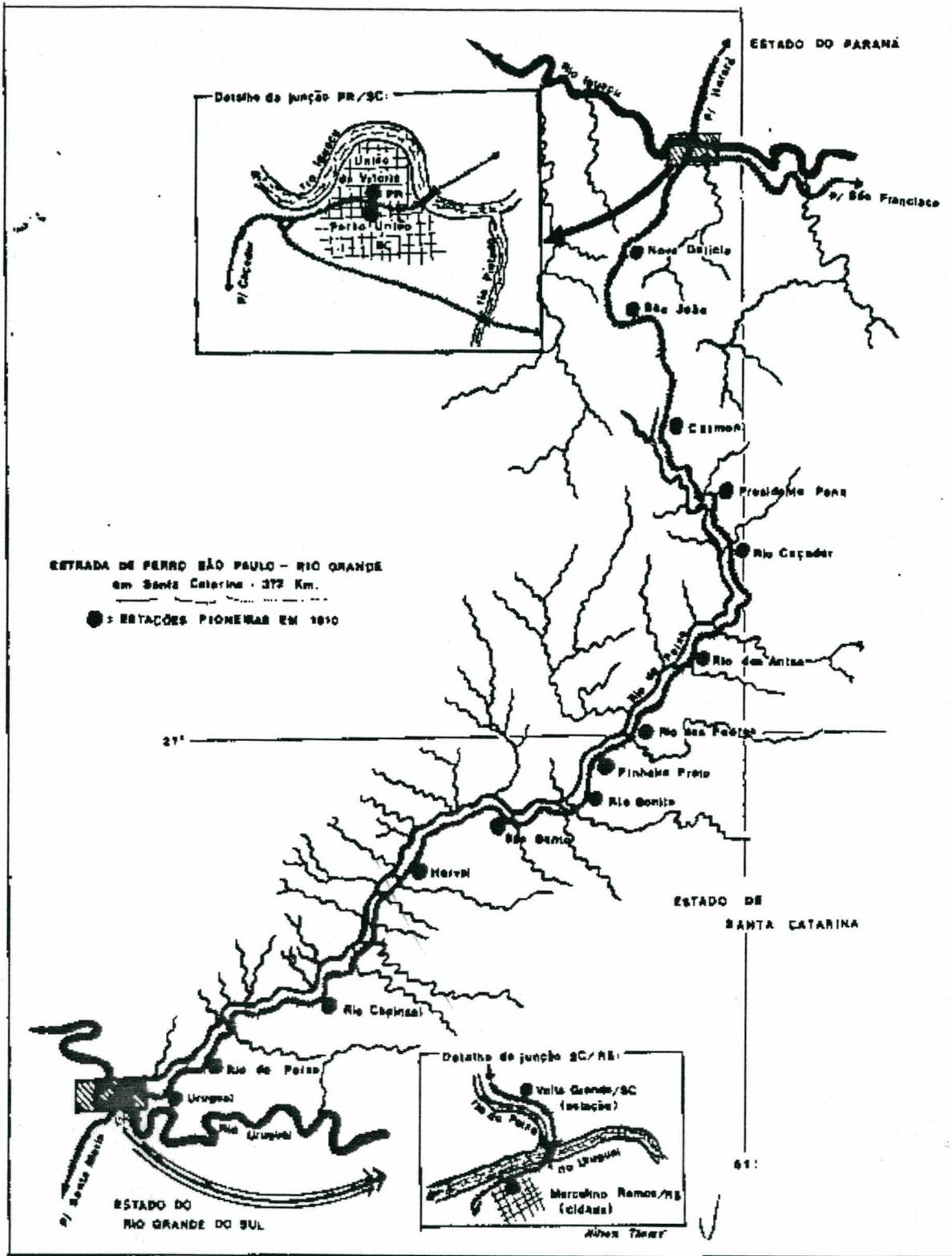
### 3.3.2. A magnitude do empreendimento moderno

A saga do Contestado seguiu as linhas da estrada de ferro. A história da questão de limites, o surgimento das primeiras preocupações ambientalistas, motivadas pela devastação dos recursos naturais da região, o desrespeito aos direitos humanos e, naturalmente, a antiga problemática envolvendo a posse de terras, todas essas questões tiveram estreita relação com a construção da EFSPRG em solo catarinense e, a posteriori, com a deflagração da Guerra do Contestado.

No intuito de acelerar as obras para inauguração na data prevista (dezembro de 1910), a Brazil Railway lançou mão da contratação de um número expressivo de trabalhadores para a construção do trecho catarinense. O assentamento de trilhos entre os rios Iguaçu e Uruguai durou três anos - 1908 a 1910 -, reunindo, no ano da inauguração, por volta de dez mil trabalhadores recrutados nos centros urbanos do país, além de estrangeiros (alemães, poloneses e portugueses, entre outros), vindos para a região como colonizadores e que acabaram engajando-se na construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande. Esse contingente humano era formado por pessoas desconhecidas entre si, de diversas descendências, origens, etnias e com diferentes culturas.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> - Ressalte-se que parcela considerável dos operários dispensados, após o final da construção da ferrovia, não voltou para o seu local de origem, optando por permanecer junto a linha férrea. Esses trabalhadores engrossaram o contingente humano do Contestado, somando-se ao outro grupo de operários que, deslocados para a construção da variante ferroviária de Porto União a São Francisco, também haviam sido demitidos pela paralisação temporária das obras. (THOMÉ:1994; Cf. comunicação pessoal)



Fonte: THOMÉ (1983)

O recrutamento da mão-de-obra era realizado com base no vigor físico dos candidatos e, como não existiam leis trabalhistas, os operários tinham de se submeter às imposições ditadas pela companhia. As condições de trabalho eram desumanas em toda extensão do empreendimento: condições de saúde e higiene precárias, alimentação insuficiente, alojamentos insatisfatórios. Eram freqüentes os conflitos armados, acontecendo brigas e assassinatos. Interessada exclusivamente na produção, a companhia conseguiu implantar a linha férrea, construindo, em média, 10 km de estrada de ferro por mês.

Em 1909, na localidade de Calmon, ergueu-se o acampamento central da companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, de onde foi administrada a fase final da construção da ferrovia. Junto ao acampamento da EFSPRG, a holding do grupo Farquhar - a Brazil Railway - implantou a serraria da Southern Brazil Lumber and Colonization Company (Lumber) que se tornou, no período, a maior serraria da América do Sul, atraindo, durante o conflito, a ira dos caboclos revoltosos. Registre-se que, no local, ocorreram eventos marcantes como a morte de Matos Costa, oficial do exército nacional, e a decisão dos revoltosos de destruir e incendiar as instalações da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e a serraria da Lumber na data de 05/09/1914.

Nessa brutal dispersão de forças humanas reproduzidas na Guerra do Contestado,<sup>51</sup> cujo cenário são os trilhos recém-assentados da EFSPRG além de

---

<sup>51</sup> - Não é minha intenção desenvolver aqui a relação da EFSPRG com a Guerra do Contestado, nem tão pouco estudar a importante relação que tal evento - um legítimo fenômeno social total, a la Marcel Mass - possui com a problemática da constituição das fronteiras nacionais. Note-se que o evento do Contestado tem suscitado interpretações clássicas nas Ciências Sociais do país, entre as quais destaco: **O Messianismo no Brasil e no mundo** (1965) de Maria Isaura Pereira de Queiróz; **Messianismo e Conflito Social** (1978) de Maurício Vinha de Queiroz; **Os errantes do novo século** (1974) de Duglas Teixeira Monteiro. Na antropologia, um trabalho que merece destaque é o artigo de MELLO & VOGEL (1989) "Monarquia contra República: a ideologia da terra e o paradigma do milênio na 'guerra santa' do Contestado". Por fim, na perspectiva do cinema nacional temos o filme **A Guerra dos Pelados**, de Sílvio Back.

escombros e mortes, restaram registros impressos da tragédia, como as notas do relatório oficial produzido pelo major do exército nacional Ciriaco Lopes Pereira:

"No dia 16, [em Setembro de 1914] a força atingiu sem incidente, a estação de São João, onde estavam insepultos e horrivelmente mutilados alguns cadáveres, que foram piedosamente inumados. [...] queimado como estava o edifício da estação, instalou-se o aparelho telegráfico num carro de bagagem. Sem incidentes, ainda, prosseguia a exploração até Calmon - uma fundação outrora bem povoada e florescente - e naquele instante entristecida pelas negras ruínas do vasto incêndio, que a consumira, e pelos cadáveres extremamente decompostos, que lhes empestavam os ares. Com a mesma segurança o destacamento seguia, deparando outras estações, todas elas incólumes, embora abandonadas." (THOMÉ, 1983:166)

O engenheiro-chefe do trecho Porto União-Marcelino Ramos - de 372 km de extensão - providenciou a construção de grandes armazéns, junto às estações inauguradas ou em construção, para fornecimento aos trabalhadores. O corpo de segurança, de aproximadamente 200 homens fortemente armados, garantia a ordem através do uso da força. A companhia não efetuava os pagamentos regularmente, e as condições de trabalho eram severas. A inexistência de legislação trabalhista no país, contribuiu para que abusos persistissem.

As manifestações de protestos dos operários eram reprimidas pelos homens do corpo de segurança da companhia, que empregavam a violência freqüentemente. Condições de trabalho militarizadas, associadas à prática do sistema de barracão, onde os armazéns da companhia monopolizavam o fornecimento de gêneros ao longo da linha férrea, conferiam um tom pouco original ao empreendimento moderno instituído em Santa Catarina.

Nesse caso, como ilustra o empreendimento ferroviário da Madeira-Mamoré, envolvendo a construção de ferrovias, "está-se pois, uma vez mais, diante do trabalho compulsório *tout court*. Na expansão e delineamento das fronteiras do Estado-Nação, bem como na montagem de uma infra-estrutura moderna, vital para a circulação capitalista de mercadorias, formas servis [...] de trabalho foram empregadas de modo usual e sistemático. É exatamente um processo como este que foi descrito como acumulação primitiva. Não se tratava de nenhum resquício, mas do caráter das relações de produção todas elas dominadas pelo movimento do capital". (HARDMAN;1988:162)

Os aproximadamente 10.000 trabalhadores envolvidos na construção da EFSPRG constituíram um monumental formigueiro humano no vale do rio do Peixe, em terras à época sob litígio. Assentamento de trilhos, obras de arte, construção de pontes em estrutura de madeira, atestando a técnica de engenharia férrea largamente difundida no período, espelhavam a magnitude e o impacto de um GPD, símbolo do projeto de modernidade brasileira do período.

Nesse sentido, a construção da linha Porto União-Marcelino Ramos pode ser relacionada com a imagem da ferrovia como mensageira do progresso e da civilização. Tal empreendimento era visto por seus contemporâneos como virtual responsável pela irradiação do cosmopolitismo moderno para o sertão sulino.

"Se as vias de comunicação são os propulsores mais vitais do progresso rápido de um povo, o município de Campos Novos deve rejubilar-se, a sorte ou o destino lhe é sorridente; a estrada de ferro que nos serve de epigraphe, está se aproximando e em breve ouviremos o sibilo da locomotiva pelo vale magestoso do rio do Peixe, veremos as terras magníficas, hoje um sertão inculto, transformar-se em um tesouro donde milhares de famílias laboriosas fruirão o resultado de seus trabalhos, em cada estação que se fizer nas suas margens n'um percurso superior a 200 kilometros, surgirão novos núcleos que servirão de escoadouro

aos produtos das terras adjacentes [...] "Não percamos mais tempo, procuramos quanto antes à adaptar-nos para o novo estado de coisas que logicamente virá com a estrada de ferro, que trará a concorrência e com ela a transformação do próprio sistema de negociar. Com estes elementos o município todo usufruirá dos benefícios; a colonização virá rapidamente; a aurora de uma nova era está despontando e a pasmaceira, em que tantos anos vivíamos, lá se irá para as calendas gregas substituindo-a a actividade em todos os sentidos; teremos a lavoura racional, teremos indústrias, fontes de bem geral. O futuro nos é propício". (Editorial Intitulado ESTRADA DE FERRO São Paulo-Rio Grande de 01/06/1908 in Jornal VANGUARDA, Campos Novos - SC)

Assim, a presença do "cavalo de aço", fantástico invento que anunciava a experiência moderna no Brasil meridional, pôde tranquilamente ser entendida como carro-chefe do empreendimento na região: ponta de lança da modernidade a sibilar pelo sertão, materialização inequívoca do "desenvolvimento". Sinal de um tempo em que a noção de progresso transformou-se em idéia que despontava como principal força motriz no interior da sociedade nacional.

A construção-efetivação da via férrea em Santa Catarina descortinou, também, a magnífica intervenção humana frente a natureza, expandindo a fronteira civilizatória e provocando a ocupação da região, a fim de plantar as fitas de aço que permitiriam a passagem do gigantesco invento moderno pelo território imemorial dos Xokleng.

Conjuntamente ao empreendimento ferroviário, em 1909, associada à Brazil Railway, foi implantada uma grande empresa madeireira que visava à exploração das imensas reservas florestais do sul do Brasil, especialmente nas áreas litigantes pertencentes a Santa Catarina e ao Paraná. Caberia à Lumber encarregar-se da extração da madeira nos extensos pinheirais e, a exemplo da Brazil Railway, promover, posteriormente, a colonização das terras localizadas dentro da parte que lhe fora concedida.

Esse empreendimento madeireiro da Lumber, implementado à época, evidenciava a perspectiva expansionista do capital hegemônico internacional. Em outro sentido, tal empreendimento antecipava - juntamente com a construção-efetivação da EFSPRG - a experiência contemporânea dos grandes projetos desenvolvimentistas que proliferaram a partir da década de 70, no país. Em uma ótica antropológica, é possível afirmar que tais projetos, via de regra, dizem respeito a demandas nacionais e internacionais, sendo localizados em áreas ou regiões selecionadas a partir dos critérios de estratégia geral. Em consonância com a posição teórica defendida por Eric Wolf (1990:08), acredito que "é comum que esses empreendimentos respondam a um ideal de 'progresso', um ideal que corporifica a intenção de 'redimir' uma área da servidão do atraso e orientá-la em direção ao 'desenvolvimento' ."

Como se pode observar, era significativa a presença em cena do empreendimento moderno instalado na região sul do Brasil. Nesses termos, a experiência histórica desencadeada através do advento da República, descortinou lapidarmente sua magnitude, à época, defendendo os interesses do capital estrangeiro, representado, no caso em questão, pelo poderosíssimo Sindicato Farquhar.<sup>52</sup>

Diante de tal conjuntura, Alberto Torres, um dos principais cientistas sociais do período republicano vaticinava:

---

<sup>52</sup> - A idéia de sindicato, no limiar do século XX, diferia da forma histórica contemporânea que essa instituição assumiu. No contexto deste trabalho, sindicato deve ser entendido como uma forma de associação de empresários capitalistas interessados em negócios de uma mesma empresa, visando a oligopolização de determinados setores da economia mundial. No caso específico da atuação do sindicato Farquhar e seus negócios escusos, e a respeito de Percival Farquhar, espécie de railwayman dos sertões - expoente-mor do capitalismo internacional no país ver AMARAL:1915 "Syndicato Farquhar força e grandeza, assalto e conquista, Nacionalismo"; SIQUEIRA:1960 "O caso da Brazil Railway" in Revista Brasil Hoje; SOUZA:1980, **Mad Maria** ; entre outros.

"Compreende-se que não tivéssemos consciência da falsa orientação social e econômica do País, a realidade se não tinha apresentado como um fato indiscutível, da nossa progressiva e crescente desnacionalização; enquanto a fome, a miséria, a ignorância, a superstição, se não haviam mostrado, como fenômenos comuns e extensos, por vastas regiões do País; enquanto a verdade flagrante da lenta vitória dos colonizadores e comerciantes estrangeiros, na vagarosa conquista social da fortuna e do bem estar, não havia progredido até o caso assombroso, da quase instantânea invasão financeira, talvez a mais poderosa do mundo: uma ocupação imperialista por escalada e a salto, a realização de um sonho expansionista diante do qual a ambição de Cecil Rhodes pareceria o inócuo projeto de uma partida de esporte!" (TORRES, 1914:134)

Na região constituiu-se um expressivo e ao mesmo tempo singular mosaico étnico-cultural. A região em questão, comportava um cenário pluriétnico, palco do encontro de diferentes culturas amalgamadas ao longo do tempo em um espaço sócio-político e geográfico de natureza conflituosa. Conforme um estudioso, conhecedor do cenário delineado,

"nessas terras residiam, até a deflagração do conflito armado [referência à Guerra do Contestado - WSP] os antigos caboclos, oriundos das frentes expansionistas; os fazendeiros, detentores de sesmarias tituladas ainda por São Paulo e Paraná; caudilhos gaúchos remanescentes da Revolução Farroupilha, e esparsos grupos de Guaranis, Kaingang e Xoklengs, perdidos das tribos e das tradições [sic.]; isolados imigrantes poloneses e alemães, que penetraram no sertão incentivados pelas frentes de colonização, ex-combatentes da guerra do Paraguai e desertores das tropas da Revolução Federalista, após o cerco da Lapa e a retirada dos irmãos Saraiva. Estes habitantes pioneiros assistiam à fixação de inúmeras famílias de ex-trabalhadores na construção da ferrovia, a maior parte gente desclassificada [sic.]. Juntos, mesclados ou não, passaram a formar a geração matuta que povoou o Contestado". (THOMÉ, 1983:108)

Nas primeiras décadas do século XX, no território que se encontrava sob litígio envolvendo os Estados do Paraná e de Santa Catarina, entre os rios Iguaçu e Uruguai, ocorreu um dos episódios mais sangrentos da história republicana. A Guerra do Contestado teve sua fase mais violenta nos anos de 1912 a 1916, depois que a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande - protagonista principal dos acontecimentos que desembocaram no conflito armado - demarcou e passou a tomar posse, exercendo o domínio efetivo de terrenos marginais aos trilhos, no vale do rio do Peixe, e dando os primeiros passos para a efetiva colonização da região.

Evidentemente foram várias as causas do conflito que chegou a abalar as estruturas republicanas. A região contestada foi sacudida por um movimento messiânico de grandes proporções; por uma violenta disputa de terras; por uma questão de limites interestaduais; por uma acirrada competição pela exploração das riquezas naturais e por uma fase final de "banditismo". A implantação das empresas do Sindicato Farquhar, é preciso reconhecer, não foi a única causa do conflito, mas sua presença em cena contribuiu decisivamente para a deflagração da Guerra do Contestado.

A participação da EFSPRG na Guerra do Contestado, além de deflagrar o conflito armado, esteve vinculada à continuidade do conflito. Nesse sentido, esteve ligada a acontecimentos estruturadores do conflito, entre os quais destacaram-se: o desalojamento violento de trabalhadores que, após a construção, instalaram-se às margens dos trilhos; o fato de ter se apossado de centenas de quilômetros quadrados de terras ocupadas há longa data por caboclos; o fato de ser empresa estrangeira que recebeu benefícios e privilégios concedidos pelo governo republicano, entre outros.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> - A ferrovia São Paulo-Rio Grande "relacionou-se intimamente com o desenrolar dos fatos: junto ao rio do Peixe, era tida como divisa provisória dos Estados litigantes; foi utilizada como meio de transporte pelas forças militares; as estações ferroviárias se transformaram em pontos estratégicos

O episódio do Contestado, com caráter de guerra civil, envolveu simultaneamente milhares de pessoas, desde fazendeiros em defesa de suas propriedades ameaçadas, a posseiros expulsos de terras devolutas que habitavam secularmente; desde gente simples, que acreditava nas promessas messiânicas de volta à monarquia, a oportunistas que viam ocasião para exercer pressões políticas e econômicas acerca da fixação dos limites interestaduais, da exploração da madeira e do mate na região.

Os primeiros passos desse processo foram definidos a partir da concessão, outorgada pelo Império em 1889, a Teixeira Soares.<sup>54</sup> Tal concessão previa não somente a construção e a exploração da ferrovia entre Itararé e Santa Maria, mas, concomitantemente, o estabelecimento de núcleos coloniais ao longo dos trilhos. Por essa razão, foram concedidos, entre outros privilégios, os terrenos marginais à estrada.

De acordo com tal perspectiva, as primeiras estações foram construídas em locais estratégicos, em consonância com os planos iniciais de colonização, situando-se, aproximadamente 25 quilômetros uma das outras, salvo algumas variações. A ferrovia manteve a diretriz de seguir sempre a margem esquerda do rio do Peixe, implantando-se em território administrado por Santa Catarina, uma vez que, na época, o próprio rio do Peixe servia de limite provisório entre dois

---

das tropas em ação; os trilhos e as obras de arte foram alvo de sabotagem pelos sertanejos; suas instalações, núcleos coloniais, junto com a Lumber, sofreram ataques devastadores [...] Aos rebeldes contestados, somaram-se cerca de 1.000 trabalhadores da estrada de ferro, despedidos sumariamente com a brusca paralisação das obras do ramal de São Francisco, no vale do Iguaçu." (THOMÉ, 1980:158-161)

<sup>54</sup> - O envolvimento e a presença de interesses da ferrovia na região do Contestado remontam a 1888, quando a equipe do engenheiro responsável explorou o vale do rio do peixe, a fim de escolher o melhor traçado da via férrea que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul, atravessando a região dos rios Iguaçu e Uruguai, cortando o sertão meridional de então.

A resistência Kaingang à construção da NOB constituía-se em uma tentativa de impedir a concretização dos projetos econômicos da empresa cafeicultora e de expansão territorial sobre parte considerável do território imemorial do grupo.

A situação das sociedades e povos indígenas brasileiros era dramática em várias regiões onde o fluxo migratório, as inovações técnicas e a implantação de GPDs evidenciavam o surgimento da modernidade que estava sendo instituída no país.

Esses aspectos críticos assinalavam a emergência da experiência moderna no sul do Brasil, demarcando a centralidade desse processo e a necessidade crescente de uma política governamental no tratamento conferido às sociedades e povos indígenas, em especial os "índios bravos", conforme eram, à época, identificados os Xokleng de Santa Catarina e os Kaingang de São Paulo.

É nesse contexto que, por exemplo, insere-se a célebre polêmica entre Hermann von Ihering<sup>59</sup> e os intelectuais positivistas no interior da sociedade nacional em período anterior à criação do SPILT (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais). A polêmica em questão foi desencadeada a partir de artigo publicado por IHERING, na Revista do Museu Paulista de 1907. Na ocasião, o antropólogo lançava seu "receituário" visando a

---

<sup>59</sup> - Hermann Von Ihering nasceu a 9 de Outubro de 1850, em Giessen, Alemanha. Formou-se em Medicina e Ciências Naturais. Em 1876, doutorou-se na Universidade de Erlange, defendendo tese sobre a significação do aparelho auditivo dos moluscos, tendo em vista a sua classificação natural. Em 1880 mudou-se para o Brasil, fixando residência no Rio Grande do Sul. A convite, mudou-se para São Paulo, para integrar a Comissão Geográfica desse estado. Com a anexação do recém fundado Museu Paulista (1893) à Comissão Geográfica e Geológica, Von Ihering foi empossado no cargo de diretor efetivo desse museu, em 15 de janeiro de 1894, instalado no palácio do Ipiranga. Durante vinte e dois anos exerceu a direção do museu, editando nove tomos da Revista do Museu Paulista. Neles foram impressos inúmeros artigos seus sobre malacologia, paleontologia, etnografia, zoologia. Em 1916 deixou a direção do Museu Paulista e, alguns anos mais tarde, retornou à Alemanha. Eleito professor honorário da Universidade de Giessen, publicou ainda diversos trabalhos, vindo a falecer em 26 de fevereiro de 1930. Ver a respeito, "Prof. Dr. Hermann Von Ihering", Revista do Museu Paulista, tomo XVII, parte I, 1931, pps. 553-556.

solução do impasse criado pela resistência tenaz dos índios frente as pressões da sociedade nacional. Em sua concepção o "naturalista da escola moderna" propugnava, referindo-se aos índios: "*exterminem-se os refratários à marcha ascendente de nossa civilização, visto não representam elemento de trabalho e progresso.*" (IHERING:1907;grifo meu)

Visivelmente a questão indígena aparecia, nesse período, como problema nacional.<sup>60</sup> O debate suscitado pelas posições antiindígenas de von Ihering e os intelectuais positivistas, com a conseqüente criação do SPILTN, órgão federal responsável pela política indigenista oficial, é signo desse fato.

Segundo SANTOS (1973), toda a discussão que se travou e que foi responsável pela organização e pela instalação do SPILTN, em 1910, principiou a partir de uma comunicação proferida por Alberto Vojtech Fríc, membro da Liga Patriótica, no XVI Congresso Internacional de Americanistas, em Viena, no ano de 1908.<sup>61</sup> Alberto Fríc demonstrou objetivamente que a colonização no sul do país processava-se sobre os cadáveres de centenas de Xokleng, mortos por grupos de bugreiros profissionais, atendendo a interesses de companhias de colonização, de

---

<sup>60</sup> - Para uma visão aprofundada, embora não exaustiva desses processos, e com a qual concordo em grande medida, a partir da descrição e análise das principais posições e interesses em jogo na disputa política da conjuntura sócio-histórica que antecedeu a criação pelo governo federal do SPILTN ver SANTOS (1973:116-160); e SOUZA LIMA (1987:149-198).

No debate sobre a questão indígena três tendências políticas representando interesses de classe subjacentes, envolvendo o destino das sociedades e povos indígenas do Brasil, sobressaem: a tendência leiga, a tendência clerical e a tendência científica. Básico evidenciar que a questão crucial, relativa ao método a ser adotado, tanto para a visão religiosa como para a visão secular era a incorporação social do índio na sociedade nacional de limiar do século XX (GAGLIARDI:1989).

<sup>61</sup> - A Liga patriótica para a Catequese dos Silvícolas, fundada em Florianópolis "que tem por fim evitar o extermínio dos índios que habitam as nossas selvas" (SANTOS, 1973:124), era a entidade na qual Fríc foi ativo colaborador. A meu ver, é interessante, partindo dos dados arrolados em SANTOS, um estudo sobre a Liga Patriótica em Santa Catarina - precursora das ONGs de apoio aos indígenas - e sua atuação destacada na figura de indivíduos como Fríc na defesa dos Xokleng, desde a fundação da mesma, no ano de 1907, até seu desaparecimento repentino numa conjuntura que acabou solidificando a criação de um órgão oficial de "proteção" aos índios brasileiros.

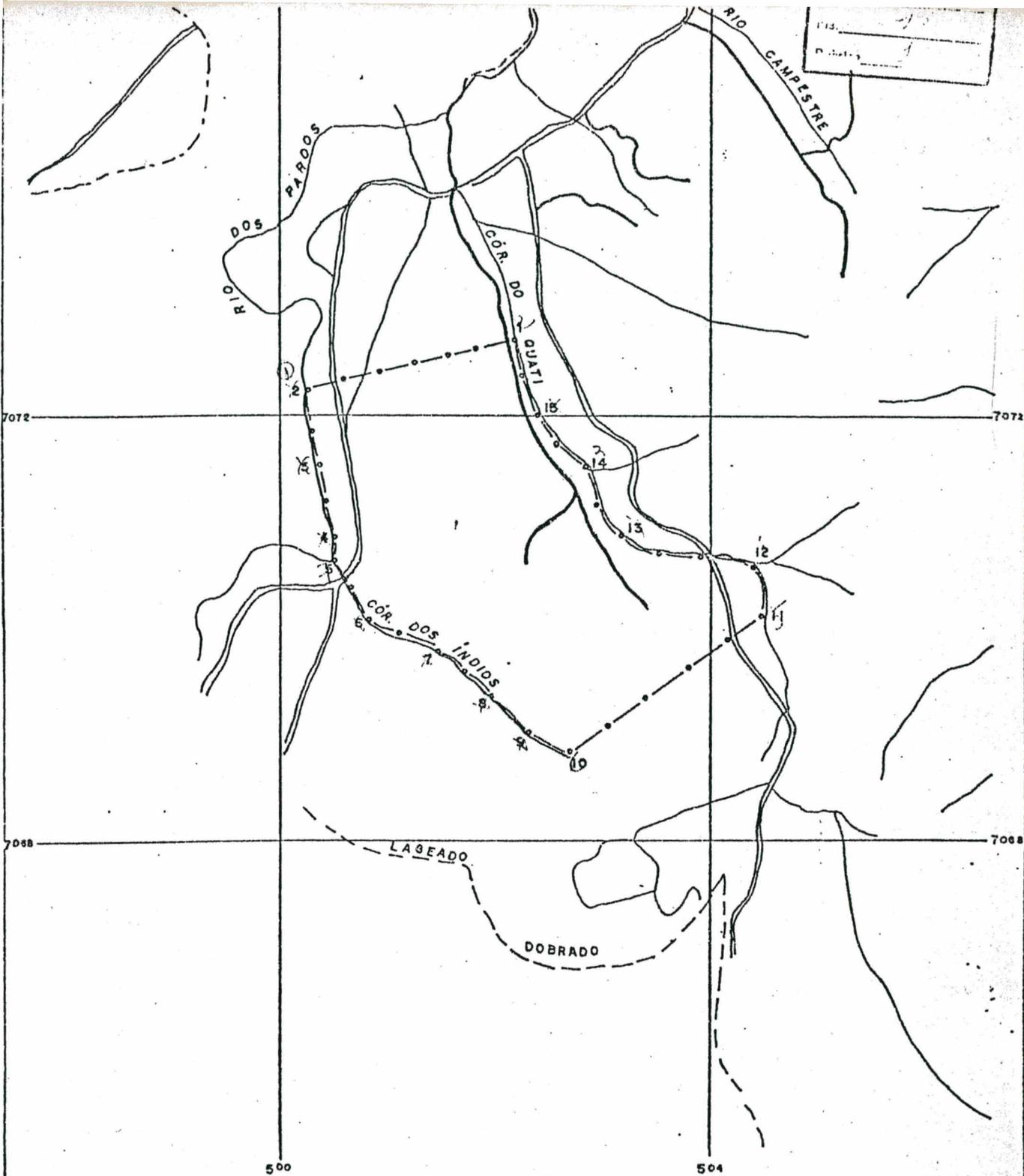
lado, em 1910, através de iniciativa do Estado, atendendo às pressões e clamores da sociedade civil organizada, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN). Essa agência, encarregada da "proteção oficial", representava uma tentativa de resposta apresentada pelo poder federal no sentido de dar fim aos graves conflitos que estavam ocorrendo entre as diferentes agências e agentes de contato da sociedade brasileira e os povos indígenas.

No sul do país, em Santa Catarina, os Xokleng foram contactados em Porto União, nos anos de 1912 e 1918, por Fioravante Esperança e João Gomes Pereira, respectivamente, e em Ibirama, no ano de 1914, por Eduardo Hoehran. Na região nordeste do Rio Grande do Sul, à época, surgiram as áreas indígenas de Nonoai, Guarita e Ligeiro, entre outras. Essas áreas foram criadas com objetivo e orientação idêntica às áreas paranaenses, quer dizer, confinamento dos indígenas visando à liberação de território às várias agências de expansão da sociedade nacional. Paralelamente desenvolveu-se, através de companhias de colonização nacionais e estrangeiras, a ocupação da região limítrofe ao rio Uruguai por contingentes migratórios da Europa.

Nas regiões norte e centro-oeste, o órgão indigenista oficial teve uma atuação destacada junto às sociedades e povos indígenas do país. Todavia, forçoso reconhecer, o que acontecia após o processo de contactação e confinamento dos índios parecia não mais interessar ao governo brasileiro. O objetivo geo-político de caráter estratégico tinha sido alcançado: os grupos

indígenas confinados, em reservas sob a jurisdição do SPILTN, não mais representavam "obstáculos", no caminho dos GPDs - empreendimentos símbolos da modernidade emergente - que estavam sendo implementados pelo Estado brasileiro.

\*\*\*



**LEGENDA**

- ÁREA INDÍGENA IDENTIFICADA
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- RODOVIA DE TRÁFEGO PERIÓDICO
- LAGEADO

LOCALIZAÇÃO DA FOLHA NO ESTADO



 <b>MINISTÉRIO DO INTERIOR</b> <b>FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI</b> DIVISÃO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS E PATRIMÔNIO INDÍGENA-DAFI			
DENOMINAÇÃO: <b>ÁREA INDÍGENA RIO DOS PARDOS</b>		PLANTA: IDENTIFICAÇÃO	
MUNICÍPIO: <b>PORTO UNIÃO</b>		ÁREA: <b>868,863750ha</b>	PERÍMETRO: <b>12,7 Km</b>
UF: <b>SANTA CATARINA</b>		ESCALA: <b>1:50.000</b>	DATA: <b>20/09/88</b>
DESENHO: <b>119a</b> KATIA		TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA IDENT. DOS LÍMITES: [Signature]	EXECUTANTE: <b>DAFI</b>
		TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA IDENT. DOS LÍMITES: [Signature]	PRESIDENTE DA FUNAI:

## CAPÍTULO - 4

### A DRAMATICIDADE DA HISTÓRIA DO CONTACTO

"Articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo 'como ele efetivamente foi'. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo."

Walter Benjamin - Teses sobre a Filosofia da História -

#### 4.1. O grupo Xokleng do rio dos Pardos

Os Xokleng do rio dos Pardos constituem um dos grupos étnicos pertencentes à família lingüístico-cultural Jê. Conforme Veitchá Uvanhecù Téie, índio Xokleng residente na Al de Ibirama, o nome Ngrokòthi-tõ-prèy (que possivelmente signifique "os de beijo caído" - devido a utilização de enfeite labial de dimensão acima do normal), é a denominação utilizada pelo subgrupo (facção) Xokleng de Ibirama para referir-se ao subgrupo do rio dos Pardos. Na ótica nativa, tal nome possui conotação nitidamente pejorativa, constituindo-se em referência negativa.

Contemporaneamente, o território<sup>63</sup> desses índios encontra-se localizado no município de Calmon, norte de Santa Catarina, na divisa com o Paraná. Os mesmos foram confinados originariamente em São João dos Pobres, no Quati -

---

<sup>63</sup> - Na presente dissertação assumo uma distinção entre *território histórico* (entendido como área de perambulação total do grupo reconhecida desde tempos imemoriais através da tradição), *Área Indígena* (correspondente ao território identificado ou demarcado e homologado pela União), *terras indígenas* (território que corresponde às áreas contínuas e ou descontínuas em relação a área demarcada, passível de processo de demarcação). Essa posição é semelhante a adotada no trabalho elaborado por LEITE (1993).

conforme a denominação valorizada e assumida pelo grupo ao longo do tempo.<sup>64</sup> O toldo do Quati, às margens do rio dos Pardos, encontra-se a 25 km da sede do município de Calmon e a 30 Km de Porto União.

A altitude média do território indígena é de aproximadamente 1100 metros acima do nível do mar, com topografia levemente acidentada e intercalada por acidentes geográficos - morros, campos e pequenas chapadas. Atualmente, o território identificado como indígena compreende uma área total de 828,70 ha.<sup>65</sup> Trata-se de uma região de clima mezotérmico úmido com verão ameno, onde a temperatura média anual oscila entre 15 e 20 .C, ocorrendo geadas frequentes e invernos com nevascas.

A cobertura vegetal é formada por campos em que predominam gramíneas. Em pequena parte, a vegetação preponderante é a da Floresta de Araucária, onde desponta o pinheiro brasileiro, "*Araucaria angustifolia*". Essa vegetação, outrora constituída de extensos pinheirais e imbuías - "*Ocotea porosa*" -, cedeu lugar a capões de mata onde predomina a bracatinga. A área territorial dos Xokleng tem hidrografia privilegiada, sendo banhada pelos rios dos Pardos, Quati e arroio dos Índios.

No interior da área identificada, existe uma única estrada vicinal, com extensão de aproximadamente 5 quilômetros, atravessando a reserva, que se encontra em péssimo estado de conservação. Limítrofe à área, existe um reflorestamento a base de Pinus, implementado pela empresa SINCOL S&A.

---

<sup>64</sup> - Nos Mapas e Cartas Geográficas aparece como nome do local São João dos Pobres, sendo que o antigo SPILTN utilizava tal denominação. Em contrapartida, as pessoas do grupo usam Quati para referirem-se ao seu território de confinamento a partir de 1918. Cabe referir que a FUNAI e mesmo vários regionais (re)conhecem o lugar pelo nome consagrado pelos Xokleng.

<sup>65</sup> - De acordo com o mapa de medição e descrição fundiária, elaborado em Outubro de 1988, pelo grupo técnico da FUNAI e ratificado em Novembro de 1993. (Cf. ANEXO 5)

A utilização da terra pelos indígenas, no processo de trabalho, acontece através de implementos de tração animal ou, em maior escala, através de trabalho manual. Os cursos de água que atravessam a região encontram-se preservados e a poluição do local é praticamente inexistente.

A população indígena do rio dos Pardos consiste em um grupo de pessoas da etnia Xokleng, descendentes diretos do grupo contactado pelo sertanista Fioravante Esperança, em 1912, no Posto de Atração Rincão do Tigre, e confinado por João Serrano, em 1918, na localidade do Quati.

Na época do processo de contactação e confinamento dos Xokleng pelo SPILTN em Porto União, o grupo contava com uma população de 50 pessoas. Atualmente, o contingente populacional do grupo encontra-se em torno de 46 pessoas, conforme a distribuição por faixa etária apresentada no quadro da população:

**POPULAÇÃO XOKLENG ORIGINARIA DA AI RIO DOS PARDOS  
DISTRIBUIÇÃO POR FAIXA ETÁRIA**

Faixa etária	Homens	Mulheres	TOTAL
De 0 a 10 anos	8	7	15
De 10 a 20 anos	4	5	10
De 20 a 30 anos	3	4	7
De 30 a 40 anos	3	4	7
De 40 a 50 anos	1	2	3
Acima de 50 anos	2	2	4
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>26</b>	<b>46</b>

O levantamento realizado<sup>66</sup> evidenciou a existência de uma parcela do gupo Xokleng que se encontra fora dos limites da terra indígena do rio dos Pardos. Para efeitos censitários, essa população pode ser enquadrada em posições diferenciadas, como índios desaldeados e índios residentes na Al Ibirama.

A economia atual dos Xokleng baseia-se, essencialmente, na agricultura de subsistência. As atividades agrícolas são exercidas em função do cultivo de espécies que suprem satisfatoriamente a necessidade alimentar do grupo. Nas roças desenvolvidas em áreas de acentuado declive, são plantados arroz, feijão, mandioca e milho, entre outros gêneros. Nessas atividades econômicas, é empregada a força de trabalho total do grupo, envolvendo crianças e jovens, mulheres e homens, integrantes das famílias do local.

Conforme o relato dos índios Adão Pereira (Künã'ü) e D. Maria Madalena (Gümu), nos períodos em que se constata a necessidade do emprego de maior número de pessoas para o trabalho agrícola, é comum que outros Xokleng da região, residentes nas localidades vizinhas, participem temporariamente do plantio e da colheita de alimentos.

---

<sup>66</sup> - Levantamento realizado entre 09 e 15 de janeiro 94, a partir de observações de campo e das informações dos indígenas D. Maria Madalena (Gümu), Adão e Dorico Pereira. Confrontado com levantamento de DANTAS (1988) para a FUNAI com vistas a identificação da área, registre-se que este número de 46 diz respeito a um levantamento preliminar realizado durante a pesquisa de campo, necessitando complementação em trabalho posterior visando a confirmação desses dados iniciais. De outro lado, reconheço a existência de relatório oficial que aponta a existência de 55 índios no grupo do rio dos Pardos. O referido relatório deve ser visto com cautela, pois produzido num contexto em que o órgão oficial sofria ameaça concreta de extinção.

Atualmente o extrativismo praticado restringe-se ao aproveitamento de erva-mate. Os Xokleng desenvolvem práticas de caça e pesca em pequena escala. Com relação à caça, as espécies existentes e muito apreciadas pelos índios são os tatus, os veados e as pombas entre outros. A pesca constitui-se, por sua vez, em inovação na cultura alimentar do grupo que, antigamente, parece que não fazia uso de tal prática. (Cf. informação de Kūna'ü) No interior da área identificada, existem em abundância, sobretudo no rio dos Pardos, carpas, jundiás e traíras que são consumidos como reforço alimentar.

A pesca é uma atividade exercida principalmente pelos poucos jovens e realizada com a utilização de anzol, linha e caniço. Embora seja alimento valorizado, o peixe é menos procurado do que a caça na mata. A relação entre caça e pesca é inversa. Havendo uma maior quantidade de peixes à disposição do grupo - os índios só recentemente fazem uso regular de uma dieta alimentar a base de peixe -, este é pouco consumido. A caça é escassa, rareando cada vez mais na região. É provável que o consumo de peixe entre os Xokleng do rio dos Pardos adquira aos poucos maior importância na dieta alimentar do grupo.

\* \* \*

#### 4.2.1- O trágico desfecho dos primeiros contatos

É mister considerar que já no primeiro quartel do século XIX, iniciou-se a imigração européia no sul do país. A intensificação da colonização no Rio Grande do Sul e em torno de Curitiba, empurrou inexoravelmente os Xokleng para os limites do Estado de Santa Catarina. Outro movimento que concorreu para a fixação dos indígenas em Santa Catarina, foi o processo contínuo dos conflitos étnicos entre Xokleng e Kaingang, onde esses últimos, "com o apoio do governo brasileiro, que os utilizava como instrumento no combate àqueles perigosos

saqueadores" (SCHADEN,1963:80) impeliram os Xokleng ao confinamento territorial em que permanecem até os dias de hoje em território catarinense.

Na área norte e noroeste do estado de Santa Catarina, onde localiza-se o grupo com o qual realizei pesquisa de campo - em território que à época estava sob controle do Paraná, nas proximidades do rio Negro -, "há indicações de que 40 pessoas morreram, vítimas dos indígenas". (WACHOWSKI 1969:478)<sup>67</sup>

A presença acentuada e com maior constância dos Xokleng na região encontrava-se subdividida em três áreas: na parte central do território de Santa Catarina, tendo como principal ponto de ação o médio e alto vale do Itajaí onde, atualmente, encontram-se reservados os Xokleng da Al Ibirama; nas cabeceiras do rio Negro, em pleno território, a época, do Contestado, atual fronteira entre Santa Catarina e Paraná; e na região sul do Estado, com base na área dos vales dos rios Capivari e Tubarão, nas proximidades da serra do Taboleiro. (Cf. HENRY:1941; SANTOS:1973; URBAN: 1978;).

Os primeiros contatos entre integrantes da agência oficial de "proteção" (entenda-se o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais - SPILTN) e os Xokleng ocorreram com o grupo oriundo dos campos de Palmas<sup>68</sup> - por volta de 1912 -, quando o sertanista Fioravante Esperança instalou-

---

<sup>67</sup> - Na realidade, torna-se difícil mensurar com precisão a grande quantidade de ataques dos Xokleng que provocaram mortes, não apenas contra os operários-construtores da ferrovia, mas, também, aos demais integrantes de outras agências que tentavam a ocupação do território indígena. É preciso ressaltar que muitos desses ataques e mortes ficaram sem registros impressos, por vontade deliberada das autoridades e fazendeiros locais interessados mais em revide do que em procurar alternativas para a resolução do conflito étnico na região. De outro lado, não encontramos mais interlocutores indígenas que participaram diretamente desses ataques com mortes, a fim de dimensionar com exatidão, a amplitude e a natureza desse processo.

<sup>68</sup> - Conforme D'ANGELIS (1990), os campos de Palmas, também conhecidos como campos de Bituruna, eram um enclave Xokleng na região; os Xokleng foram expulsos de Palmas pelos Kaingang no processo de guerras étnicas, provavelmente por volta do século XVII e começo do século XVIII, próprio da cultura desses Jê meridionais.

se com o Posto de Atração Rincão do Tigre, próximo à Fazenda Monte Alegre, no norte catarinense, divisa com o Paraná .

De acordo com SANTOS (1973:156), "os indígenas desse grupo tinham sofrido toda uma série de experiências resultantes da penetração de contingentes imigratórios na região do rio Negro e da presença de uma frente de expansão representada pelos operários construtores da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande".

Esses Xokleng, ameaçados por pressões das empresas colonizadoras, dos colonos e dos fazendeiros assentados na região do rio Negro, e bastante atingidos pela frente de ocupação que cortava os sertões a partir da construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, viviam em estado de permanente conflito com os segmentos da "civilização moderna". Exemplo paradigmático a respeito foi o ataque desfechado contra Fioravante Esperança e os demais integrantes da equipe do SPILTN no Posto de Atração Rincão do Tigre.

Do mesmo modo, são extremamente significativos os inúmeros ataques indígenas desferidos contra a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. A título ilustrativo, [Cf. Cap. 2, seção 2.3.], é importante mencionar o episódio da morte dos operários-construtores de origem polonesa, que avançavam como representantes da sociedade nacional sobre o território indígena, no limiar do século XX.

Após estabelecer contacto amistoso com o grupo oriundo dos campos de Palmas, o SPILTN mantinha a fase de "namoro" com os indígenas, na expectativa

da "pacificação". Os objetivos do SPILTN, cuja finalidade de contactar e "amansar" os Xokleng, atendia não somente à defesa do grupo, pois os índios confinados em reservas, propiciava a liberação de terras para assentamento de colonos e o surgimento de fazendas. Assim, era de interesse dos fazendeiros e colonos os trabalhos de "amansamento" e, com tal objetivo, mantinham contato com os integrantes do SPILTN.

Realizada a atração Xokleng, passaram esses a freqüentar o posto do Rincão do Tigre de onde as operações tinham se irradiado. Corria tudo conforme as máximas do apostolado positivista, vivendo índios e empregados do SPILTN em convívio "fraternal", na tentativa do estabelecimento de um contato amistoso e perene. Numa ocasião em que fazendeiros visitavam o posto de atração foram reconhecidos pelos Xokleng, originando o trágico episódio da morte dos membros da frente de atração comandada por Fioravante Esperança, no Rincão do Tigre.

Aconteceu que um dia o Posto foi visitado por dois fazendeiros, um dos quais, tomara parte em ataques anteriores aos índios; estes excelentes fisionomistas o reconheceram, matando-os juntamente com o encarregado do Posto e demais funcionários do SPILTN, exceto o cozinheiro que fugiu para o mato. Tragicamente, terminava assim a experiência inicial de contato entre o órgão oficial e o grupo Xokleng. (RIBEIRO:1986; SANTOS:1973)<sup>69</sup>

"Os visitantes chegaram à hora do almoço e tomaram parte na refeição que estava à mesa. Quem come junto é aliado e irmão - canquê - na regra social dos botocudos. Portanto os empregados do Posto deviam ser como aqueles fazendeiros, inimigos dos

---

<sup>69</sup> - Para um entendimento detalhado e vinculado ao processo de confinamento indígena e a uma conjuntura de criação do órgão indigenista na Primeira República ver as versões e análises críticas de SANTOS (1973: 116-120) e SOUZA LIMA (1987:149-204)

índios! E tudo que até então tinham esses servidores feito para agradar aos Índios e beneficiá-los, deveria ser traição! Num momento resolveram liquidar o assunto. Arditamente desarmaram os visitantes, os quais pelo que sabiam sobre a pacificação dos seus antigos desafetos, estavam inteiramente tranquilos e não se opuseram ao exame que os índios, com mostras de curiosidade desejavam fazer de suas armas. Em seguida caíram sobre os visitantes, massacrando-os e também aos empregados do Posto. Fioravante, rudemente atacado, defendia-se das cacetadas com os braços rocustíssimos, sempre de frente, procurando chamar os índios à razão. Foi recuando até o mastro da bandeira brasileira, que diariamente se hasteava no Posto; e aí seu cadáver foi encontrado, tendo no cinto o seu revólver com todas as balas intactas. Caiu fiel à divisa do Serviço de Proteção aos Índios: "Morrer se necessário for; matar nunca!" (Boletim do SPI n. 9, de 30/8/1942, pp. 4-5, in RIBEIRO 1986:160/1)

#### 4.2.2. SPILTN e o confinamento indígena no Quati

Após os incidentes do Posto de Atração Rincão do Tigre, o grupo Xokleng, embrenhou-se na mata temendo a represália da "civilização". Nesses episódios, um novo nome surge no cenário da "pacificação". Dessa vez, com incumbência de dar continuidade aos trabalhos de contactação, João Gomes Pereira (João Serrano) "logrou atrair os índios para as margens do rio dos Pardos, onde se instalou com sua família" (SANTOS, 1973:159).

De acordo com informações prestadas pelos regionais contemporâneos à época da "pacificação", nas redondezas do rio dos Pardos, Quati e arroio dos Índios, João Serrano conseguiu reunir, no ano de 1918, um total de 50 índios. Em depoimento oral recente a respeito do grupo do rio dos Pardos, o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos evidencia que:

"Esse grupo aí de próximo de Porto União, tinha uma área de perambulação enorme; [...] eles vinham mais ou menos até a altura de São Bento, passando por aquelas cercanias que hoje é

território do Paraná ... Por Lapa, por toda aquela região, e indo em direção a Caçador. [...] Os vestígios arqueológicos aí mostram uma presença de ocupação de várias tradições culturais, não é?

Então, na verdade, [...] tem alguma coisa assim a se considerar como fundamental: primeiro que essa população indígena era uma população nômade e tinha um grande raio de perambulação; e que na medida em que esse território foi sendo penetrado pelo branco, e essa penetração se acentuou com a colonização durante o século passado, evidentemente esse grupo que dependia da caça e da coleta fundamentalmente, esse grupo passa digamos assim, a uma condição de grupo que fugia, dos seus agressores especialmente bugreiros; nesse processo, evidentemente, esse grupo tinha algumas áreas de refúgio; áreas mais inóspitas, áreas menos frequentadas; e que isso vai naturalmente escasseando porque essas áreas de refúgio vão sendo também penetradas. Quer dizer, é claro que na medida que vai escasseando também o alimento e as próprias áreas de perambulação, a possibilidade de atrito dos índios com os brancos também aumenta, porque os índios para passar de uma área para outra são obrigados a atravessar uma fazenda e acabam tendo um entrevero, e as vezes acabam também, movidos pela fome, assaltando. Naturalmente para atender suas necessidades fundamentais. Então isto é uma coisa a confirmar. Outra, é que estabelecido o contato, evidentemente esse contato foi feito no interesse da sociedade nacional, no interesse da sociedade envolvente; manter os índios numa área de confinamento. E essa área inicial de confinamento era muito grande. Não era uma área de três ou quatro, ou cinco colonias, era uma área bem maior, porque os índios ali, o grupo que foi contactado, as informações que se tem eram por volta de 50 pessoas. E para manter cinquenta pessoas, na base de caça e coleta, evidentemente é preciso ter uma área razoável. Então por isso é que eu digo que o João Serrano que se estabeleceu nesse meio dos índios, nessa área que os índios ficaram aí, razoavelmente confinados, isso aí é uma espécie de polo de atração, e daí, atendia aos índios em algumas necessidades, etc. mas os índios faziam suas excursões de caça num raio que eu admito de no mínimo 10 a 15 km, no mínimo. Então quer dizer, esses índios estavam se aproximando tanto de Calmon como estavam indo em direção a Itaiópolis e outras áreas aí, em direção a BR-116 hoje. Então, dentro deste contexto, essa área vai naturalmente diminuindo, na medida também que vai havendo uma penetração maior, interesse de civilizados e tal; e os próprios índios vão então, deixando também a atividade de caça entrando numa agricultura, etc. quer dizer, então isso foi um processo

gradativo..."(In DANTAS,1988:02; Entrevista concedida em 28/08/88).

O grupo Xokleng, estigmatizado pelo trágico acontecimento do Ribeirão do Tigre, vivia abalado e em forte tensão<sup>70</sup> com a perspectiva de uma provável vingança por parte dos brancos. Segundo depoimento dos índios, o próprio João Serrano, durante a época inicial em que conviveu com o grupo no rio dos Pardos, propiciou as condições para o extermínio do grupo indígena do rio dos Pardos. Após noites de conversas e de agrados em sua residência, calorosamente aquecida pelo fogo, exortava os índios a tomarem banho nas águas frias da cachoeira em frente. Assim, os índios eram atacados por fortes resfriados e acabavam morrendo. (SANTOS:1973)

"O índio Sebastião Pereira desse toldo, juntamente com seu pai Dujavin Kihlitá , que viveu esses acontecimentos, nos informaram que João Serrano temia muito muito os indígenas que pacificou. Por isso, toda vez que alguns índios começavam a demonstrar sinais de insatisfação, convidava-os à sua casa, para uma noitada alegre. Na oportunidade distribuía farta quantidade de bebida aos visitantes e mantinha a casa toda fechada e aquecida por forte fogo de lareira e pela manhã obrigava aos visitantes sonolentos a tomar um banho na cachoeira que corria à frente da residência. Em consequência os silvícolas adquiriam fortes resfriados, que em pouco tempo aniquilava definitivamente as possibilidades de revelarem sua insatisfação (depoimento 16/7/64)." (SANTOS; 1973: 161)

---

<sup>70</sup> - De acordo com o antropólogo Dennis Werner ("Stress Psico-social entre os Índios da AI Ibirama". Boletim de Ciências Sociais. UFSC, 51/52, Jun, 1989. pps. 55-64), que realizou pesquisa sobre o "stress" no ano de 1983, tendo como referência estudos similares realizados com outros grupos indígenas, os Xokleng possuem um dos mais altos índices de "stress" entre os grupos até então pesquisados, devido em parte aos problemas consequentes da implantação da barragem Norte, no rio Hercílio.

Conforme observado, os episódios vividos por Fioravante Esperança ocorreram por volta de 1912. De acordo com SANTOS (1973:161), "João Serrano somente conseguiu se aproximar dos indígenas por volta de 1918. Segundo o filho do cozinheiro que escapou ao massacre em Ribeirão do Tigre, ao ocorrer a atração, os funcionários do SPI vingaram a morte de Fioravante Esperança, liquidando diversos índios adultos e providenciando, sob o pretexto de uma epidemia de gripe, a transferência de mulheres e crianças para postos de São Paulo."

Durante a pesquisa, ficou comprovada, através de depoimento gravado, a autenticidade da informação sobre a matança dos Xokleng, patrocinada por João Serrano, funcionário da agência oficial de "proteção". Como esse, outros fatos denotam a marginalização do grupo, tanto por parte dos funcionários locais do SPILTN, como pela administração do órgão em nível federal, que não se preocupou em tomar providências no sentido de legalizar as terras habitadas pelos índios. Essas terras, às margens do rio dos Pardos, ao contrário do que ocorrera no vale do Itajaí, não foram regularizadas, situação que perdura até os dias de hoje.

No rio dos Pardos, onde João Serrano atraiu e confinou os Xokleng arredios que perambulavam por toda a região do rio Negro e Palmas, a situação referente às terras necessárias à subsistência dos indígenas foi bastante problemática. O local sede dos trabalhos de atração foi por João Serrano requerido ao governo de Santa Catarina. No mesmo local, instalou uma fazenda que, na década de cinquenta, foi vendida para o Sr. Alex Feigll, comerciante residente em Blumenau.

Com o domínio do novo proprietário, a fazenda recebeu o nome de "Marianne". Segundo informações obtidas no local, os indígenas deveriam ocupar a margem esquerda do rio dos Pardos, defronte à sede da fazenda situada à

margem direita. Todas essas terras, entretanto, bem como uma parte da margem direita, foram requeridas ao governo estadual pela empresa colonizadora H. Hacker & Cia., que procedeu a divisão em lotes e iniciou sua venda. Os Xokleng passaram, então, a ocupar os lotes 231 e 232, com uma área de 268.000 m<sup>2</sup>, localizados à margem direita do rio dos Pardos e na divisa da fazenda.

A empresa deixou-os ali mas não regularizou a situação do grupo Xokleng com o legítimo direito à posse do território. Os indígenas, liderados por Sebastião Pereira, tentaram legalizar as terras. Contrataram um agrimensor para efetuar as medições, mas não chegaram a requerer a área pretendida. Foram dissuadidos por informações do tipo "índio não pode requerer nada ao governo"... (SANTOS 1973: 205 )

\* \* \*

#### 4.3. Aspectos sócio-culturais e históricos da vida indígena

É preciso reconhecer que o processo de alteração dos valores da cultura tradicional Xokleng, motivado pela dramaticidade da situação de contato e pelo preconceito aberto contra os índios na região, progressivamente levou-os a uma inserção em grupos familiares, ou isoladamente em alguns casos, na sociedade regional. Para garantirem sua sobrevivência passaram a servir como mão de obra barata para o mercado de trabalho regional.

Contemporaneamente, os Xokleng do rio dos Pardos mantêm-se como um grupo étnico que, apesar da dramaticidade da situação de contato interétnico

vivida no passado, resiste, na medida em que a cultura grupal constitui, de forma dinâmica, a busca de uma construção identitária diferenciada.

Nesses termos, reafirme-se que o domínio de determinado mecanismo característico à vida da população regional acabou possibilitando ao subgrupo Xokleng do rio dos Pardos a sobrevivência física e a continuidade histórica e étnica, assegurando, entre outros, o direito à terra, que lhes é, vale reiterar sempre, congênito.<sup>71</sup> Assim, em 1975, os remanescentes indígenas impetraram ação de usucapião sobre parte das terras ocupadas. Posteriormente, em 1988, a FUNAI iniciou o processo de identificação das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, à época do contato.

Um sério problema, contemporaneamente, é a sensível devastação ambiental levada a cabo a partir da presença da Southern Brazil Lumber Colonization & Company (Lumber), empresa que instalou na região um empreendimento madeireiro de grande porte (Cf. vimos no Cap. 3). A natureza e a envergadura de tal processo - patrocinado pelo "ardor racionalista capitalista" - espelhado na construção de GPDs, somente pode ser comparada com a construção da EFSPRG e a eclosão da Guerra do Contestado, processos aos quais a implantação da Lumber encontrava-se intimamente associada.

Para se ter uma idéia exata do potencial de devastação ambiental provocado pela Lumber em território de ocupação imemorial Xokleng, mister assinalar que a referida empresa instalou e desenvolveu o maior complexo industrial de exploração madeireira da América do Sul, à época, com equipamento

---

<sup>71</sup> - "A posse e a propriedade geram direitos para os particulares. O indígena é insuscetível de gerar direitos para particulares. Por ser o indigenato congênito este nasce e morre com o índio." (in Comentários à Constituição de 1967, com a emenda N. 1 de 1969, tomo IV, pps. 4 e segs. PONTES DE MIRANDA; cit. in DANTAS, 1988:27, grifo do autor)

trazido da Europa e dos EUA, além de recorrer à importação de tecnologia canadense.<sup>72</sup>

No que tange ao interior da área indígena, a situação ambiental, comparada à totalidade da região contígua à reserva, não apresenta tal gravidade. Deve-se acentuar que a região que circunscreve a terra indígena apresenta sério comprometimento. Isso acaba afetando a área dos Xokleng, na medida em que o processo histórico de destruição dos recursos naturais assumiu uma dimensão globalizante encompassando toda a região norte e noroeste de Santa Catarina.

De outro lado, a situação no interior da área identificada é preocupante visto que, a partir da metade da década de 70 em diante, aconteceram derrubadas de pinheiros em grande escala por fazendeiros, por empresas madeireiras e, também, pelos índios - pressionados por especuladores locais, ou a título de interesses próprios -. Importante referir que ainda em 1993, o Xokleng Canhaà Negatcha (Oswaldo Pereira) recebia dinheiro para controlar e para autorizar pessoas que, com seu consentimento, tinham livre acesso ao interior da área, onde realizavam corte de erva-mate, derrubada e retirada de madeira, usada como lenha e com fins de comercialização.

É importante destacar que o órgão oficial de "proteção" teve conhecimento, através de documento produzido pelos técnicos da entidade, deste e de outros fatos similares acontecidos no interior da terra indígena. Conforme relatório da Instituição, produzido em 1993, Canhaà Negatcha denunciava à mesma os indivíduos que se recusavam a pagar por sua "proteção". É desse índio, também,

---

<sup>72</sup> - Note-se que tal empreendimento jamais foi igualado em toda a história da América do Sul. Entre outros fatos, ressalte-se que a Lumber detinha uma linha particular para o transporte de madeira e material da serraria, o que denota o poderio desse GPD na região, no limiar do século XX.

a confirmação do recebimento de dinheiro como forma de pagamento referente à carga de lenha saída do interior da área.

Esses acontecimentos foram relatados pelos índios mais de uma vez durante o trabalho de campo. São fatos de conhecimento público, tanto no interior como fora da área indígena. Tal processo, até o momento presente, não assumiu dimensão irreversível. Se, de um lado, indica um considerável potencial de risco; em contrapartida, evidencia a necessidade urgente de trabalho conjunto do grupo e de aliados externos visando, respeitada a autonomia política e cultural e o poder de decisão dos Xokleng, a tentar impedir a repetição de situações desse tipo.

É necessário estabelecer uma experiência diferenciada no tratamento das questões relacionadas com a problemática das relações interétnicas na região. Nesse sentido, a questão da continuidade sócio-cultural e ambiental dos Xokleng do rio dos Pardos adquire fundamental importância no atual contexto situacional em que se encontram inseridos.

O resultado do processo - de devastação dos recursos naturais - mostra-se nocivo para o grupo, devido às constantes brigas internas pelo controle desses recursos estratégicos; pela relação conflituosa com os regionais que procuram tirar proveito do contexto de dificuldades econômicas constantes dos índios e, mais dramático, pelo risco concreto de perda da autonomia sobre o território e o gerenciamento do cotidiano grupal.

Questões dessa natureza têm servido para reavivar o sempre latente faccionalismo presente em sociedades Jê, fortemente entre os Xokleng do rio dos Pardos. A atualização desse princípio, em boa medida organizador da vida sócio-

política do grupo, tem-se expressado através da luta cotidiana envolvendo famílias nucleares, umas contra as outras.<sup>73</sup>

A utilização da língua portuguesa é corrente entre os Xokleng do rio dos Pardos. O bilinguismo não é exercitado, e raras são as ocasiões em que se surpreende a presença de fala em (na) língua nativa. É importante acentuar que a FUNAI intimidou dois índios falantes do idioma Xokleng, "recomendando-os" a fazer uso da língua nativa somente no espaço privado. Claramente existe aí uma tentativa de escamoteamento e intimidação de uma traço cultural fundamental da identidade diferenciada do grupo.

Essa prática cultural, como outras,<sup>74</sup> expressa a permanência de traços de distintividade étnica. Em contrapartida aponta, também, para uma certa invisibilidade de determinadas práticas culturais - demarcadoras de identidade étnica diferenciada - que subsistem em espaços privados.

A caça de recursos atualiza uma prática eminentemente constitutiva da identidade étnica grupal. Caçadores e coletores os Xokleng do rio dos Pardos vão à luta em busca de recursos à sobrevivência, lançando mão da estratégia de recorrer aos órgãos públicos, a fim de que estes atendam demandas e necessidades específicas. Nesse caso, as "reivindicações" indígenas parecem que atualizam o velho princípio de caçar recursos na natureza, substituindo-os contemporaneamente pela caça de recursos em órgãos públicos.

---

<sup>73</sup> - O problema das duas mortes ocorridas recentemente, envolvendo membros do grupo e brancos intrusados na área, se explica em grande medida por aí e, também, pela forte pressão exercida pelos regionais interessados na terra e nos recursos naturais existentes na área indígena Xokleng do rio dos Pardos.

<sup>74</sup> - Um exemplo interessante é a caça de pequenos animais existentes no interior e nas imediações da área indígena Xokleng identificada. Essa atividade, que evidencia a manutenção de prática cultural tradicional, embora desenvolvida em espaço público, acaba sendo negada publicamente, visto que é valorada negativamente pelos regionais que contactam com os indígenas.

É importante enfatizar que a referida área, embora identificada, encontra-se invadida por 06 famílias de regionais, respectivamente as famílias de Nelson Gregório (mulher e duas filhas); de Luís Gregório; de Antônio Siqueira (mulher e uma filha); de Angelo Rodrigues e mulher; de Abílio Rodrigues e de Olímpio Rodrigues. Além disso, conforme relato da Secretária de Assistência Social e Saúde de Calmon, confirmado pelos Xokleng Künã'ü e D. Gümü, a SINCOL S/A - empresa de reflorestamento - ocupa uma parte do território identificado e delimitado pelos agrimensores da FUNAI como pertencendo ao grupo do rio dos Pardos. Foi constatada, em janeiro de 1994, a presença de 01 família indígena (João Alves de Carvalho, Maria Lindacir de Carvalho e filhos) trabalhando e vivendo em fazenda de propriedade da referida autoridade municipal, que limita com a terra indígena. Por sua vez a FUNAI, após proceder o processo de identificação da área, mostra-se impotente e até mesmo omissa e conivente com a atual situação. Essa conjuntura evidencia a difícil condição vivenciada contemporaneamente pelo grupo Xokleng do rio dos Pardos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta reflexão foi possível examinar diferentes situações que permitiram compreender melhor a expansão do capitalismo e a emergência da modernidade no sul do Brasil, com destaque a uma de suas faces trágicas, qual seja o extermínio e a tentativa de dominação empreendida contra um grupo étnico indígena.

Assim, em termos teóricos, foi realizado um mapeamento das relações entre a ciência antropológica e a modernidade na visão de autores como BERMAN (1987), BALANDIER (1970;1989), HABERMAS (1988), MONTEIRO (1992), e CANCLINI (1989). Foi também demonstrada a possibilidade de um diálogo entre a Antropologia e a História, o qual resulta, provavelmente, em uma Antropologia Histórica calcada nos trabalhos de SAHLINS e, em boa medida, inspirada em GEERTZ e DARTON.

No capítulo II, tecem-se considerações específicas referentes a perspectiva que norteou a construção do trabalho, com destaque às possibilidades teóricas de um estudo de situação. Nesse sentido, apresentou-se, de maneira introdutória, - através dos relatos de campo, pesquisa documental e consulta à tradição antropológica referente a problemática das relações interétnicas - a visão dos atores sociais envolvidos na situação de contato.

No capítulo III, evidencia-se a força do empreendimento moderno instituído nos primeiros anos do século XX, em pleno sertão meridional. Em uma perspectiva atual, enfatizou-se a construção da EFSPRG e a implantação da Lumber como Grandes Projetos de Desenvolvimento - GPDs -, destacando suas características marcantes e decisivas, isto é, o valor econômico, simbólico e o impacto sócio-ambiental. Foi apresentada também, de forma sintética, a história da construção-efetivação da ferrovia São Paulo-Rio Grande no trecho catarinense, evidenciando seus objetivos e significado para a região. Na última seção, apontam-se os problemas que a EFSPRG causou para o grupo indígena, com destaque à ocupação de seu território a partir da justificativa de "progresso" e "desenvolvimento".

Ainda nesse capítulo, desenvolvem-se considerações ulteriores, denotando a continuidade da investigação. Assim, deixa-se evidenciado que a empreitada ferroviária no país, de modo geral, e no Brasil meridional em particular - símbolo da modernidade instituída em fins do século XIX e limiar do século XX - encontrava-se intimamente vinculada à construção do Estado-Nação. Nesse sentido, pode-se afirmar que a construção de ferrovias era uma forma de o próprio Estado-Nação construir-se, tanto em termos práticos quanto simbólicos.

No último capítulo, a partir da apresentação dos dados de campo, realiza-se uma síntese etnográfica do grupo Xokleng do rio dos Pardos, com ênfase na dramaticidade da situação de contato experienciada e nas difíceis condições vividas presentemente.

O pano de fundo dessas considerações aponta para a possibilidade teórica fértil de se pensar os GPDs e as relações interétnicas de forma articulada, isto é, ou como um "conjunto de relações entre atores sociais vinculados a diferentes grupos étnicos". (OLIVEIRA FILHO, 1988:58)

\* \* \*

Cabe ainda enfatizar que a construção-efetivação da EFSPRG constituiu exemplo marcante de um empreendimento fáustico (BERMAN:1987). Na prática, tal empreendimento representou uma tentativa desmedida de sobrepujar a natureza e os povos indígenas, para a instalação dos trilhos de aço que abriram o sertão catarinense à "civilização" e ao "progresso". Com tal objetivo, contribuía-se para a afirmação do Estado-Nação que emergia a partir do surgimento da República.

O avanço diligente da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande era visto, por muito de seus contemporâneos - no contexto de uma ideologia baseada na "ordem" e no "progresso"- , como uma cruzada produtora da "civilização". Na realidade, essa estrada de ferro foi construída mais em prol do desenvolvimento nacional e do Estado republicano do que em benefício dos grupos locais, e muito menos dos povos indígenas.

Naturalmente, tal empreendimento era dotado de racionalidade, na visão de um *homo economicus* e de uma razão de Estado, embora destituído de caráter humanista relativista. Privilegiava interesses globalizantes em detrimento dos interesses dos atores sociais locais - indígenas, caboclos, posseiros, entre outros.

Em termos globais, o GPD em que se constituiu a implantação dos trilhos da EFSPRG pode ser lido como manifestação-materialização da expansão do capital internacional sobre terras nacionais com a associação do capital governamental republicano.

Do ponto de vista de uma história econômica regional, a construção-efetivação da ferrovia São Paulo-Rio Grande apresentava-se como uma forma concreta de atrair investimentos para Santa Catarina, além de expandir a fronteira civilizatória sobre uma região periférica, um ponto extremo do país.

O trem de ferro, e por extensão as ferrovias, produtos da primeira revolução industrial, marcaram definitivamente o processo de desenvolvimento e a noção de progresso entre os brasileiros do fim de século XIX e limiar do século XX. No Brasil meridional, esse processo esteve estreitamente associado à construção de ferrovias de penetração, percebidas como fatores geo-estratégicos e econômicos importantes para a consolidação do Estado-Nação. De outro lado, a construção de ferrovias no plano simbólico, em particular a EFSPRG, expressava a presença de um ideário da modernidade brasileira, que se expandia intensamente em nível regional.<sup>75</sup>

Com o aparecimento dos primeiros trens ao longo da linha férrea, chegaram os colonos e a colonização. A imagem do antigo trem de ferro sibilando pela região permanece viva na memória coletiva da população regional.<sup>76</sup> Os caminhos de ferro abriram de forma definitiva o sertão catarinense à penetração da civilização, com suas diversas frentes expansionistas e agentes do progresso. Assim, a ferrovia aparecia como símbolo do projeto moderno cortando as matas e instalando o primado do "desenvolvimento."

Cabe ainda destacar que a empreitada levada a cabo através da construção-efetivação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande demonstra, de

---

<sup>75</sup> - A área onde a Brazil Railway construiu a EFSPRG e instalou a Lumber era fonte contínua de litígio e de atritos. No limiar do século, a situação se agravou drasticamente com uma competição econômica sem limites, em que o capital investiu drasticamente contra as formas tradicionais de ocupação da terra, procurando modernizar o sertão contestado. Diferentemente de enfatizar aspectos sociológicos gerais desse processo, minha preocupação foi demonstrar o caráter eminentemente simbólico da emergência da experiência moderna e sua estreita relação com a situação de contato vivenciada pelo grupo étnico Xokleng.

<sup>76</sup> - História, referência ao do tempo das locomotivas a vapor, tempo em que a EFSPRG aparecia como carro-chefe do progresso e do desenvolvimento regional; um caminho obrigatório: a memória dos antigos ferroviários, participantes efetivos do processo de formação do oeste, meio-oeste e norte de Santa Catarina. A o longo do processo de pesquisa, foi constatada de perto a riqueza das narrativas e vivências a respeito da ferrovia, da Guerra do Contestado, do surgimento dos primeiros núcleos coloniais, das histórias envolvendo monges e caboclos valentes. Fica aqui o registro da possibilidade de percorrer esse caminho de pesquisa.

modo exemplar, a potencialidade de uma "era do maquinismo", desencadeada no país através da iniciativa pioneira do Barão de Mauá, época em que os trilhos de ferro passaram a fazer parte da paisagem regional, alterando a geografia física e humana de espaços até então incólumes ao homem urbano, convivendo e alterando sensivelmente o mundo nativo. (leia-se caboclos posseiros e, notadamente, os povos indígenas)

Assim, a construção-efetivação da ferrovia São Paulo-Rio Grande pode ser interpretada como símbolo-mor da emergência da modernidade no Brasil meridional. Ela pode ser lida como representação de uma era do maquinismo em que a técnica sobrepuja a natureza, produzindo, também, conseqüências trágicas que espelham uma face pouco conhecida e enfatizada da experiência moderna no sul do país.

\* \* \*

De outra parte é fundamental suscitar a questão do significado da tradição - sócio-cultural e histórico-política - de vida grupai indígena, inserida em uma nova realidade, ordenada através da experiência do contato interétnico.

Assim, por exemplo, o maior êxito de grupos e povos de cultura Jê - como os Xokleng -, em empreender reação frente a várias agências de contato e a possibilidades de expansão da sociedade nacional, conforme manifestou Antony Seeger (1993:443), pode muito bem estar associado aos "recursos fornecidos por sua organização social que os capacita a empreender uma ação coletiva."

A cultura do grupo Xokleng do rio dos Pardos, conforme visto, em contato com a sociedade envolvente, passou por mudanças sensíveis. A penetração de agentes de expansão da sociedade nacional - dentre os quais a construção da EFSPRG e a implantação da Lumber -, constitui um exemplo do tipo de relação consubstanciada entre índios e brancos no sul do Brasil.

Na conjuntura presente, é importante o adequado equacionamento da problemática ambiental (leia-se, preservação ecológica da região em consequência do violento processo de devastação levado a cabo durante este século). Nesse sentido, a questão do meio ambiente para a continuidade sócio-cultural do grupo Xokleng do rio dos Pardos é fundamental.

Do ponto de vista teórico-prático, tal continuidade envolve a circunstância histórica e o contexto situacional do processo de contactação e de reação Xokleng à tentativa de dominação e de exploração empreendida por determinados segmentos da sociedade envolvente e pelo Estado Nacional.

Essencial para os Xokleng, na conjuntura presente, é o conhecimento crítico da realidade decorrente da situação de contato, para que eles melhor assumam sua própria identidade enquanto grupo étnico possuidor de uma tradição cultural específica, permanentemente reelaborada e atualizada.<sup>77</sup>

Por outro lado, em que pese as condições amplamente desfavoráveis enfrentadas, os Xokleng tem mostrado uma capacidade significativa de resistência e recuperação frente a sociedade nacional, sobretudo a partir da metade dos anos 70. A retomada do crescimento populacional, com tendência ao aumento demográfico, constitui um bom exemplo. Outro exemplo, foram os esforços empreendidos por pessoas do grupo com intuito de reivindicar a agilização da demarcação de parte de suas terras imemoriais.

Por fim, cabe ressaltar a necessidade de um aprofundamento da pesquisa de campo com o grupo Xokleng do rio dos Pardos, no intuito de o antropólogo

---

<sup>77</sup> - Nesses termos acredito pertinente o conceito de etnodesenvolvimento, entendido como "a ampliação e consolidação dos âmbitos da própria cultura, mediante o fortalecimento da capacidade autônoma de decisão de uma sociedade culturalmente diferenciada para guiar seu próprio desenvolvimento e o exercício da auto-determinação, qualquer que seja o nível que considere, implicando uma organização eqüitativa e própria de poder. Isto significa que o grupo étnico é a unidade político-administrativa com autoridade sobre seu próprio território e capacidade de decisão nos âmbitos que constituem seu projeto de desenvolvimento dentro de um processo de crescente autonomia e auto-gestão". (STAVENHAGEN:1985)

observar, testemunhar e refletir sobre a vivência dos processos intra e extra étnicos que se desenrolam no contexto situacional em que os índios estão inseridos. Nesses termos, entendo conveniente a continuidade desta pesquisa, visando aprofundar o significado das relações sócio-culturais dos Xokleng com outros grupos étnicos e não étnicos.

## 6- ANEXOS

### 6.1. DOCUMENTAÇÃO DO SÉCULO XIX REFERENTE A ETNIA XOKLENG

#### - Carta Régia [01/04/1809] Sobre os Botocudos, cultura e povoação dos campos geraes de Coritiba e Guarapuava

Antonio José da França e Horta, do meu Conselho, Governador e Capitão general da Capitania de S. Paulo. amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me presente o quasi total abandono, em que se acham os campos geraes da Coritiba e os de Guarapuava, assim como todos os terrenos que desaquam no Paraná e formam do outro lado as cabeceiras do Uruguay, todos comprehendidos nos limites dessa Capitania e infestados pelos índios denominados Bugres, que matam cruelmente todos os fazendeiros e proprietarios, que nos mesmos paizes têm procurado tomar sesmarias e cultivar-as em benefício do Estado, de maneira tal que em todo o terreno que fica ao oeste da estrada real, desde a Villa da Faxina até a Villa de Lages, a maior parte das fazendas, que estão na dita estrada, se vão despovoando, umas por terem os Indios Bugres morto os seus moradores, e outras com o temor que sejam igualmente victimas, e que até a mesma estrada chega a não ser vadeavel, se não para viajores que vão em grande numero e bem armados, quando antes não havia memoria, que os Indios atravessassem a estrada para a parte da Serra, e que as fazendas a leste da estrada se consideravam seguras e livres, chegando agora até a atacar o Registro que esta em cima da Serra no caminho que vai da Vila das Lages para Santa Catharina, e mostrando-se dispostos a querer atacar a mesma Villa, em cuja visinhanças têm chegado a matar povoadores: e constando-me que os sobreditos campos e terrenos, regados por infinitos rios, são susceptiveis não só da cultura de trigos, cevadas, milhoes e de todas as plantas cereais e de pastos para os gados, mas de linhos canhamos e de toda a qualidade de linho, assim como de muitas outras preciosas culturas, além de que se acham no mesmo territorio terras nitrogenadas e muitas minas de metaes preciosos e de outros não menos interessantes; sendo-me tambem igualmente presentes os louvaveis fructos que tem resultado das providencias dadas contra os Botocudos, e fazendo-se cada dia mais evidente que não ha meio algum de civilisar povos barbaros, senão ligando-os a uma escola severa, que por alguns annos os force a deixar e esquecer-se de sua natural rudeza e lhes faça conhecer os bens da sociedade e avaliar o maior e mais solido bem que resulta do exercicio das faculdades moraes do espirito, muito superiores ás physicas e corporaes: tendo-se verificado na minha real presença a inutilidade de todos os meios humanos, pelos quaes tenho mandado que se tente a sua civilisação e o reduzil-os a aldear-se e gosarem dos bens permanentes de uma sociedade pacifica e doce, debaixo das justas e humanas leis que regem os meus povos, e até mostrando a experiencia quanto inutil é o systema de guerra defensiva: sou servido por estes e outros justos motivos que ora fazem suspender os effeitos de humanidade que com elles tinha mandado praticar ordenar-vos: Em primeiro logar que logo desde o momento em que receberdes esta minha Carta Regia, deveis considerar como principiada a guerra contra estes barbaros Indios: que deveis organizar em corpos aquelles Milicianos de Coritiba e o resto da Capitania de S. Paulo que voluntariamente quizerem armar-se contra elles, e com a menor despeza possivel da minha Real fazenda, perseguir os mesmos Indios infestadores do meu territorio; procedendo a declarar que todo o Miliciano, ou qualquer morador que

segurar algum desses Indios, poderá consideral-os por quinze annos como prisioneiros de guerra, destinando-os ao serviço que mais lhe convier; tendo porém vós todo o cuidado em fazer declarar e conhecer entre os mesmos Indios, que aquelles que se quizerem aldeiar e viver debaixo do suave jugo das minhas Leis, cultivando as terras que se lhe aproximarem, já não só não ficarão sujeitos a serem feitos prisioneiros de guerra, mas serão até considerados como cidadãos livres e vassallos especialmente protegidos por mim, e por minhas Leis: e fazendo praticar isto mesmo religiosamente com todos aquelles que vierem offerecer-se a reconhecer minha autoridade e se sujeitarem a viver em pacifica sociedade debaixo das minhas Leis, protectoras de sua segurança individual e de sua propriedade. Em segundo logar sou servido que á proporção que fordes libertando não só as estradas de Coritiba, mas os campos de Guarapuava, possais alli dar sesmarias proporcionaes ás forças e cabedais dos que assim a quizerem tomar com o simples onus de as reduzir a cultura, particularmente de trigo e mais plantas cereais, de pastos para os gados, e da essencial cultura dos linhos canhamos e outras especies de linho. Em terceiro logar ordeno-vos que assistais com o competente ordenado a João Floriano da Silva que me tem servido como Professor Publico, que fui servido nomear Intendente da cultura dos campos de Guarapuava por Decreto desta mesma data, e a quem encarrego o exame dos mesmos terrenos, o propor tudo que julgar conveniente para o adiantamento da sua boa cultura; a conservação da estrada que vai da Faxina a lages, e aquelle caminho, que deve existir no melhor estado para a communicação da Coritiba com algum porto de mar á serra, parecendo que o mais proprio será o de Paranaguá; e assim a elle como a seu irmão José Telles da Silva, ao Tenente Coronel Manoel Gonçalves Guimarães, e ao Tenente Coronel Francisco José de Sampaio Peixoto, dareis as sesmaria, que puderem cultivar; e este Intendente poderá com o seu exemplo justificar a bondade dos principios que propuzer para melhoramento da cultura dos mesmos campos de Guarapuava, devendo vós ouvil-o em tudo o que ordenardes; mas não lhe sendo permitido obrar por vias de facto, senão quando vós o autorizardes para o mesmo fim. Em quarto logar: determino que sendo possivel que nos terrenos que ora se mandam abrir, appareçam diamantes, e que possa assim soffrer a minha Real Fazenda, façais publicar que todo o diamante que casualmente apparecer, deve logo entregue na Junta da minha Real Fazenda, onde sempre se receberá alguma recompensa o que o apresentar: que toda a lavagem de terras para tirar diamantes fora prohibida; e que os que assim obrarem, ficam expostos á maior severidade das Leis já estabelecidas para conservar este direito privativo da minha Coroa; e que o ouvidor de Paranaguá deverá anualmente tirar uma rigorosa devassa contra todo e qualquer individuo que contravier a estass minhas reae Finalmente, ordeno-vos que destineis o engenheiro João da Costa Ferreira, e para o futuro, o que seu logar exercer, a que proceda a levantar successivamente o plano dos mesmos campos; e que sendo sempre ouvido nas sesmarias que derdes juntamente com o novo Intendente que fui servido crear, e alguns Officiaes, que nomeareis para esse fim, me dêem por vosso meio annualmente conta de todo o progresso que resultar desta minha paternal providencia em beneficio da cultura e augmento da povoação, ficando muito a vosso cargo e dando-vos toda a responsabilidade sobre a obrigação, de que vos incumbo, de fazer subir todos os annos à minha real presença esta conta pela repartição de guerra e pela da Fazenda, com todas aquellas reflexões que vossa intelligencia e zelo pelo meu real serviço puder suggerir-vos. O que assim tereis entendido e fareis executar como nesta vos ordeno. Escripta no Palacio do rio de Janeiro em 5 de Novembro de 1808.

**PRINCIPE**

Para Antonio José da França e Horta.

**FONTE: "Colleção das Leis do Império do Brasil. RJ. Imprensa Nacional, 1808  
1887: (156-159) in CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.)  
LEGISLAÇÃO INDIGENISTA DO SÉCULO XIX. EDUSP, São Paulo, 1992.**

**- Carta Regia [01/04/1809] - Approva o plano de povoar os Campos de Guarapuava e de civilisar os indios barbaros que infestam aquelle territorio**

Antonio Joseph da Franca e Horta, do meu Conselho, Governador e capitão General da Capitania de S. Paulo. Amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me presente o vosso officio, e o da Junta que segundo as minhas reaes ordens convocastes para dar principio ao grande estabelecimento de povoar os Campos de Guarapuava, de civilisar os índios barbaros, que infestam aquelle territorio, e de pôr em cultura todo o paiz que de uma parte vai confinar com o Paraná, e da outra forma as cabeceiras do Uruguay que, depois rega o paiz de Missões, e communica assim com a Capitania do Rio Grande; e tendo em consideração tudo o que lhe expuzestes e os votos dos Deputados da mesma Junta: hei por bem conformar-me com os acertados e bem fundados votos dos Coronéis João da Costa Ferreira, e Joseph de Arroche Toledo Randon, que vos ordeno e a Junta sirvam de base ao plano que deveis seguir e organizar para realizardes as minhas paternaes vistas, e portanto considerando que não é conforme aos meus principios religiosos, e políticos o querer estabelecer a minha autoridade nos Campos de Guarapuava, e territorio adjacente por meio de mortandades e crueldades contra os Indios, extirpando as suas raças, que antes desejo adiantar, por meio da religião e civilização, até para não ficarem desertos tão dilatados e immensos sertões, e que só desejo usar da força com aquelles que offendem os meus Vassallos, e que resistem aos brandos meios de civilização que lhe mando offerecer: sou servido ordenar-vos que prescreveis no meu real nome, ao commandante que segunda vossa proposta tive por bem nomear para dirigir esta expedição que nos primeiros encontros que tiver com os bugres, ou outros quaesquer indios faça toda a diligencia para aprisionar alguns, os quaes tratará bem, e vestirá de camisa e outros vestuario, e fazendo-lhes persuadir pelas linguas que se lhes não quer fazer mal, e antes se deseja viver em paz com elles e defendel-os de seus inimigos, que então os largue e deixe ir livres para que vão dizer isso mesmo aos indios de sua espécie com quem vivem, que dando-se o caso de encontrar os seus arranchamentos não lhes deite fogo nem faça violencia ás mulheres e crianças que nos mesmos se acharem antes lhes dêem camisas, e façam persuadir pelas linguas que nenhum mal ha de fazer ao indio pacifico habitador do mesmo territorio: que ao mesmo commandante seja muito recommendado o vigiar que a sua tropa não tenha communicação com as indias, nem saiam de noite fora do recinto, castigando severamente todos os que desobedecerem a estas minhas reaes ordens, e vierem assim a serem a causa de desordens, e desgraças; tendo o Commandante sempre presente que deve tratar os indios como filhos a respeito do castigo que merecerem, porém não se fiando nunca, nem descuidando, visto que a experiencia tem mostrado que os povos barbaros, ou por um mal entendido, ou por qualquer accidente cahem em actos de violencia não esperados, e levam então sem motivo a sua crueldade e vingança a um ponto superior a toda expectação. Será vosso cuidado recommendar ao Commandante da expedição que tome todos estes meios antes de vir aos da força que só praticará depois de

experimentar a inutilidade destes, tendo tambem todo o cuidado que as casas das povoações que for erigindo de novo sejam espaçadas umas das outras para que se os indios lançarem fogo a algumas dellas, as outras se possam salvar, cobertas quanto possivel de telhas, e sempre rodeados de algum fosso ou trincheira de madeira que assuste o indio roubador. Ao mesmo Commandante ordenareis que quando seja obrigado a declarar a guerra aos indios, que então proceda a fazer e deixar fazer prisioneiros de guerra pelas bandeiras que elle primeiro autorisar a entrar nos campos, pois sem essa permissão nenhuma bandeira, poderá entrar, nem fazer prisioneiros os indios que encontrar, bem entendido que esta prisão ou captiveiro só durará 15 annos contados desde o dia em que forem baptisados e desse acto religioso que se praticará na primeira freguezia por onde passarem se lhes dará certidão na qual se declare isso mesmo exceptuando porém os prisioneiros homens e mulheres de menor idade pois que nesses o captiveiro dos 15 annos se contará ou principiará a correr aos homens da idade de 14 annos, e nas mulheres da idade de 12 annos, declarando tambem o proprietário do indio guardará sempre a certidão para mostrar o tempo de captiveiro que elle deve sofrer, e ficará exposto a declarar-se livre o indio, si acaso perder a certidão e não puder tirar outra, bem entendido que os serviços do indio prisioneiro de guerra poderão vender-se de uns a outros proprietários pelo espaço de tempo que haja de durar o seu captiveiro, e segundo mostrar a certidão que sempre o deve acompanhar. Os prisioneiros de guerra feitos pelas tropas se distribuirão entre os Officiaes e soldados da mesma tropa á excepção daqueles que for necessario deixar para o meu real serviço, no que recommendareis ao Commandante se haja com a maior moderação, pois que desejo que esta não sirva para desanimar a Tropa de Linha e Miliciana do bom serviço que espero que me faça nesta importante expedição.

Muito vos hei recommendado que fazendo partir o Commandante com a Tropa de Linha e Artilharia de calibre três, que julgardes, e comvosco a Junta, proporcional á expedição intentada além da Tropa Miliciada, façais juntamente partir dous religiosos ou sacerdotes de zelo exemplar, e de luzes que sejam encarregados não só de catechisar, baptisar e instruir os indios, mas de vigiar que com elles não se pratique violencia alguma, senão aquella que for necessária, para repelir a sua natural rudeza e barbaridade. Autorisareis ao commandante para que além das sesmarias concedidas ao Governo possa repartir os terrenos devolutos em proporções pequenas pelos povoadores pobres, pois que estes não tem força para obterem sesmarias, e que reserve sempre uma légua de campo e mattos ao redor das povoações que for estabeccendo para commum logradio. Sendo muito util a communicação das Capitánias de S. Paulo e Rio Grande pelos campos que vertem para o Uruguay, e passam perto do paiz de Missões; ordeno-vos que vos entendais com o governador do Rio Grande, como tambem lhe mando directamente significar, para que ambas as Capitánias nos seus respectivos territorios e dentro dos limites do rio das Pelotas, ou pelo alto da Serra como dantes era, concorram com os meios necessários a fazer esta estrada quanto antes transitavel, de maneira que se consiga assimu ma mais facil communicação das duas Capitánias, e por esse meio com esta Capitania que

assim communicará com ambas mais facilmente. Não sendo possível distrahir cousa alguma das rendas da Capitania de S. Paulo, que todas se acham applicadas a objectos de maior urgencia, sou servido ordenar, que pelo espaço de 10 annos se cobre no Registro de Sorocaba um novo tributo de 200 réis nos primeiros cinco annos sobre toda a cabeça de gado vaccum e cavallar que passar pelo mesmo registro, vindo do disctrito da Itapetinga inclusive para o Sul, e findo os primeiros cinco annos, de 100 réis, que continuará assim só por metade nos ultimos cinco annos, a qual será applicada pura e simplesmente á nova expedição que tenho ordenado, e para esse fim ordenareis á Junta da Fazenda que procedendo logo a estabelecer esta imposição, e ao fazel-a arrecadar de modo que julgar mais util á minha Real Fazenda, para entregar o producto da mesma á nova Junta de Guarapuava de que vos creei Presidente, para que ella proceda a fazer a devida applicação para as sobreditas despezas. Conformando-me com a vossa proposta fui servido nomear a Diogo Pinto de Portugal para Commandante desta expedição, e por este motivo o nomeio Tenente Coronel do Regimento de Milicias do que era Sargento-Mór de Cavallaria, esperando que se distinga pelo zelo com que ha de promover a grande commissão de que o encarregareis e ao mesmo ordenareis que faça concorrer os fazendeiros da Coritiba e Campos Geraes proporcionalmente ás suas forças com alguns escravos para a abertura da estrada, que obrigue tambem a esse trabalho todas as pessoas, que não tiverem estabelecimentos fixos de criação ou lavoura, isto porém por seu turno, temporariamente com a devida moderação devendo tambem os Fazendeiros concorrer segundo suas posses com gados para os trabalhadores, e os lavradores com farinha e feijões, mas tudo isto com tal moderação que não dê logar a queixa alguma. Igualmente fareis declarar que toda a pessoa que quizer ir povoar os Campos de Guarapuava não será constrangida pelo espaço de seis annos a pagar divida alguma que deva á Fazenda Real, e que pelo tempo de 10 anos não pagará dizimo das terras novas que lotear, nem outro direito parochial, se não o que for necessario para o mantenimiento e trato dos Curas, que alli se estabelecerem. Igualmente vos ordeno que façais remetter para os campos de Guarapuava todos os criminosos e criminosas que forem sentenciados a degredo, cumprindo alli todo o tempo do seu degredo. Assim o cumprireis e fareis executar não obstante quaesquer leis e regimentos em contrario que todos hei aqui por derogados, como se delles fizesse expressa menção. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 1o. de Abril de 1809.

PRINCIPE

Para Antonio Joseph da França e Horta.

**FONTE: Coleção de Leis do Império 1809 do Brasil (1891): 36-39 in**

**CARNEIRO DA CUNHA, (org.) LEGISLAÇÃO INDIGENISTA DO SÉCULO XIX.**

edusp, São Paulo, 1992.

\*\*\*

**- 22/09/1829: Portaria 2a.-Mandando promover aldeamento de Indios Bugres em Lages**

Illm. e Exm. Sr: - Foi presente a S.M. o Imperador o officio de V. Ex. de 29 de Julho deste anno, em que refere terem aparecido alguns indios Bugres, mostrando desejo de aldear-se para os quais o Major Commandante de Lages pedira auxilio de sustento á Camara daquela villa e ficando inteirado do seu conteudo, ha por bem autorisar a V. Ex. para dar todas as providencias que julgar conveniênte atrair os ditos indios e regular a estabilidade do seu aldeamento, provendo-os modicamente de vestuario e sustento, enquanto a terra por eles cultivada não produzir o necessario: e ordena que, na conformidade da proposta da mesma Camara, seja o padre Marcelino José dos Santos encarregado da catechese, com a gratificação que V. Ex. lhes arbitrar, e se estabeleça o destacamento que se pede no lugar para isso indicado; ficando V. Ex. na intelligencia que deve indenisar a Camara pelas rendas publicas de qualquer despesas que tiver feito, por não ser a isso obrigada, e dar conta de tudo por esta Secretaria de Estado.

Deus guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro, em 22 de Setembro de 1829 -José Clemente Pereira - Sr. Francisco de Albuquerque e Mello: Acha-se no diário Fluminense n. 15 de 22 de Setembro de 1829.

**FONTE: Colleção Cronológica das Leis, Decretos, Resoluções de Consulta do Império do Brazil (1808-1832), Rio de Janeiro, J. Villeneuve e Comp. Eds., 1832-1844, 7 tomos, 6 vols.**

\*\*\*

**27/10/1831: Lei - Revoga as Cartas Régias que mandaram fazer guerra, e por em servidão os índios.**

A Regência, em nome do Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súbditos do Império, que a Assembléia Geral Legislativa decretou e Ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1o - Fica revogada a Carta Régia, de 5/11/1808, na parte em que mandou declarar guerra aos Indios Bugres da Provincia de São Paulo, e determinou que os prisioneiros fôsem obrigados a servir por 15 anos aos milicianos ou moradores, que os apreendessem. Art. 2o - Ficam tambem revogadas as Cartas Régias de 13/05 e de 2/12/1808, na parte em que autorizam, na Provincia de Minas Gerais, a mesma guerra e servidão dos índios prisioneiros. Art. 3o - Os índios todos, até aqui em servidão, serão dela desonerados. Art. 4o -

Serão considerados como órfãos, e entregues aos respectivos juizes para lhes applicarem as providências da Ordenação, Livro I, Título oitenta e oito. Art. 5o - Serão socorridos pelo Tesouro do preciso, até que os Juizes de Órfãos os depositem onde tenham salários ou aprendam officios fabris. Art. 6o - Os Juizes de Paz, nos seus Distritos, vigiarão e acorrerão aos abusos contra a liberdade dos índios. Manda, portanto, a tôdas as Autoridades, o conhecimento e a execução da referida lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. O Secretario de Estado dos Negócios da Guerra o faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, aos 27 dias do mês de Outubro de 1831, décimo da Independência e do Império. Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Braulio Muniz.

**FONTE: Collecção das Leis do Imperio do Brazil.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1808-1887. CLI: 361.

\*\*\*

**03/11/1830: Resolução do Senado-Abolição da Escravidão dos Índios Selvagens Prisioneiros de Guerra.**

Resolução do Senado, de 3 de Novembro de 1830, que sanciona a Lei decretada pela Assembléia Legislativa em favor dos índios selvagens bugres, que occupam a parte oeste da Vila de Faxina à de Lages, até hoje tratados como escravos quando prisioneiros de guerra.

**DECRETO DA ASSEMBLÉIA GERAL LEGISLATIVA**

Art. 1o - Revogação da ordem régia de 5 de Novembro de 1808, que declara guerra aos índios da provincia de São Paulo e determina que os prisioneiros de guerra sejam escravos dos que os pegarem, durante quinze anos.

Art. 2o - Os índios, actualmente prisioneiros de guerra, serão declarados livres, bem como seus descendentes, sem que haja necessidade de terminarem os quinze anos de escravidão.

Art. 3o - Serão socorridos pelo tesouro público a fim de que possam cultivar a terra e criar animais domésticos cujo produto, lhes pertencendo, os conduzirá rápidamente à civilização.

art. 4o - Os índios aprisionados, ou que se entreguem voluntariamente, serão sujeitos, à proteção da lei relativa aos órfãos e gozarão das regalias do artigo 1o tit. 88, principalmente no que diz respeito à educação militar de seus filhos.

Art. 5o - Ficam restabelecidas em todo o seu vigor as leis de 1o de abril de 1680, 5 de Julho de 1715 e 8 de Maio de 1758 bem como tôdas as outras promulgadas em favor dos índios. Palácio do Senado, 3 de Novembro de 1830.

Visconde de Congonhas do Campo, conde de Lages, José Saturnino da Costa Pereira, Antonio Gonçalves Gomide.

FONTE: DEBRET (1834)1971:50

\*\*\*

**07/12/1830: Decreto - Habilita diversas villas da Provincia de S. Paulo para estabelecer commercio com os indios.**

Hei por bem saccionar, e mandar que se execute o que resolveu a Assembleia Geral Legislativa sobre resolução do Conselhor Geral da Provincia de S. Paulo:

Artigo unico. O governo fica autorizado a despender cem mil réis annuaes em cada uma das villas de Itapetininga, Faxina, castro e Guarapuava, a fim de estabelecer algum genero de commercio com os Indios.

José Antonio da Silva maya, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Imperio, o tenha assim entendido, e expeça os despachos necessários. - Palácio do Rio de Janeiro em 7 de Dezembro de 1830, nono da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade Imperial.

José Antonio da Silva Maya.

FONTE: **Coleção de Leis do Império do Brazil, 1830 (1876):80.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1809-1889.

\*\*\*

**29/04/1843: Lei Provincial n. 182- Provincia de Santa Catharina - Estabelecimento de huma Missão, a bem da Catechese, civilização dos indigenas**

Artigo 1o. O Presidente da Provincia fica authorizado a auxiliar pelos cofres Provinciaes, com a quantia de dous contos de reis, o estabelecimento de huma Missão da Sociedade Propagadora da Fé, estabelecida em Lyon, a bem da Cathequese, e civilização dos indigenas, e de vigorar o espirito religioso na população desta Provincia.

artigo 2o. Este estabelecimento será promovido pela primeira associação que para este fim se forme a quem cumprirá fazer constar ao Presidente da Provincia a sua existencia, e sollicitar-lhe as providencias de que careça: bem como recorrer ao Bispo Diocesano implorando o seu assenso, e efficaz protecção.

Artigo 3o. O auxilio que trata o artigo 1o. terá lugar ao analisar-se o estabelecimento da Missão, devendo ser entregue por prestações ao Chefe d'ella,

obrigado este a prestar contas legaes do seu dispendio, e a expor ao Presidente da Provincia as mais urgentes necessidades da mesma Missão, a fim, de receber outros auxilios compatíveis com as circunstancias dos cofres Provinciaes.

Artigo 4o. Ficam sem vigor as disposições em contrario.

FONTE: **Coleção das Leis da Província Santa Catarina:1841-1853: 67. Typ. Catharinense, s/d.**

\*\*\*

**17/04/1874: Provincia de Santa Catharina - Lei Provincial N. 709 - Autorisa o Presidente da Provincia a estabelecer tres ou mais aldeamentos para catechese e civilização dos indios nos municipios de São Francisco, Joinville e Itajahy.**

O Doutor João Thomé da Silva, Lente substituto da Faculdade de direito do Recife e Presidente da Provincia de Santa Catarina.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembla Legislativa Provincial Decretou e eu sancionei a Lei seguinte:

Artigo Unico. Fica o Presidente da Providencia autorizado a estabelecer tres ou mais aldeamentos para a catechese e civilização dos indios, nos municipios de São Francisco, Joinville e Itajahy, em locaes apropriados, e a solicitar do Governo Geral um auxilio para tornar effectiva a execução d'esta Lei, de conformidade com as disposições do decreto Geral n. 426 de 24 de Julho de 1845: revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão e faça cumprir tão inteiramente como n'ella se contém. O Secretario d'esta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo da Provincia de Santa Catharina, aos dezeseite dias do mez de Abril de 1874, quinquagésimo terceiro da Independencia e do Imperio.

(L. do S.) Dr. João Thomé da Silva.

**FONTE: COLLEÇÃO das Decisões da Presidencia de Santa Catarina, 1874:26. Typ. de J.J. Lopes, 1874.**

\*\*\*

## 6.2. Questão de Limites entre o Paraná e Santa Catarina

Alfredo Ernesto Jaques Ourique

### Parte III - ETHNOGRAPHIA

Desde as matas luxuriantes que vestem as encostas marítimas da Serra do Mar até o rio Timbó na bacia hydrographica dos rios Negro e Iguassu ao norte da zona, e até o rio do Peixe na bacia do Pelotas ao sul, dominam em toda a região contestada os índios conhecidos imprópriamente por botocudos.

Indomáveis e nomades ao ultimo extremo, a isso levados pela continua guerra que lhes têm feito os brancos, habitam, estes selvagens, uma facha de sertão cercada por todos os lados de povos, villas e cidades, conservando, entretanto, no coração d'essas, quasi virgens, seus habitos primitivos.

Emquanto os coroados e outras tribus que vivem dos rios Timbó e do Peixe para o oeste e que, na voz dos sertanejos, reconhecem estes dous rios como limites de suas possessões com as de seus vizinhos e inimigos - os botocudos, a quem muito temem, já se acham meio civilizados; os índios em questão fogem a todas as tentativas de catechese com horror, e preferem a morte a viver ou manter relações com homens civilizados.

Algumas crianças e mulheres têm cahido por varias occasiões, em poder dos moradores das cercanias do sertão, após lutas onde muitos morrem, mas não ficam sobre o campo da contenda, pelo grande cuidado de seus companheiros em conduzir-lhes os cadaveres.

D'estas crianças e mulheres poucas têm ficado entre os brancos, voltando para o sertão ou morrendo a maior parte.

Duas vezes tentou a catechese d'estes aborigenas o intrepido e lendario sertanejo Joaquim Francisco Lopes, irmão do heróico guia da expedição de Matto Grosso - José Francisco Lopes.

Estes denodados mineiros tinham, de certo, nas veias o sangue intrepido dos primeiros bandeirantes, pois, as excursões longinquoas se haviam tornado uma necessidade para suas indoles aventureiras e corajosas.

Não é dado ao militar brasileiro passar em silencio sobre o nome de José Francisco Lopes, o salvador da expedição de Mato Grosso, sem render-lhe o devido preito.

Foi elle que a guiou, desmantelada e abatida, conservando a vida abalada pela cholera, somente o tempo necessario para mostrar-lhe o caminho do salvamento.

A patria levantou-lhe uma cruz no meio do deserto; um militar - Taunay - deu-lhe um lugar na historia, em sua Retirada de Laguna.

Em 1868 fez Joaquim Francisco Lopes duas diligencias, na zona contestada com o fim de trazer á civilisação os indios botocudos, sendo ambas infructiferas.

Em 1877 foi encarregado pelo governo de fundar um aldeamento para redução d' esses selvagens, na estrada de Lages, cerca de 5 leguas distante da villa do Rio-Negro, ao qual deu elle o nome de S. Thomaz de Papanduva.

Com todo o tino filho de uma convivencia de longos annos com os selvicolas, com brindes e promessas bem dirigidas, tentou Joaquim Lopes trazer ao aldeamento os selvagens. Não lhe foi possivel alcançal-o.

Uma vez teve-os á falla, porém nada obteve. As suas propostas, formuladas em um dialecto suppunha ser por elles entendido, aos seus gestos amigaveis, aos brindes, á aproximação desarmada, respondiam, os bugres, com gritos roucos e ameaçadores e não se mostravam.

Nesse mesmo anno de 1877 foi extincto o aldeamento, apesar dos protestos de Lopes, que ainda conservava esperanças de reduzir o gentio, nada mais se fazendo nesse sentido.

Um sueco, o sr. Martim Maeder, habitante da villa do Rio-Negro, homem, tambem muito dedicado a estas questões de catechese de aborigenes, em uma de suas excursões ao sertão aprisionou um indiosinho de cêrca de 14 annos de idade.

Trouxe-o para a villa, afagou-o no seio de sua familia, levou-o á capital da provincia, tirou-lhe o retrato e, de volta para o Rio-Negro, soube que os indios botocudos rondavam todas as noites os matos visinhos de sua casa, com o fim de furtar-lhe o bugrinho, o que decidiu a não conserval-o consigo.

Esta criança, bonita e bem constituida, tinha o cabello completamente rapado, não usava tanga e simplesmente trazia como adorno um T de madeira bem polida, suspenso de um furo no meio do labio inferior, com a perna vertical vertente para o exterior, e cordas de embira enroladas em volta dos tornozellos e dos pulsos, as quaes afrouxava quando queria correr ou fazer qualquer outro exercicio.

Mostrava-se muito admirado e muito observador de tudo quanto via, principalmente dos vidros das janellas, que, continuamente, lhe prendiam a attenção. Revelava especial cuidado e dedicação para com o filhinho mais novo do sr. Maeder, criança de poucos mezes, correndo a tocar no braço deste senhor assim que o via chorar.

Conservou-se pouco mais de um mez no Rio-Negro e nunca pronunciou palavra alguma.

Uma noite logrou fugir; venceu a nado o rio, muito correntoso neste ponto, e já atravessava a estancia do sr. Antonio Ricardo com direcção as mattas, quando, denunciado pelos cães, foi seguro e de novo levado para a casa do sr. Maeder, que resolveu dar-lhe liberdade.

Cobriu-o, para isso, de presentes, carregou-o de roupas e ferramentas, e dirigiu-se com elle ao lugar onde o aprisionara. Ahi, deixando-o só, viu-o logo correr em direcção ao mato onde desapareceu.

Tempos depois, sendo aprisionado um outro indiosinho nos mattos da Estiva, o qual está hoje no Rio-Negro, já falla o portuguez e não quer mais voltar para o sertão, soube-se ser aquelle filho de um cacique, sendo seu nome Covi.

Contou mais, este bugrinho, baptisado depois com o nome de Felicio, que, quando Covi fora feito prisioneiro, o cacique seu pai ficara furioso e ordenara aos chefes da expedição de que elle fazia parte que o fossem buscar, pois do contrario os mataria.

Estes já se achavam de volta e condemnados quando Covi appareceu, e, por isso, foram perdoados. Covi ao apresentar-se entre os seus, dissera haver fugido, roubado tudo quanto comsigo levava. Contara tambem o filho do cacique sua primeira tentativa de fuga abortada, e, é tal a clareza da narração entre os gentios, que Felicio logo de chegada indicou, sem ninguem lhe perguntar, onde ella se effectuara.

Convem dizer alguma cousa sobre Felicio, porquanto, não se podendo estudar a raça que me occupa no estado natural, deve-se procurar fazel-o o mais perto possivel desse estado.

Este indiosinho mostra contar de 7 a 8 annos de idade, tem a tez requemada e a physionomia caracteristica dos nossos selvicolas, sendo para assignalar a harmonia das linhas, que como em Covi, talvez em consequencia da idade, fazem lembrar o rosto das donzellas indigenas, mormente quando, na interrogação, vovem meigamente os lindos olhos negros e rasgados.

No avelludado humido do olhar, no expandir da physionomia, brilha nessas occasões tal intelligencia, que faz esquecer a proveniencia do bugrinho.

Intelligente, manhoso e astuto, tem aprendido tudo quanto se lhe tem ensinado, revelando facilidade de apropriação, boa memoria e grande tino observador.

Ainda caminha com os braços pendentos e [ilegivel], cabeça baixa e corpo meio curvado para a frente, costumes adquiridos pelo habito de romper matto; e, assim que se assusta, começa logo e instinctivamente, a andar sobre o lado externo dos pés para occultar o rasto.

Neste caso, quanto a mim, trabalha mais a herança do que a pratica, a vista da sua pouca idade.

Felicio, como Covi é dotado de pés grandes e mal feitos, sendo este um traço caracteristico da raça a que pertence.

Conserva todas as reminiscencias da vida das selvas e ainda joga com o dialecto dos seus, que deve, entretanto, resentir-se em sua bôcca da má expressão proveniente da pouca idade.

Sua narração é concisa, clara e onomatopaica.

Muitos dos apontamentos, que dou em seguida, foram-me por elle fornecidos, com certa timidez natural, porém com muito tino; e, nunca me hei de esquecer, da prescissão com que me descreveu o Salto do Canoinhas, que me contou haver atravessado muitas vezes as costas de seus pais.

Disse, ao começar, que julgava impropria a designação de botocudos dada a essa raça.

Como é sabido esse qualificativo proveiu a certas tribus brasileiras do uso de grandes botoques que, pelo tamanho e peso, lhes deformavam os beiços e orelhas.

Com os botocudos do Parana e Santa Catarina não se dá isso.

O chamado botoque não passa de um pequeno adorno de madeira pendente do labio inferior atravez de um orificio nunca maior de um centimetro de diametro.

Não usam, além desse, qualquer outro enfeite, trazendo, alguns, o cabelo, que os adultos usam crescidos, atados em uma tira larga de embira conforme asseveram algumas pessoas que tem tido ocasião (sempre rara) de vel-os conservando a vida.

Vivem em continua emigração de serra acima para serra abaixo, conforme , tempo de pinhão na zona do planalto ou de outros fructos na zona maritima.

Não só os fructos procuram nestas correrias, como a caça que com elles apparece mais facil e abundante.

Seus ranchos, em virtude desta vida bohemia, sam provisórios e em logares incertos.

Feitos de varas que, muitas vezes, nem cortam, contentando-se em arcál-as e atál-as pelas extremidades superiores, sam cobertos de palmas de jerivá, jissara, ou mesmo de ramas de arbustos.

Pela disposição dos fogos, cujos vestigios se tem podido observar, costumam deitar-se com os pés voltados para meio do rancho, ateando pequenas fogueiras nos intervallos que ficam entre ás solas de duas filas de dormentes.

É voz geral entre os sertanejos, porém nada de positivo a confirma, que, além destes ranchos passageiros, possuem os bugres um grande toldo no coração das matas, onde tem seu quartel general, sua malóca, com plantações de cereaes, ranchos bem feitos e até forjas.

Esta lenda da forja é tirada da perfeição com que trabalham elles todo o ferro que lhes cahe nas mãos, para reduzil-o a pontas de flecha.

As armas que mais usam sam: o arco e a flecha com ponta de ferro ou madeira, o arco ou viróte para caça e a massa de madeira com quinas, de cerca de metro e meio de comprimento.

É 'esta sua principal arma de guerra, a qual costumam deixar sobre o corpo da victima.

Talvez pelas necessidades de sua vida erratica, cremam os seus mortos.

Para esta cremação, collocam o corpo numa área circular de terreno, previamente preparado e pisado e sobre elle formam uma pilha conica de madeiras unidas na extremidade superior. Accesa a fogueira esperam que esteja tudo reduzido a cinzas e, então, enterram estas cinzas em uma pequena sepultura.

Havendo grandes desejos de obtenção de um craneo de botocudo destas paragens, varias sepulturas tem sido revolvidas, só se encontrando cinzas e ossos meio carbonisados.

Não conhecem o direito de propriedade sinão em um de seus principios fundamentaes - a caça pertence a quem abateu-a.

Si cães, quer de indios quer de sertanejos, correm uma anta, si é o sertanejo que chega primeiro á acuação e mata, o indio se retira qualquer que seja o numero, si é o indio toca ao sertanejo retirar-se.

Apezar de tacita é esta convenção muito respeitada, segundo me afirmaram experimentados caçadores de antas.

Como consecuencia de sua ignorancia tem elles o habito de pilhar as roças de milho, que não plantam mas muito apreciam; costumam matar ou roubar animaes para comer, preferindo burros e cavallo; dam muito valor ás ferramentas de uso da lavoura e aos objectos de ferro, que furtam, sempre que podem.

Desta pilhagem que, para o pobre e ignorante selvicola, é um direito legitimo, tem nascido a lucta atróz de represalias que os traz horrorizados e arredios da civilisação.

E como não ser assim?

Para o indio estúpido e covarde, para a raça em decadencia moral e physica, possivel é o amortecimento da natural altivez e brio patrio e o esquecimento do captiveiro, do abuso e do morticinio levados ao seio das tabas em nome dessa civilisação; mas, para o selvagem intelligente e corajoso, só exprime ella, desde seculos, o aniquilamento, a devastação e a ruina, contra os quaes combate.

Quanto a mim, o indio que acceita a catechese, entre nós, representa uma raça inferior, ou os restos abastardos e corrompidos de uma grande raça.

As grandes tribus, as raças superiores, a aristocracia indigena em fim, jamais acceitaram uma civilisação que só se lhes revela pela mais cruel barbaria.

Estas luctam energica e tenazmente pela vida, mas não se submettem a um captiveiro que as degrada, a uma posição que as enfraquece e desarma para a eterna pugna.

É' o proprio instincto da raça, condição evidente de superioridade, a indicar-lhes o unico meio em que devem combater para poder transmittir ao trabalho da evolução os aperfeiçoamentos conquistados.

A catechese, para ellas, é a renuncia ás prerogativas herdadas, é a acceitação do dominio absoluto, é o desarmamento physiologico e material para o combate pela existencia, o *struggle for life*.

Antes do descobrimento do novo mundo, emquanto na Europa os povos evoluíam, havia, tambem, uma outra evolução, independente mas parallela a essa, entre os povos da America, em meio bem differente.

Desde que, porém, foram postos em contacto o velho e o novo continente, as raças americanas, como que retrogradaram e tendem a desaparecer, vencidas na lucta desigual, para a qual foram sorprendidas e não se achavam preparadas pelo trabalho de seculos, com seus adversarios.

Entretanto luctam sempre e mais energicas e tenazes se tem mostrado aquellas que mais adiantados se achavam.

\*\*\*

Os botocudos do sul physicamente considerados, sam altos, robustos, bem conformados e dotados de physionomia regular e simpatica.

Dizem existir entre elles alguns de t ez clara e cabellos arruivados ou louros. Não sera para estranhar este facto desde que se saiba haverem os indios, por mais de uma vez, roubado creancinhas, filhas dos colonos estrangeiros estabelecidos nas cercanias do sertão e tel-as conservado comsigo.

Sua fozza muscular e elevada estatura sam proverbias em ambas as provincias.

Acredito como o principal fundamento desta tradi o o facto de serem, quasi sempre, vistos os selviclas, nas expedi es perigosas para as quaes devem escolher os mais robustos e alentados dentre os seus.

Não quero contestar, com esta observa o, a robutez e estatura elevada da raça que estudo, somente faço uma pondera o cautelosa a um facto geralmente acceito, porém, ainda mal confirmado.

O que deve, entretanto, ficar evidente   ser a raça dos botocudos do sul, quer physica, quer intellectualmente, bastante distincta das dos outros selvicolas das provincias de Santa catharina e Paraná, com os quaes vivem sempre em guerra.

Encarados pelo lado intellectual, sam intelligente, porém, como   natural, de intelligencia agreste que só se manifesta por actos de sagacidade, astucia e paciencia, para os quaes foram preparados pelo evoluir de milhares de gera es.

Não se percebe, nos objectos que usam hoje, o gosto artistico manifesto, ainda que elementarmente, na arte ceramica de certas tribus do norte.

Seus arcos, suas flechas, seus tecidos sam singelos, mas não toscos; dessa singelesa marcial, caracteristica dos costumes e usos das tribus guerreiras.

Conhecem, de ordinario, os nomes de todos os habitantes das immedia es do sertão, e conservam por longos annos a physionomia da pessoa que tenham visto uma vez.

Servem-se perfeitamente do facão, da foice e do machado, golpeando, porém, com estes, da esquerda para a direita ao inverso dos sertanejos.

Imitam, com rara facilidade, não só passaros e outros animaes, como as pessoas.

Por mais de uma vez o servente que tinha a balisa no estaqueamento das picadas a fixava, ao ouvir a voz do agrimensor gritar - ahi-, enquanto que este nada dissera.

Era o selvagem que acompanhava o serviço das turmas, occulto no matto, só se manifestando por estes ou por outros identicos actos de agreste intelligencia e pueril divertimento.

Conhecendo a desvantagem com que sempre entram na luta contra os brancos, premunem-se de todas as garantias e cautelas necessarias a equilibrar as condi es do combate, sin o a destruir as vantagens adversas.

Desse modo, com raro tino estratégico e tactico, escolhem o logar mais apropriado para o ataque; aguardam durante dias ou mezes, a ocasião mais propicia; e, quando cahem sobre o adversario desprevenido, tem por si todas as presump es não já da vitoria, mas do seu aniquilamento completo.

O sertanejo v  nestes actos de intelligencia, manifesta es de covardia, e condemna o bugre como estupido e ignorante, porque não se atira n  e armado

de simples cacetes ou arcos, cujas flechas se desviam com o menor obstaculo, ao encontro das balas certeiras de suas carabinas e do golpe afiado de suas adagas.

Na defesa mostram, tambem, intelligencia e grande estudo do modo de atacar de seus adversarios, cujos erros ou habitos aproveitam com notavel sagacidade.

Jamais dam ou acceitam combate em que não tenham todas as probabilidades em seu favor, como já o disse, e, sobretudo, de que não tirem alguma utilidade material.

Vou citar um exemplo.

Distante poucas leguas do campo da Estiva existe um corrego que, sahindo da mata em declive, corta as capoeiras que marginam a estrada de Lages, atravessa esta formando perigoso atoleiro e entra de novo no matagal que, em toda as direcções se estende a perder de vista por fundos valles e altas serras.

É este ponto denominado Passo-Ruim, por causa d'aquelle tremedal, onde tem deixado, as tropas que percorrem esses caminhos, muitos animais mortos.

Apezar da má reputação dada a este lugar pelas repetidas correrias dos bugres, não raro, os tropeiros que se dirigiam ou voltavam de Lages e Campos-Novos, ahi faziam pouso, tanto mais descuidados quanto menos recentes as noticias de tropelias de bugres no sertão.

Eram os sertanejos devedores aos bugres de uma represalia, de que pareciam estes já se haver esquecido, quando deu-se o facto que vamos narrar e caracteriza perfeitamente a paciencia com que aguardam elles a vingança, com que a preparam e a intelligencia em desenvolver no ataque e na defesa só aproveitando todas as circumstancias favoraveis e neutralizando as contrarias.

Ao declinar de uma tarde do anno de 1866, uma tropa conduzida por seis homens e um menino de 12 a 14 annos, que vinha da Estiva com direcção ao sul, parou no Passo Ruim para pernoitar.

Solto os animaes, arrumadas as cargas, empilhadas as cangalhas, fizeram fogo os tropeiros, penduraram a caldeira do feijão e deixando o menino encarregado da cosinha, estenderam-se alli mesmo sobre a grama e logo adormeceram.

Pesado devia ser o somno, porquanto, haviam passado toda a noite anterior em um fandango, montando pela madrugada e seguindo caminho, sem haver pregado olho. Fervia o feijão e dormiam os tropeiros, quando o menino se dirigiu pelo matto ao corrego proximo, em procura d'agua.

N'essa occasião sahiram, com toda cautela, varios bugres da capoeira, que os occultara até então, dirigiram-se aos dormentes e com seis pancadas certeiras de cacete abriram-lhes os craneos.

Uma das pancadas não foi bem firme e a victima levantou-se atordoada querendo lutar, mas, novo golpe a prostrou, a poucos passos, sobre uns galhos seccos.

Em quanto isto se dava na clareira junto á estrada um indio extremamente alto e corpulento, atacava o menino no mato e fendia-lhe a cabeça até quasi o pescoço, com formidavel cacetada.

Acto continuo, esvasiaram os selvagens os saccos, aposaram-se das armas das victimas, tiraram todas as ferragens das cangalhas e de alguns barris de cachaça,

que com os sacos de assucar e sal formavam a carga da tropa, viraram os mortos de bruços e pousando-lhes os cacetes ao longo das costas partiram com os despojos.

No seguinte dia, o primeiro caminheiro que por alli passou viu a carnificina e a noticia vòu até a villa do Rio-Negro donde partiu o subdelegado, acompanhado de poucas praças e alguns sertanejos, a verificar o facto e perseguir os criminosos.

N'essa verificação a paciencia e pratica dos homens do sertão construíram, pelos factos visiveis, a scena de que não ficara testemunha, tal qual a narramos.

Assim foi que pelo estado do feijão, meio cosido e sem agua, e do fogo apagado e com pouca cinza, colligiram ter sido o ataque ao anoitecer e pouco depois da tropa chegar; pela altura de um galho quebrado pelo cacete quando descia sobre a fonte do menino, a estatura do bugre que o ferira etc...

Verificaram, ainda, pela abertura circular feita em uma moita próxima e pelo signal da pressão deixada, atraz d'esta, por um corpo humano que, durante mais de seis mezes, fôra aquelle pouso constantemente vigiado pelos indios á espera de ocasião propicia, a qual, finalmente, a fatalidade lhes apresentara tão a geito.

Enterrados os mortos e plantadas sobre as sepulturas 7 cruces, que ainda tive a ocasião de vêr, quando passei por este ermo e sinistro lugar, a expedição seguiu no rastro dos fugitivos.

Um dia depois chegou a um ponto do sertão, onde se via estreita trilha pela qual enveredaram cautelosos.

Inesperadamente, pouco antes de acabar a trilha divisaram na clareira onde esta ia dar, alguns ranchos de construcção recente e, n'um destes, evidentes mas não tanto a causar suspeitas, alguns objectos, como um cestinho de taquara, um arco etc., os quaes sam muito apreciados no sertão pela procura que têm.

Para logo, os homens da testa da fileira que seguia pela trilha prepararam as armas e avançaram com os olhos fitos na clareira e nos objectos que distinguíam.

De subito o da frente pisou terreno falso e cahiu n'um fojo, os dois immediatos, por um movimento instinctivo recuaram sobre os da retaguarda e sahindo da trilha, lateralmente, cada um para seu lado, cahiram tambem em outros dous fojos.

Já então os companheiros, percebendo a especie do perigo, se conservavam immoveis e promptos a receber os bugres.

Claro está que estes, tendo alcançado seu fim, não correriam os riscos de um ataque.

E esse fim era fazer voltar a expedição o que obtiveram, pois, seria rematada loucura continuar a perseguição, conduzindo tres homens feridos gravemente pelos aguçados estrepes dos fojos, e nem lhe restava o recurso de se dividir em duas turmas, voltando uma e seguindo a outra, por ser pouco numerosa.

Haviam portanto tirado completa vingança os selvícolas, mas, a serie das represalias continuaria, e, eram elles, agora, os devedores dos brancos que, conforme seus habitos, não deixariam de fazer o terrivel ajuste de contas

Lastimavel habito este, que vai até o ponto de crearem um imposto voluntario para levantarem e manterem bandeiras de bugreiros encarregados da matança dos indigenas, sem distincção de sexo nem idade, sob a denominação ostensiva, direi mais, official de - afugentadores de bugres.

E o que ainda mais admira é terem já sido pagos estes bugreiros, em época não muito afastadas, pelos cofres publicos.

Devo mudar de assumpto.

Como negar, portanto, aos botocudos do sul um gráo de desenvolvimento intellectual identico ao das raças mais adiantadas do Brasil, senão no presente pelo menos em épocas passadas...

Não será esta tribu, hoje reduzida pela guerra, os restos de uma grande raça que, sustada no seu progredir lento para a civilização pelo choque brusco com um povo invasor e dissemelhante e adiantado, abandonasse seus habitos e voltasse á vida nomade, em defesa das crenças, da família e da liberdade, tanto mais cara quanto mais preparada se acha a intelligencia para dar-lhes preço...

Este amor inveterado á liberdade e aos costumes: este horror á civilização que tão sinistramente se lhe manifestava: esta tenacidade por uma lucta que a aniquila, mas, conserva-lhes as crenças; todos estes factos que, hoje, assignalam como que um regresso ao ponto de partida, não mostrarão, também, um grande adiantamento do ponto da curva da evolução donde começou a operar-se o retorno?...

Mas, então, de que grande raça sam restos os botocudos do sul?... quaes os seus costumes, qual o seu habitat quando os invasores abordaram o continente americano?...

Profundas e complexas questões sam estas, para quem tão baldo se tem confessado de elementos e erudição necessarias á taes pesquisas.

Talvez algum dia possa dedicar algumas horas a estes estudos e trazer meu contingente, fraco embora, a solução do problema.

\*\*\*

Um dos mais poderosos elementos para indagações ethographicas é, por sem duvida, a lingua fallada pelo povo cujo passado se procura conhecer.

Mas, para alcançar este elemento, para fixal-o com criterio, sam necessarios longos annos de pratica, sam precisos conhecimentos especiaes e muito discernimento linguistico.

Um vocabulario, como o que vou dar em seguida, tomado de passagem por um engenheiro em serviço de sua profissão, pouco valor têm.

Deveria consignar vocabulos e depois phases com elles formadas, mas não me foi possivel fazel-o.

Além disso, para dar-lhe claresa, era preciso escrevel-o na orthographia harmonica proposta pelo Dr. Baptista Caetano, mas presentemente, falham-me

tempo e elementos e, portanto, contento-me em copiar o que escrevi na minha caderneta de campo.

## VOCABULARIO

Testa	I-cocáva
cabellos	I-crê-uem-croquy
Orelhas	I-nham-crê-uem
Cabeça	I-crê-uem
Olhos	ITy-coná-uem
Nariz	I-ny-nhá-uem
Bocca	I-nhá-cu-uem
Queixo	I-ló-uem
Lingua	Ty-ny-nha-uem
Dentes	I-ny-nha-uem
Peito	Ty-nungué-uem
Mãos	Ty-inungá-uem
Pés	Ty-pá-uem
Eu	I-nhá-uem
Tu	Am-á-uem
Mãe	I-nhom-uem
Pai	I-ug-uem
Milho (grão)	Graconam-uem
Milho (espiga)	Barabó-uem
Tigre	Mem-uem
Grande	Chy
pequeno	grám
Boi, cavalo, besta	Cavallú
Não	Deyá
Rio	Goyo-uem
Coroado (indio)	Guiú-uem
coroadá (india)	Guiú-si-uem
Casa	Zú-em-uem
Rancho	Auá-ıça-em-uem
Homem branco	Zug-uem
Mulher branca	Zug-si-uem
Preto (cor)	Ty-chùm-uem
Branco	Ty-cô-plin-uem
todas as demais cores	Ty-cô-chu-uem
Um	Ty-pery

Dois  
Alvorada  
Depois do sol nascido  
Pôr do sol  
Lua  
Torto  
Direito  
Não sei  
Bom  
Podre  
Arco  
Flecha  
Tripa  
Dormir  
Toma  
Da-me  
venha  
Couro de tigre  
Couro de tigre pequeno  
Cabeça de tigre grande  
Cabeça de tigre pequeno

Ty-rangre-uem  
Voyó-guê-uem  
Lá-jurú-uem  
Lá-uem  
Cochá-uem  
Ty-do-yó-guem-uem  
Ty-tom-ualom-chó-uem  
Dy-dô-con-uem  
Tinigrá-uem  
Ticucré-uem  
Ty-viriú-uem  
Ty-do-uem  
Ty-du-uem  
Tim-my-uem  
Inhó-zi-uem  
Cha-mô-zi-uem  
Catêna  
Mem-zoro-uem  
Mem-cram-zoro-uem  
Mem-chy-crê-uem  
Mem cram-crê-uem

Estes vocabulos e phrases me foram dados, com bastante intelligencia, pelo indio Felicio, por isto, é muito possivel que se resintam dos vicios de linguagem proprios da pouca idade de interprete.

Devo declarar que o vocabulo *uem* - em que terminam quasi todas as palavras, um som aspirado que fica entre uem e uam.

O unico nome indigena onde vi applicado este vocabulo, foi o do rio Pelotas, chamado Goyouem.

Tambem foi este o unico nome indigena de localidade que encontrei, não pertencente a lingua guarany.

Este facto talvez exprima ter sido a zona primitivamente povoada por aquella raça, tendo vindo occupal-a, os actuaes botocudos, por migração voluntaria ou forçada.

\*\*\*

### 6.3. TERRAS CEDIDAS PARA OS ÍNDIOS XOKLENG

Com o nobre intuito de secundar o Governo Federal na acção altamente patriótica e humanitaria que vem desenvolvendo ultimamente a favor dos nossos selvicolas por intermedio da Inspectoria do Serviço de Protecção aos Índios e Localisação de trabalhadores Nacionaes, subordinada ao Ministerio da Agricultura, o nosso Congresso Legislativo votou as leis sob ns. 1052 de 4 de Abril de 1911 e 1198 de 16 de abril do anno próximo passado, dando providencias sobre a reserva de terras devolutas, imprescindiveis para tão elevado fim.

Em obediencia áquellas leis o Governo fez baixar os decretos sob ns. 224 de 17 de Abril e 438 de 6 de Junho, o primeiro tomando medidas sobre o estabelecimento dos indios sob o mando do cacique Paulino Arakixó nas terras devolutas, sitas à margem esquerda do rio Ivahy e comprehendidas entre os rios Barra Preta e Marrequinhas, em permuta das anteriormente pelos mesmos occupados entre os rios Ivahy, Peixe, Jacaré e Baile, que foram, por conveniencia do serviço, cedidas á Inspectoria do Povoamento para a localisação de immigrants estrangeiros; o segundo, reservando para o estabelecimento e pacificação dos bravios indios botucudos da zona do Tayol e Itajahy, a area de terras devolutas, comprehendida entre os rios Preto, Itajahy e Bispo e limites orientaes da Colonia Lucena, na Comarca do Rio Negro.

Infelizmente, até agora, essas concessões como outras anteriormente feitas para o mesmo fim não foram convenientemente medidas e demarcadas pela Inspetoria de Protecção aos Indios, o que seria de grande conveniência fazel-o, não só para resalvar de futuro os direitos dos nossos indigenas, sempre ciosos das terras que occupam e desconfiados das promessas que lhes são feitas, como tambem para evitar duvidas com os nossos caboclos do sertão, impenitentes invasores de terras do Estado.

Em virtude de termo lavrado nesta Secretaria a 9 de agosto do corrente anno [1913 - WSP], o cidadão Frederico Ernesto Wirmond fez cessão de uma parte do seu terreno, denominado "Santa Maria", sito à margem esquerda do rio Iguassú, no Municipio de Palmas, aos indios que a occupavam de longa data, apoiados em um decreto de concessão a seu favor, mediante a compensação de uma area de terras devolutas, situada em outra qualquer zona, visto o Governo ter reconhecido os direitos d'aquelle cidadão ao referido terreno.

**FONTE: RELATÓRIO ANUAL DE GOVERNO DO PARANÁ - Secretaria de Obras e Viação da Provincia do Paraná (ano referencia -1913)**

\*\*\*

#### **6.4.TERRAS DEVOLUTAS CONCEDIDAS A COMPANHIA ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO RIO GRANDE**

Para a revalidação da concessão feita á Companhia da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande pelo Governo Federal, *ex-vi* dos Decretos ns. 10432 de 9 de Novembro de 1889 e outros, consolidados pelo de n. 3947 de 7 de Março de 1901 e de accordo com os contractos decorrentes, tem ella requerido a demarcação e medição de vastas extensões de terras devolutas, existentes na faixa de 15 kilometros para cada lado de suas linhas, sendo que os processos relativos a muitas dessas demarcações já foram approvados pelo Governo, como se poderá vêr pela relação abaixo e outros ainda estão em andamento.

Até esta data já foram approvadas medições dessa Companhia abrangendo uma area total de 345.901 hectares e 3.480 m.2, ou sejam 142.934 alqueires.

Tendo em vista a grande area de terras, já demarcadas pela Companhia e a maior ainda que pretende demarcar, com fundamento n'aquella concessão, bem como as duvidas suscitadas ultimamente sobre a legitimidade dos seus direitos com relação ás terras marginaes das suas linhas ainda não construidas e das terras que não fazem parte da primitiva concessão, anterior á promulgação da Constituição da República, que, em seu art. 64, fez passar para os Estados o dominio das terras devolutas, parece-nos de grande alcance para os interesses do Estado, o estudo previo desse importante assumpto, de modo a serem solucionadas aquellas duvidas, antes de qualquer prosequimento nas referidas demarcações.

Quanto a utilização das terras concedidas á Companhia, outro assumpto de grande relevancia que tem sido objecto de controversia, como se poderá ver do impresso mandado fazer pela mesma Companhia, onde vêm publicados os luminosos officios do ilustre Dr. Alberto Gaston Sanges, digno e zeloso Chefe do 12. Districto da Inspectoria Federal das Estradas de Ferro, datados de 19 de Fevereiro de 1912 e 11 de Janeiro do corrente anno e os que lhe foram endereçados em replica pelo sr. Dr. Frank J. Egan, D. Representante Geral d'aquella Companhia, acompanhados estes de duas brilhantes exposições elaboradas pelo emerito jurisconsulto Conselheiro Teixeira de Abreu, deve merecer tambem a analyse do governo para o fim de serem salvaguardados não só os interesses do Estado como os de innumerous patricios que, de boa fé, occupam partes dáquellas terras com suas culturas e bemfeitorias e que, no emtanto, estão sendo ameaçados de despejo por parte da Companhia, caso não se submettam ás condições que lhes são impostas por esta, conforme reclamações constantes dirigidas, ora ao Sr. Dr. Presidente do Estado, ora a esta Secretaria.

Cumpre-nos, no emtanto, consignar a bôa vontade e solicitude com que o Escriptorio de Terras dáquellas Companhia, neste Estado, sob a competente direcção do Dr. Marcellino Nogueira Junior, tem attendido aos pedidos de

informações desta Secretaria e mesmo a algumas reclamações dos ocupantes das terras medidas pela referida Companhia.

**FONTE: RELATORIO ANUAL DE GOVERNO DO PARANÁ. Secretaria de Obras e Viação da Província do Paraná - ano referência de 1913**

\*\*\*

## **6.5. MEMORIAL DESCRITIVO DE IDENTIFICAÇÃO DA TERRA INDÍGENA**

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA RIO DOS PARDOS

ALDEIAS INTEGRANTES

QUATI

GRUPO INDÍGENA

XOKLENG

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO : PORTO UNIÃO

UNIDADE REGIONAL FUNAI : ADR Chapecó

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
Norte :	26. 27' 59, 8" s	50. 58' 46, 3" Wgr.
Leste :	26. 29' 18, 7" s	50. 57' 22, 1" Wgr.
Sul :	26. 30' 01, 4" s	50. 57' 30, 7" Wgr.
Oeste :	26. 28' 15, 7" s	50. 59' 56, 4" Wgr.

## BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ORGÃO	ANO
SG - 22 - Z - A - I	1: 100.000	IBGE	1. 973

ÁREA : 828, 70 ha (Oitocentos e vinte e oito hectares, setenta ares aproximadamente )

PERÍMETRO : 12. 667. 750 metros (treze quilômetros aproximadamente)

## DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

**NORTE:** Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 26. 28' 15, 7"S e 50. 59' 56, 4"Wgr., localizado na margem direita do Rio dos Pardos; daí, segue por uma linha reta no azimute e distância aproximados 75. 49' 30" i 2.000, 00 metros até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 26.27'59,8"S e 50. 58' 46, 3"Wgr., localizado na margem esquerda do Córrego do Quati.

**LESTE:** Do ponto antes descrito, segue no sentido montante pelo citado córrego, na distância aproximada de 3. 907, 00 metros até o ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 26.29'18, 7"S e 50.57'22 , 1 "Wgr., localizado na margem esquerda de um dos formadores do córrego do Quati.

**SUL:** Do ponto antes descrito, segue por uma reta no azimute e distância aproximados 235. 37 ' 10 , 7"S - 2 . 302 , 00 metros até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 26 . 30 ' 01 , 4"S e 50 . 58 ' 30 , 7"Wgr., localizado na cabeceira do Córrego dos Índios.

**OESTE:** Do ponto antes descrito, segue no sentido jusante pelo citado córrego, na distância aproximada de 2.842, 00 metros até sua foz no Rio dos Pardos, no ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 26 . 29 ' 04 , 8"S e 50 . 59 ' 47 , 7"Wgr.; daí, segue no sentido jusante pelo citado rio, na distância aproximada de 1. 555, 00 metros até o Ponto 01, inicial da descrição.

**FONTE: Fundação nacional do Índio - FUNAI.  
Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF;  
Departamento de Demarcação - DEM.**

Data : 26 de Outubro de 1988; 30 de Novembro 1993

## **7 - FOTOS**

**Grupo étnico Xokleng do Rio dos Pardos 173-175**

**Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande 176-179**

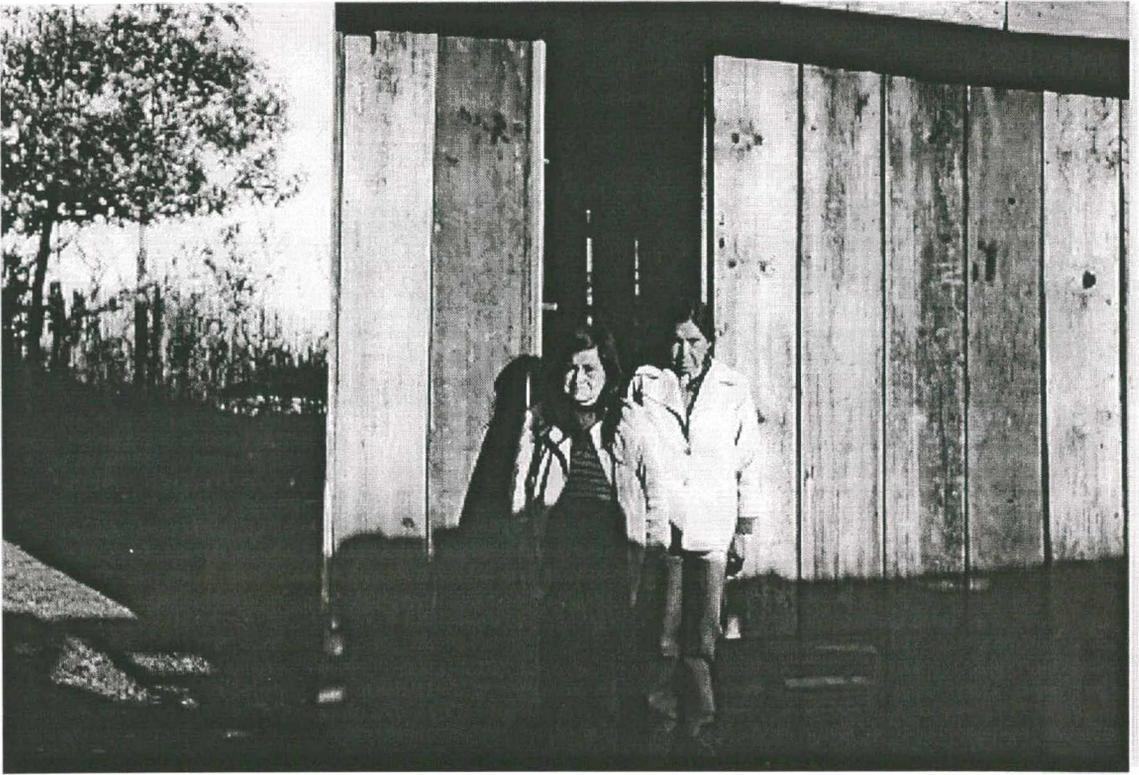
**Devastação ambiental produzida pela Lumber 180-182**



Família Xokleng do Rio dos Pardos  
Foto do autor - agosto/94



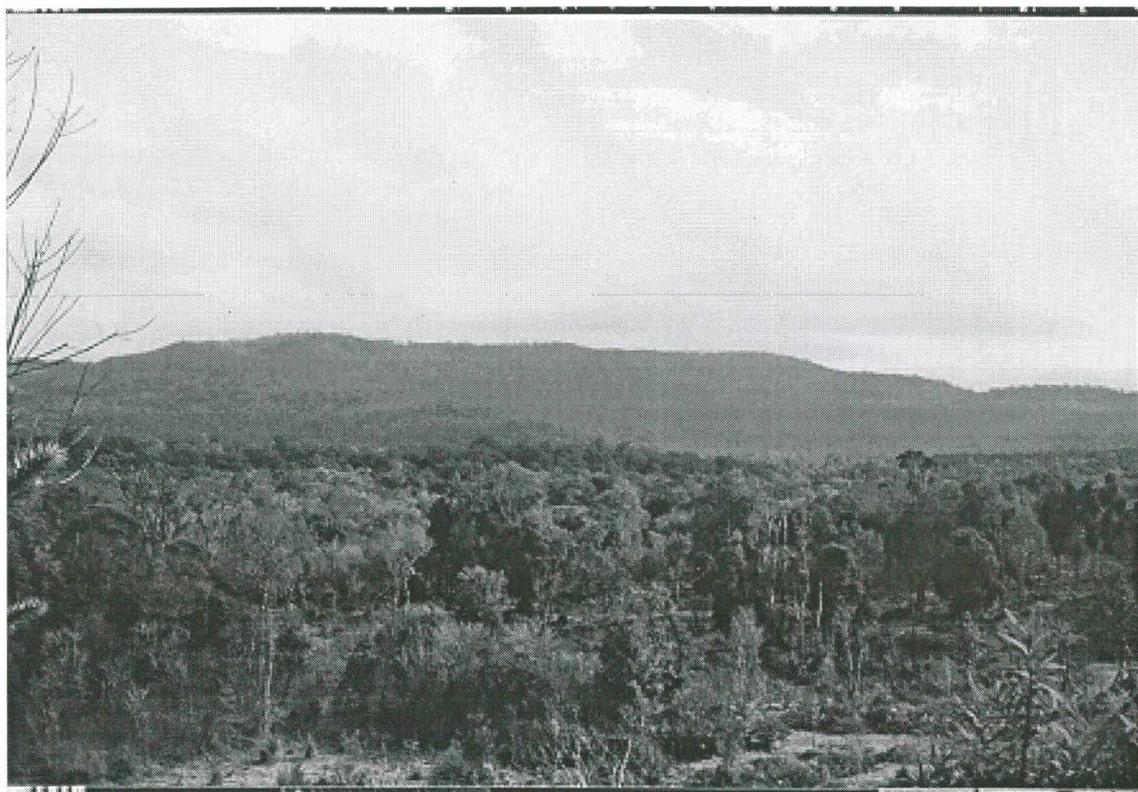
Reflorestamento da SINCOL S&A, marco divisório do território Xokleng no rio dos Pardos. Foto do autor - agosto/94.



D. Gümü e D. Maria Pereira, pessoas mais idosas do grupo Xokleng no rio dos Pardos - Foto do autor - Agosto/94.



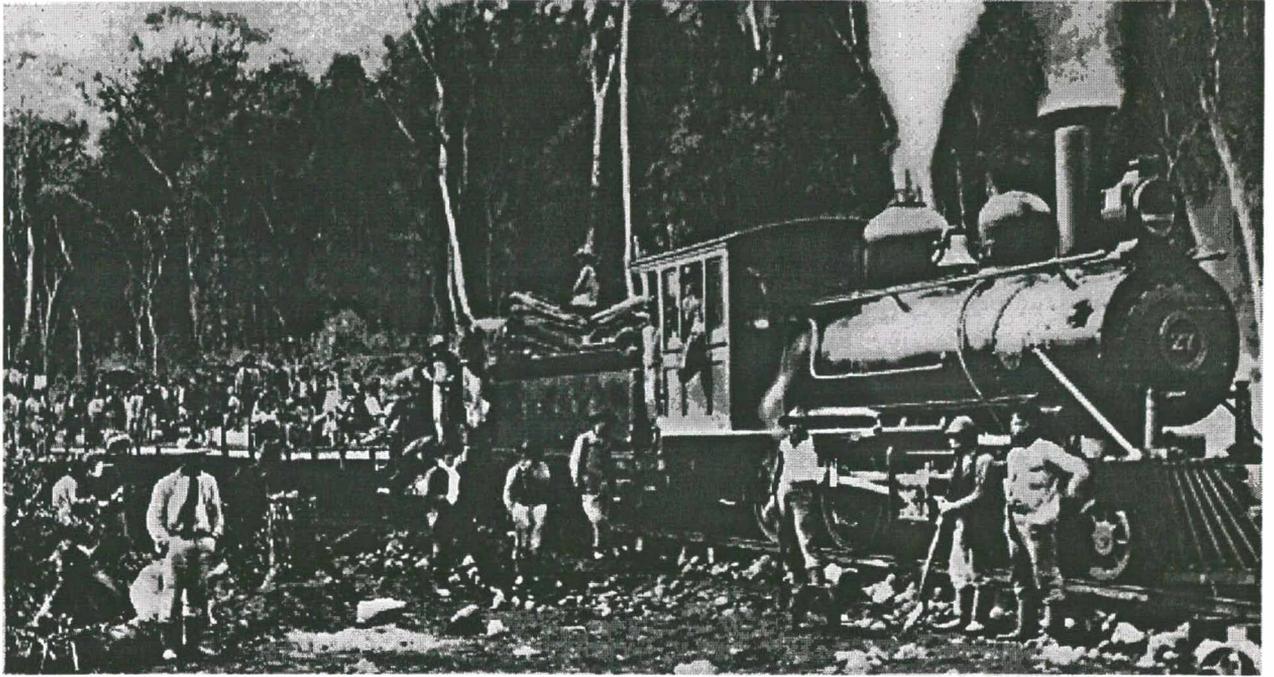
Casa abandonada no interior da área indígena identificada no rio dos Pardos  
Foto do autor - Agosto/94.



Interior do território Xokleng no rio dos Pardos, município de Calmon  
Foto do autor - agosto/94



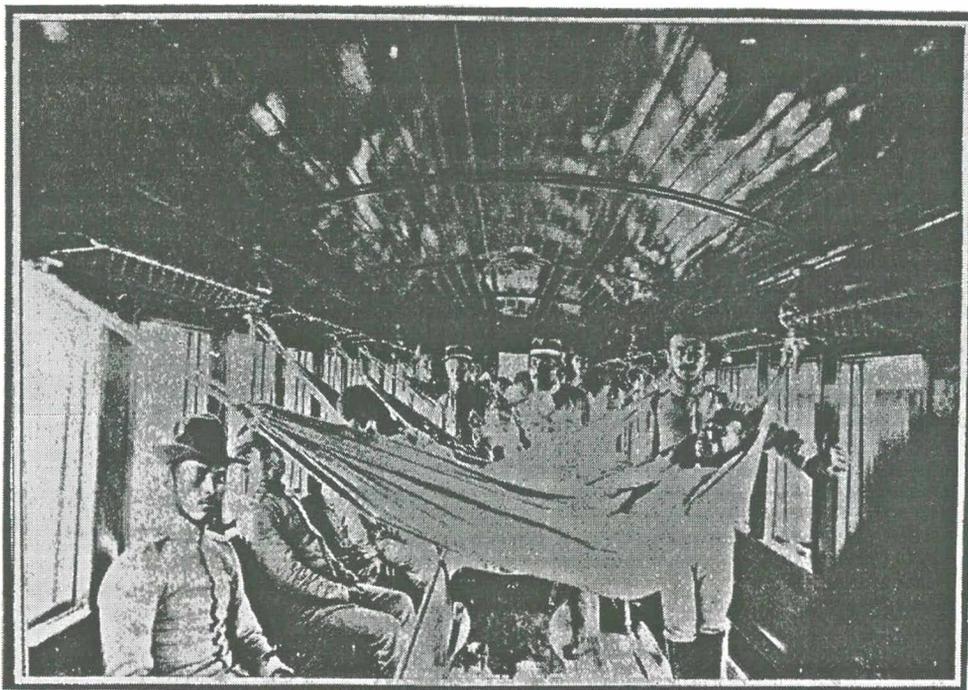
Rio dos Pardos, principal rio que corta a AI Xokleng identificada  
Foto do autor - agosto/94



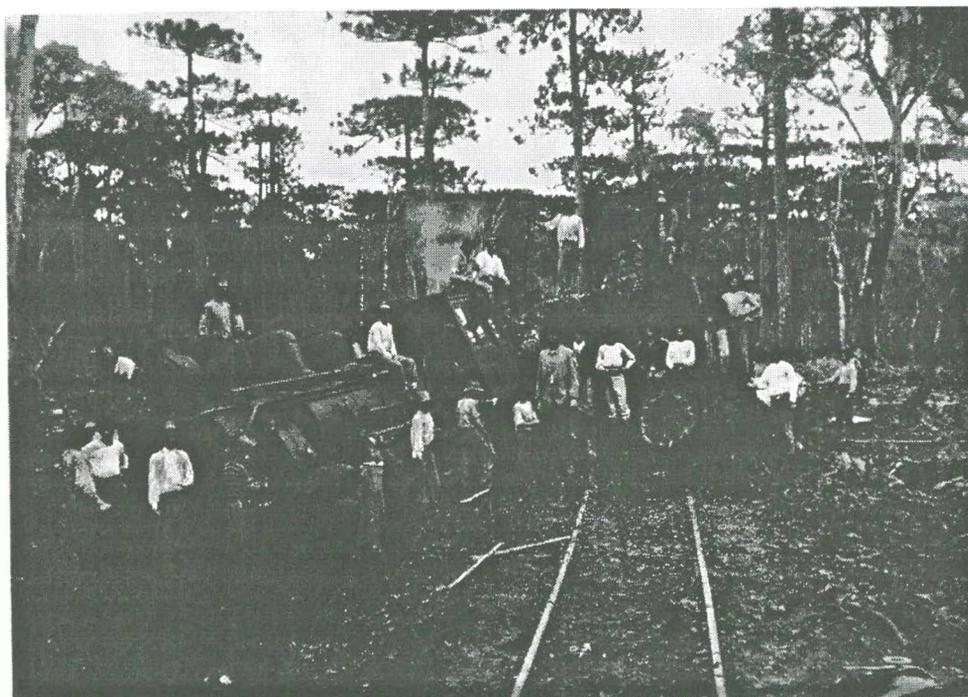
Locomotiva da EFSPRG conduzindo os operários-construtores para a frente de trabalho no vale do rio do Peixe. Foto- acervo do Museu Histórico e Antropológico do Contestado - MHAC.



Acampamento central da EFSPRG, localizado no município de Calmon 1909. Foto extraída do livro CONTESTADO (1976)



Vagão de passageiros da EFSPRG utilizado para o transporte de feridos durante a Guerra do Contestado 1912-1916. Foto - Reprodução fotográfica do livro Contestado (1986:98)



Acidente com locomotiva da EFSPRG ao longo da linha férrea nos primeiros anos de aparecimento do trem de ferro no sertão catarinense. Foto - Acervo do MHAC

Nº 74917

# BRAZIL



## Railway Company.

Frs. 500  
Fr. 175

Frs. 500  
Fr. 175

Capitalisation de la Compagnie par les de la République C.A.R.  
 CAPITAL ACTIONS \$40,000,000  
 20,000,000 ACTIONS DE 2,000 DOLLARS CHACUNE  
 20,000,000 ACTIONS DE 1,000 DOLLARS CHACUNE

SHANK CAPITAL \$40,000,000  
 20,000,000 SHARES OF 2,000 DOLLARS EACH  
 20,000,000 SHARES OF 1,000 DOLLARS EACH

Capitalisation de la Compagnie par les de la République C.A.R.  
 CAPITAL ACCIÖES \$40,000,000  
 20,000,000 ACCIÖES DE 2,000 DOLLARS CHACUNE  
 20,000,000 ACCIÖES DE 1,000 DOLLARS CHACUNE

OBLIGATION 4 1/2 POUR CENT PREMIERE HYPOTHEQUE. RENDEMENT ANNUEL EN CO ANS.

4 1/2 PER CENT FIRST MORTGAGE 60-YEAR GOLD BOND.

OBLIGACAO 4 1/2 POR CEMTO OUSO PRIMEIRA HYPOTHECA. RENDIMENTO ANUAL EM 60 ANOS.

*(English text, partially obscured)*  
 The Board of Directors of the Company...  
 The Board of Directors of the Company...  
 The Board of Directors of the Company...

*(Portuguese text)*  
 A Direção da Companhia...  
 A Direção da Companhia...  
 A Direção da Companhia...

*(English text, partially obscured)*  
 The Board of Directors of the Company...  
 The Board of Directors of the Company...  
 The Board of Directors of the Company...

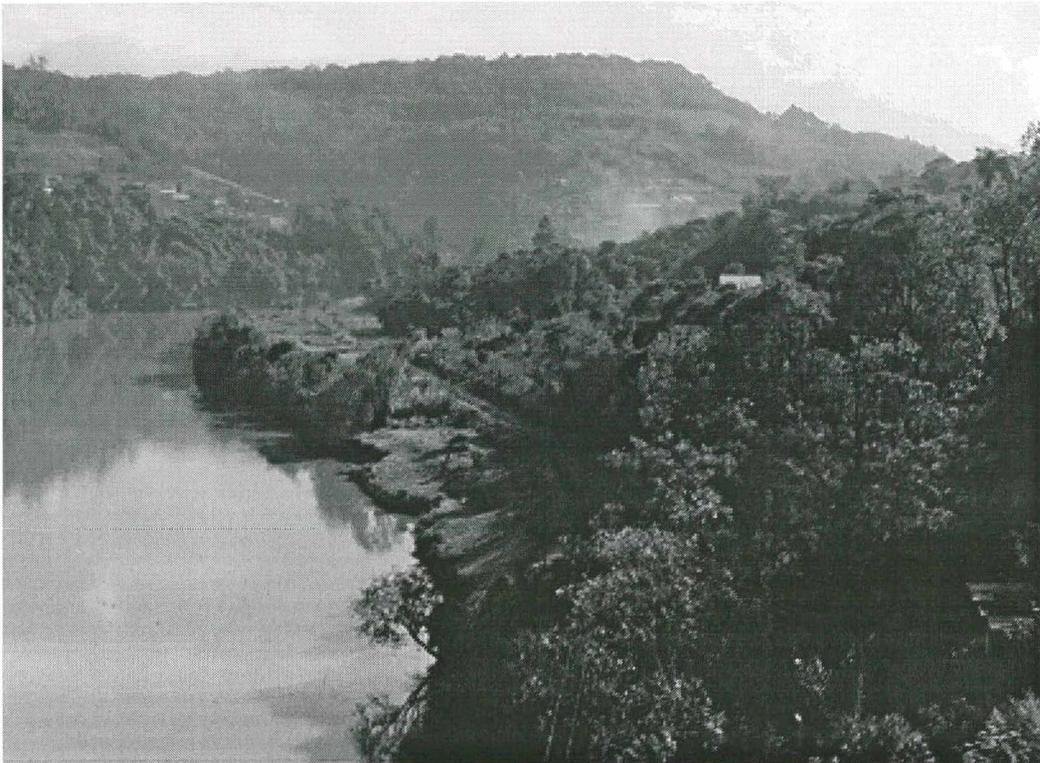
*(Portuguese text)*  
 A Direção da Companhia...  
 A Direção da Companhia...  
 A Direção da Companhia...

Luciano Magalhães

Antonio de Paula

Ação da Brazil Railway Company.

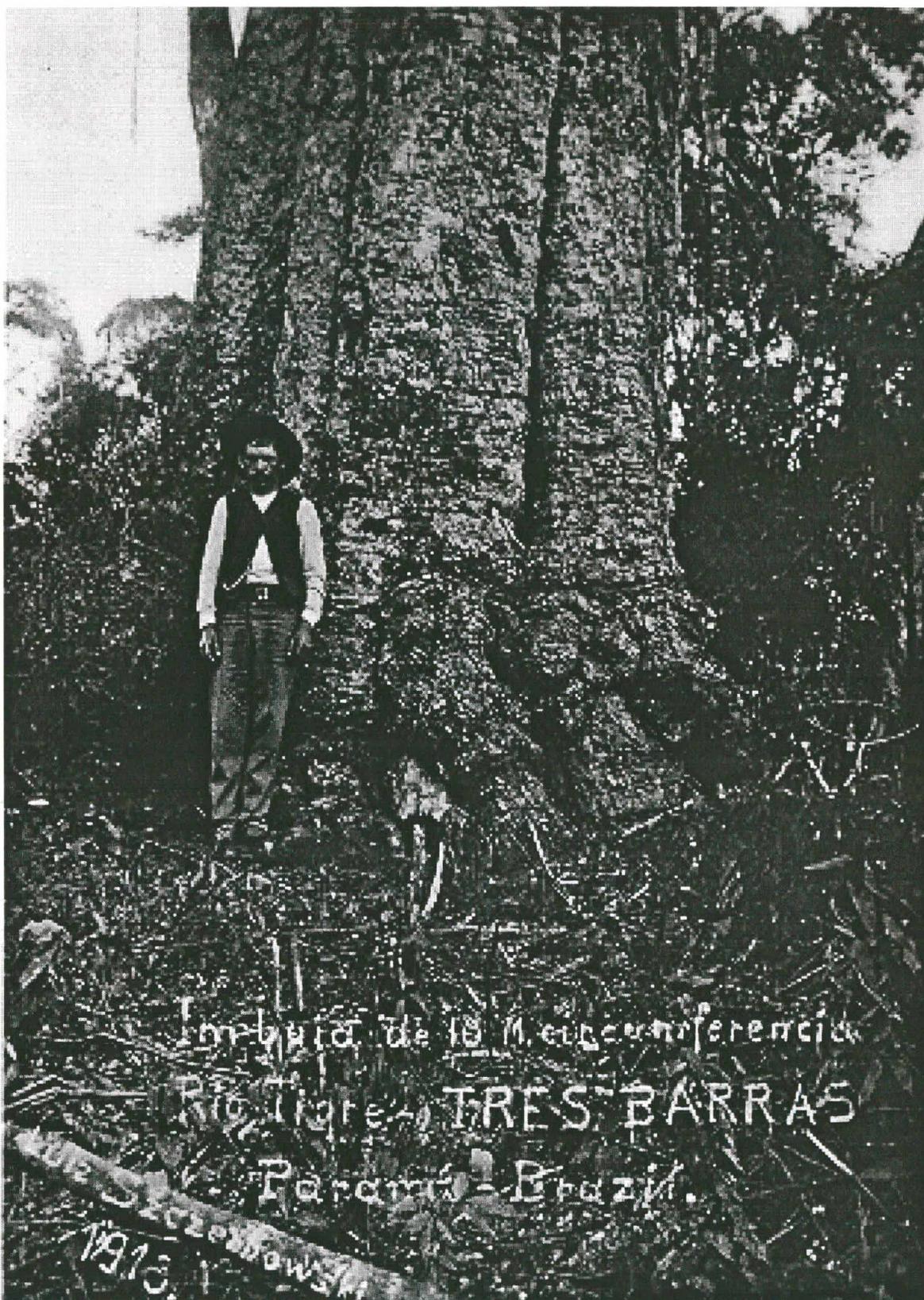
Foto- Reprodução fotográfica do livro Contestado (1986:36)



EFSPRG no Vale do Rio do Peixe, próximo a Joaçaba, meio-oeste catarinense. Foto- Sívio C. dos Santos, Dezembro de 1991



Carregamento de madeira extraída na região e escoada através dos trilhos da EFSPRG, estação de Calmon. Foto do autor - Janeiro/94.

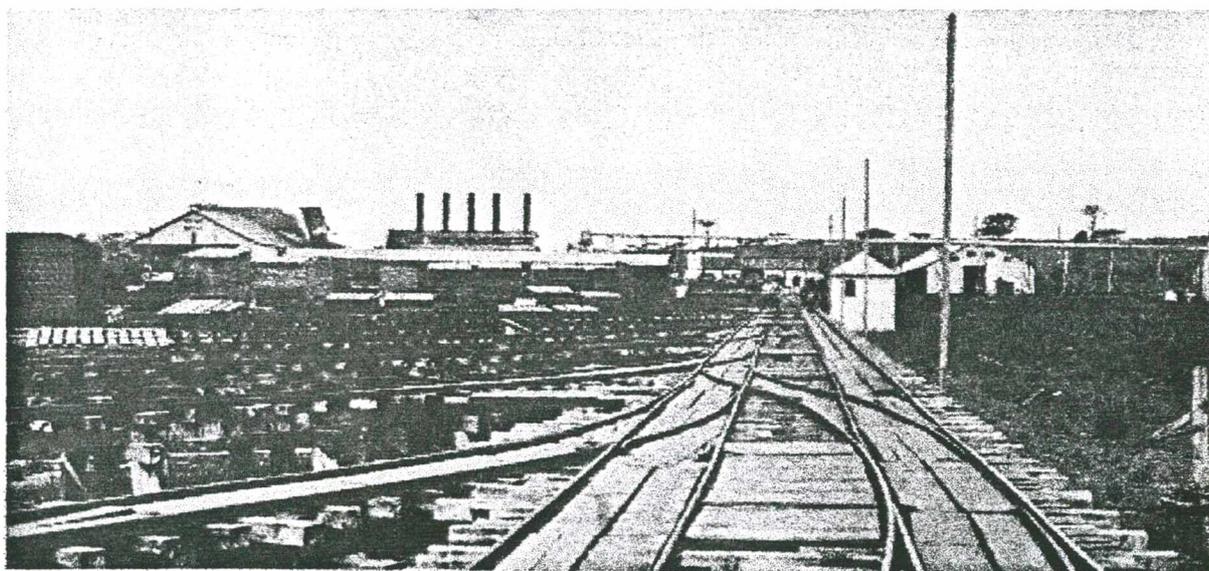


Imbuia com 10 metros de circunferência, atestando o fantástico potencial de recursos naturais devastados pela Lumber no início do séc. XX, em pleno território tradicional dos Xokleng no rio dos Pardos.

Foto - Reprodução fotográfica do Livro CONTESTADO (1986:16)



Comemoração da Independência dos EUA, em 4 de Julho de 1912, organizada pela empresa Lumber em Calmon. Foto extraída do Livro CONTESTADO (1986:45)



Ramal ferroviário da Lumber, maior empreendimento madeireiro da América do Sul, em Três Barras; localidade de onde era exportada a madeira explorada na região. Foto extraída do Livro CONTESTADO (1986: 56)



Serraria com esteira mecânica. Ao lado, locomotiva de transporte na linha férrea particular da Lumber. Foto extraída do livro CONTESTADO (1986:62).



Guinchos da empresa Lumber em torno da linha férrea, evidenciando o tipo de tecnologia largamente empregada na exploração dos recursos naturais da região no início deste século. Foto extraída do livro CONTESTADO (1986:61)

## 8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. "Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha"  
**Revista Brasileira de Ciências Sociais**. N. 24, ANPOCS, Rio de Janeiro,  
1994.
- ANDERSON, Perry. "Modernidade e evolução", in **Novos Estudos CEBRAP**,  
Fevereiro de 1986, n. 14.
- ARDITI, Benjamin. "O diagrama de pontos nodales ", 1991. mimeo.
- ASSIS, Machado de. "Evolução" in Obra selecionada em V Volumes.  
(apresentação de Otto Maria Carpeaux,) Rio de Janeiro, Lia/INL, s.d.
- AZEVEDO, Fernando. **Um trem Corre para o Oeste**. São Paulo, Martins Fontes  
Editora, 1950.
- BALANDIER, Georges. **Modernidad y Poder**. Barcelona, Júcar Universitária,  
1988.
- BARTH, Fredrik. "Introduction": in **Ethnic groups and boundaries**. F. Barth (org.)  
London: George Allen & Unwin, 1969. (Versão em Espanhol: Los grupos  
etnico y sus fronteras - la organización social de las diferencias culturales.  
Fondo de Cultura, México, 1976.)
- BERMAN, Marshall. **Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da**  
Modernidade. Companhia das Letras, São Paulo, 1987.
- BECKER, Ítala Irene Basile. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul**. Instituto  
Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo, 1976.
- BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo Caminho no Brasil Meridional: a Província**  
**do Paraná - três anos em suas Florestas e Campos 1872/1875**. José  
Olympio Editora/UFPR, Curitiba, 1974.
- BENJAMIN, Walter. KOETHE, Flávio R. (Org.) **COLEÇÃO GRANDES**  
**CIENTISTAS SOCIAIS** N. 50, São Paulo, 2ª edição, Ática, 1991.

- BOAS, Franz. **Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural**. Buenos Aires, Lautaro, 1947.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. "Santa Catarina no Século XVI". **Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense**. F.polis, Imprensa Oficial, 1950
- BOUTIN, Leonidas. "Colonias Indígenas na Província do Paraná". **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnológico Paranaense**. Ctba, 1979.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1960.
- CABEZA DE VACA, Álvaro Nuñez. **Naufraágios e Comentários**. LP&M, Porto Alegre, 1987.
- CALÓGERAS, Pandia. "A política Exterior do Império." in **REVISTA do IHGB**, 2 Vols. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1927.
- CANCLINI, Nestor Garcia. "?Modernismo sin Modernización?" in **Revista Mexicana de Sociologia**. México, 1989. pp. 163-189.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Brasília CNPq/ MCT/Tempo Brasileiro, 1988
- ."A noção de colonialismo interno e Etnologia" in **Revista Tempo Brasileiro**, ano IV, N. 8, Rio de Janeiro, 1966.
- . **O Índio e o Mundo dos Brancos**. Brasília, Edit. UNB, 1981.
- . **A Sociologia do Brasil Indígena**. TB, Rio de Janeiro, 1972.
- . "Práticas Interétnicas e Moralidade" in **Desenvolvimento e Direitos Humanos: a responsabilidade do antropólogo**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (org.) **Legislação Indigenista no Século XIX**. São Paulo, Comissão Pró-Índio, EDUSP, 1992.

- **A Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.**  
Brasiliense, São Paulo, 1986.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Paz e Terra,  
2ª edição, Rio de Janeiro, 1986.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Arawete: Os deuses canibais.** Jorge Zahar  
editor/ANPOCS, Rio de Janeiro, 1986
- CEDHU. **Entre la resignacion y la Esperanza: Los grandes proyectos de  
desarrollo y las comunidades indígenas.** Intercontinental Editora, Assunción,  
1989..
- CRAPANZANO, Vincent. "Diálogo" **ANUARIO Antropológico 88.** Tempo  
Brasileiro/UNB, Brasília, 1991.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 10ª  
edição, 1927.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social.**  
Petrópolis, Vozes, 1981.
- "The Peripher is not Empty" In XV Congresso Mundial de  
Ciência Política, Buenos Aires, Julho de 1991.
- DARELA, Maria Dorotéia P. "A casa da memória Xokleng" in 4ª **Reunião da  
ABA-SUL.** Florianópolis, 1993.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos.** Graal, Rio de Janeiro, 1986.
- **O lado oculto da Revolução.** Companhia das Letras, São  
Paulo, 1988.
- DAVIES, Natalie Zenon. **As Culturas do Povo.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.
- ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese.** Perspectiva, São Paulo, 1989.
- ENGEL, Magali Gouveia. "História da Cultura - buscas e caminhos" in Revista  
ÁYORA, Ano I, no 1, Niterói, 1993.
- FERREIRA, Barros. **O Romance da Madeira-Mamoré.** São Paulo, 1963.

- FAGUNDES, Geraldo Meyer. **A Economia da Segunda Metade do Século XIX, através das Exposições Universais de Paris de 1867, 1878 e 1889.**  
Dissertação de Mestrado, PUC, Porto Alegre, 1992.
- FARIA, Luis de Castro. **A Antropologia no Brasil: espetáculo e excelência.**  
Editora UFRJ/Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1993.
- FEYEABEND, Paul. **Contra o Método.** Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.
- FREIRE, Gilberto. **Ferro e Civilização no Brasil.** Record, Rio de Janeiro, 1988.
- GALVÃO, Eduardo. "Áreas Culturais indígenas do Brasil: 1900-1959" in **Encontro de Sociedades - Índios e Brancos no Brasil.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República.** Hucitec, SP, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas.** Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
- "Art as Cultural System" in **Local Knowledge.** Basic Books, New York, 1983.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** 2ª edição, editora da UNESP, São Paulo, 1991.
- GLUCKMAN, Max. Analysis of a social situation in modern zululand. The Rhodes-Livigstone Papers, 28. Manchester: Manchester University Press. (Tradução portuguesa in **Antropologia das Sociedades Contemporâneas.** Bela Feldmann-Bianco (Org.), São Paulo, Global, 1987.
- GUIMARÃES, Josué. **Depois do último trem.** L&PM, 6ª ed. Porto Alegre, 1991.
- HABERMAS, Jurgen. **Teoria de La Acción Comunicativa.** 2 vols., Editora Taurus, Madrid, 1988.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma - A Modernidade na Selva.** Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
- HANKE, Wanda. "Los Índios Botocudos de Santa Catarina, Brasil" in **Arquivos do Museu Paranaense, IV,** Curitiba, 1947.

- HARRIS, Marvin. **El Desarrollo de la Teoría Antropológica** - Historia de las Teorías de la Cultura. Siglo Veintiuno, 6ª edição, México, 1985.
- HELLER, Agnes. "Políticas de la Pós-Modernidad" in **Ensayos de Crítica Cultural**. Editora Península, Barcelona, 1989.
- HENRY, Jules. **Jungle People: a Kaingang tribe of the Highlands of Brazil**. New York: Vintage Books, 1941.
- HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780** - Programa, mito e realidade. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.
- **A Era das Revoluções**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- HUNT, Lynh. **A Nova História Cultural**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- IHERING, H. Von. "A Ethologia do Brasil Meridional", **RIHGS**, XI, São Paulo, 1907.
- "A questão dos índios do Brasil", **Revista do Museu Paulista**, Vol. III, São Paulo, 1911.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- KEMPF, Valter G. "Notas sobre um grupo de indígenas de SC" in **Revista do Arquivo Municipal**, CXII, São Paulo. pps. 25-34.
- KLIEMANN, Luiza Helena S. "A ferrovia gaúcha e as diretrizes de ordem e progresso" in **Revista Ibero Americana** 1977. pps. 11-18.
- KROETZ, L. **As Estradas de Ferro de Santa Catarina (1910-1960)**. Dissertação de Mestrado, UFPR, Curitiba, 1975.
- LAZIER, Hermógenes. **Análise Histórica da Posse da Terra no Sudoeste Paranaense**. Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, 1986.
- LEÃO, Ermelino A. de. "Os Botocudos do Paraná e Santa Catarina" in **XX Congresso de Americanistas**, s.d.

- LE GOFF, Jaques & NORA, Pierre. (Org.) **História - novos objetos**. 2ª edição, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976.
- LEITE, Jurandir Carvalho Ferrari. "Uma proposta para o monitoramento e análise das terras indígenas" in **ATLAS DAS TERRAS INDÍGENAS DO NORDESTE**. PETI, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Dezembro de 1993.
- LESSA, Simone. Do Cosmopolitismo ao Sertão. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Organização Social dos Kwakiutl" in **A Via das Máscaras**. Editorial Presença Martins Fontes, 1979. pp. 143-165.  
----- **Tristes Trópicos**. Lisboa, Edições 70; s.d.
- LIOBERA, Joseph R. "La Historia de la Antropologia como un Problema Epistemológico" in **Hacia Una História de las Ciências Sociales**. Editorial Anagrana, Barcelona, 1980.
- LIMA, Luiz Costa. "Uma Questão da Modernidade: O Lugar do Imaginário" in **Revista da USP**. Maio de 1989.
- LONDON, Jack. **De vagões e vagabundos**: memórias do submundo. Porto Alegre, LP & M, 1985.
- LYOTARD, Jean Françoise. "Reglas y Paradojas" in **Revista UNIVERSIDAD DE MÉXICO** N. 437, México, Junho de 1987.
- MALINOWSKI, Bronislau. **COLEÇÃO GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS N. 55**. São Paulo, Ática, 1986.
- MARCUS, George. "Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: Requisitos para Etnografia sobre a Modernidade no Final do Século XX ao nível Mundial" in **17ª Reunião da ABA**, Florianópolis, 1990.
- MARTINS, Ana luiza. **República um Outro Olhar**. Contexto, São Paulo, 1989.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva**. Lisboa, Edições 70 s.d.
- MENDES, Nicolau. **O império dos Coroados**. IHGRGS, Porto Alegre, 1954

- MOISÉS, Beatriz Perrone. **Vinte Luas**. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- MONTERO, Paula. "Dilemas da Modernidade no Mundo Contemporâneo",  
**Cadernos de Campo**, ano II, n. 2, Dep.to de Antropologia da USP, 1992.
- MOREIRA NETO, Carlos Araújo. **A Política Indigenista Brasileira Durante o Século XIX**. Rio Claro, São Paulo, Tese de Doutorado, 1971.
- . "A política indigenista brasileira" in RIBEIRO, **Carta'9:**  
**Falas, reflexões e memórias**. Brasília, Gráfica do Senado, 1993.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá, Edit. da UEM, 1994.
- MULLEN, Paul & VANDRESEN, Paulino. "O Bilinguismo Xokleng/português no Posto Duque de Caxias" in **Anais do Museu de Antropologia 1985/ 1986**,  
 Imprensa Universitária, UFSC, Florianópolis, Junho de 1990.
- NACKE, Aneliese. "As sociedades indígenas e a expansão capitalista" in **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. Ano XV, Florianópolis, 1985.
- NAMEM. Alexandro. **Botocudo: uma história de contacto**. FURB/UFSC,  
 Florianópolis, 1994.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo - sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará**. Campinas, Editora da INICAMP, 1993.
- & MANSUR GUÉRIOS, R. F. "Cartas Etno-lingüísticas."  
**Revista do Museu Paulista**, vol. 2, São Paulo, 1948. pps. 207-41.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. **"O nosso governo" - Os Ticuna e o regime tutelar**. MCT/CNPq/ Marco Zero, São Paulo, 1988.
- . "Os Instrumentos de Bordo: Expectativas e Possibilidades do Trabalho do antropólogo em Laudos Periciais", in **A Perícia Antropológica em Processos Judiciais**. Editora da UFSC, 1994.

- . "A VIAGEM DA VOLTA - reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas no nordeste" in **ATLAS DAS TERRAS INDÍGENAS DO NORDESTE**. PETI, Museu Nacional, Dezembro de 1993.
- OLIVEIRA, Luis Roberto de . "A Vocação Crítica da Antropologia" in **17@ Reunião da ABA**. Florianópolis, 1990.
- OLIVEIRA, Lúci Lippi. "Modernidade e questão nacional" in Revista **LUA NOVA**, No. 20, Maio de 1990. pps. 41-68.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. SP, Brasiliense, 1988.
- . **Cultura e Modernidade**. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- OURIQUE, Alfredo Ernesto Jacques. **Questão de Limite entre Paraná e Santa Catarina**. Rio de Janeiro, Revista do Exército, 1887.
- PARAISO, Maria Hilda Baquero. "Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX" in **Revista de Antropologia**. Volume 35, FFLCH/USP, 1992
- PAULA, José Maria de. "Memória Sôbre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo Serviço de Proteção aos selvícolas sob inspecção do Dr. José Maria de Paula". in **Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas**. Vol. I, Rio de Janeiro, 1924.
- PEIRANO, Mariza. "O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico" **Anuário Antropológico** 85, Editora da UNB, Brasília 1987.
- PEREIRA, Walmir da Silva. "A Outra Face da Modernidade: A Obscuridade do Projeto Moderno" in **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 7 N. 10, Florianópolis, Editora da UFSC, 1991.
- PIAZZA, Walter. "Contestado: uma reflexão" in **CONTESTADO**. Rio de Janeiro, FCC/ Editora Index, 1987.
- RAMOS, Alcida Rita. "O Antropólogo como Ator Político" in **17@ Reunião da ABA**, Florianópolis, 1990. mimeo.

RONDON, Candido Mariano da Silva. Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra. **Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas**. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Publicação n. 1, vol.1.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Voyage dans L'intérieur du Brésil - Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte-Catherine. Paris, 1851. Tradução - Carlos Costa Pereira. **Viagem à Provincia de Santa Catarina (1820)**. Brasiliana, Volume LVIII, São Paulo, 1936.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil - A Dramática Experiência dos Índios Xokleng**. - F.polis, Edeme, 1973.

----- . **Nova História de Santa Catarina**. 3ª edição, F.polis, 1995.

----- . **A Integração do Índio na Sociedade Regional**. UFSC, Florianópolis, 1970.

----- . "A Barragem de Ibirama e os Índios: uma tragédia no Sul do Brasil". in 48 th International Congress of Americanists, StckloIm, July, 1994.

----- . "Metodologia para o estudo de Projetos de Desenvolvimento e suas Implicações Políticas: O Caso das Hidrelétricas." F.polis, 1989.

----- . **Povos Indígenas e a Constituinte**. Movimento/Editora da UFSC, Porto Alegre, 1989.

SCHADEN, Francisco S.G. Xokleng e Kaingáng "Notas para um estudo comparativo" in SCHADEN, Egon. **Cultura e Sociedade no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1972.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **O Espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 -1930**. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

- . "O romance naturalista: entre a ruptura e a tradução" in **Revista de Antropologia da USP - Departamento de Antropologia - FFLCH/USP** vol. 35, São Paulo, 1992.
- . " Entre amigas: relações de boa vizinhança" Dossiê Nova História, in **Revista da USP**, N. 24, São Paulo, 1994.
- SEEGGER, Anthony. "Ladrões, Mitos e História: Karl von den Steinen entre os Suiá - 3 a 6 de Setembro de 1884." in **Karl Von Steinen: um Século de Antropologia no Xingu**. COELHO, Vera P. (Org.) EDUSP, SP, 1993.
- SHALINS, Marshall. "Cosmologias do capitalismo: o setor transpacífico do Sistema Mundial", in **16 @ Reunião da ABA**, Campinas, 1988.
- . **Ilhas de História** . Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- . **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SILVA, Sérgio Baptista da. "Arqueologia demográfica dos assentamentos Itararé da praia da Tapera -SC". **Cadernos do MARS** - Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, N. 2, Porto Alegre, 1990.
- SOUZA LIMA Antonio C. de. "Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da Proteção Fraternal no Brasil" in OLIVEIRA FILHO (Org.) **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Editora UFRJ/Marco Zero, Rio de Janeiro, 1987.
- . O SANTO SOLDADO - Pacificador, Bandeirante, Amansador de Índios, Civilizador dos Sertões, Apóstolo da Humanidade. Uma leitura de Rondon conta sua vida, de Esther de Viveiros. PPGAS - UFRJ, Museu Nacional, **Comunicação** n. 21, Rio de Janeiro, 1990.
- SOUZA, Marcio. **Mad Maria**. Editora Civilização Brasileira, São Paulo, 1980.
- SOUZA PITANGA, A. Ferreira. "O Selvagem perante o Direito", **RIHGB**, tomo LXIII, Parte I, Rio de Janeiro, 1901.

STAVENHAGEN, Rodolfo. "Etnodesenvolvimento: Uma dimensão Ignorada no Pensamento Desenvolvimentista". In **Anuário Antropológico/84**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

RIBEIRO, Darci. **Os Índios e a Civilização - A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno**. RJ, Vozes, 5ª edição, 1986.

----- . "A Pacificação dos Xokleng" in **Carta ' 9: falas, reflexões e memórias**. Brasília, Gráfica do Senado, 1993.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Quanto más grande mejor? proyectos de gran escala: una forma de producción vinculada a la expansión de sistemas económicos. **Desarrollo Económico**, Buenos Aires, v. 27, n. 105, p. 3-27, abr/jun. 1987.

----- . "Militares, Antropologia, Desenvolvimento (Uma abordagem Preliminar)" in **SÉRIE ANTROPOLOGIA N. 81**, Brasília, UNB, 1989.

----- . **Empresas Transnacionais: Um grande projeto por dentro**. São Paulo, ANPOCS/Marco Zero, 1991.

RIESEMBERG, Alvir. **A instalação humana no vale do Itajaí**. Curitiba, Ed.do autor, 1973.

TEIXEIRA MENDES, Raimundo. "O cientismo e a defesa dos indígenas." Apostolado Positivista do Brasil, Rio de Janeiro, 1908.

THOMÉ, Nilson. **Trem de Ferro - A Ferrovia no Contestado**. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1983.

THOMPSON, E. P. "Folklore, antropologia y história social" in **Entrepasados**, Ano II, n.2, Buenos Aires, 1992.

TORRES, Alberto. **O Problema Nacional Brasileiro - introdução a um programa de organização nacional**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.

TURNER, Frederick. **O Espírito Ocidental contra a Natureza - Mito, História e as Terras Selvagens**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1990.

TURNER, Terence. " Da cosmologia à ideologia: resistência, adaptação e consciência social entre os Kaiapó. 1987. mimeo.

WACHOWSKI, Rui Cristovam. "O Xokleng na Província do Paraná - O aldeamento do Papanduva". **IHGPR**, Vol. XXX, Curitiba, 1980.

-----". "A Imigração e os Botocudos (Xokleng) do Taió". **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores de História**, São Paulo, 1969.

-----". "O comércio da madeira e a atuação da Brazil Railway no Sul do Brasil". **Separata do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Campinas, 1971.

WERNER, Dennis W. "Mudança Demográficas no Posto Indígena Ibirama". **Anais do Museu de Antropologia**, V. 15, n. 16, pp. 24-33, dez, 1984.

VIDAL, Lux Boelitz. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira**. Editora Hucitec/Editora da USP, São Paulo, 1977.

VIEIRA da Rosa, José. **Chorographia de Santa Catarina**. Typografia da Livraria Moderna, Florianópolis, 1905.

WOLF, Eric R. **Europe and the people without history**. Berkeley, Los Angeles, 1982.

\*\*\*

## JORNAIS, DOCUMENTOS DE ARQUIVOS, RELATÓRIOS

Jorna A VANGUARDA (campos Novos) 1907-1910

Jornal O TRABALHO (Porto União) 1907-1910

Jornal do Comércio (Rio de Janeiro) 1907-1908

Ofícios das províncias do Paraná e Santa Catarina 1850-1880

Relatórios Provinciais de Paraná e Santa Catarina (1853-1889)

Relatório da FUNAI-Chapecó (1993)

Relatório de Identificação da Terra indígena do Rio dos Pardos (1988/1993)

## REFERÊNCIAS E LOCAIS DA PESQUISA DOCUMENTAL

Arquivo Público do Paraná (APPR)  
Arquivo Público de Santa Catarina (APSC)  
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS)  
Associação Nacional de Apoio ao Índio ANAI/RS  
Biblioteca Pública Municipal de Matos Costa - SC  
Biblioteca Pública Vidal Ramos - Caçador -SC  
Biblioteca Pública do Estado do Paraná  
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina  
Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina  
Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina  
Fundação Educacional Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE)  
Museu Histórico e Antropológico do Contestado ( Caçador)  
Museu Antropológico do Rio Grande do Sul - MARS  
Museu Paranaense  
Museu de Ciências Naturais - La Plata  
Museu do Índio (FUNAI) - Rio de Janeiro  
Museu do Trem - São Leopoldo  
Museu da RFFSA - Curitiba  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Paraná  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Universidade Federal do Rio Grande